

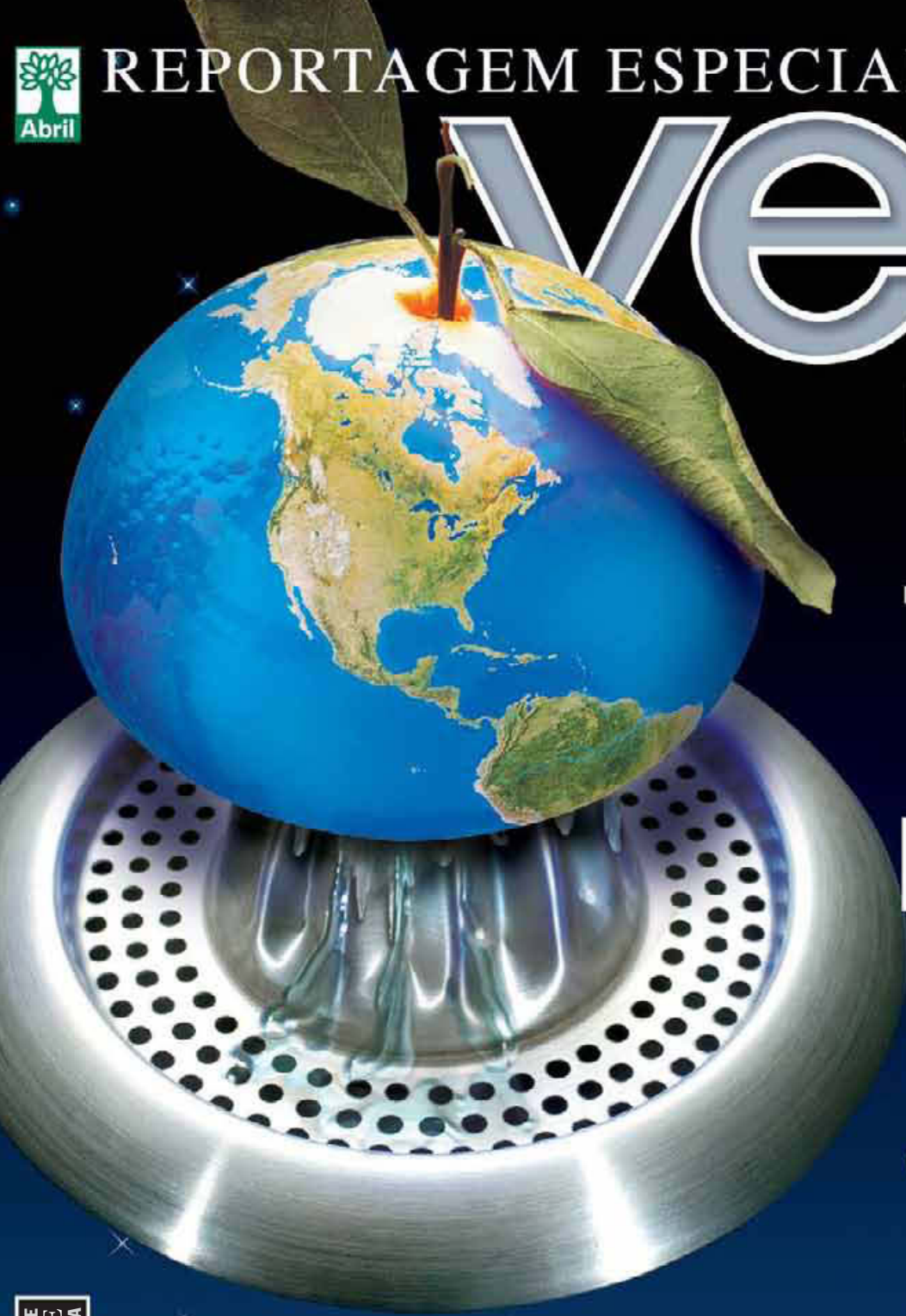


REPORTAGEM ESPECIAL

Editora ABRIL
edição 1926 - ano 38 - nº 41
12 de outubro de 2005

veja

www.veja.com.br



A TERRA NO LIMITE

- Já estamos arrancando do planeta mais do que ele pode dar
- O contra-ataque da natureza: novos vírus e epidemias
- O ciclo vital da Floresta Amazônica começa a se romper

EXEMPLAR DE
ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
R\$ 7,30

OS NEGÓCIOS DE VAVÁ Irmão de Lula faz lobby na Petrobras, na Caixa e até no Planalto

**Um banco perfeito para você,
onde mais do que encontrar tudo
você encontra tudo do seu jeito.**



personnalité

feito para você



O Itaú Personalité oferece a conveniência do Banco Itaú, aliada a um atendimento personalizado, com agências, produtos e serviços exclusivos. Consultorias especializadas de investimentos, de previdência e um gerente altamente capacitado para a administração dos seus recursos. Venha conhecer as vantagens de ser um Cliente Itaú Personalité.

C.A. S/AE/MF Nº 06/0048/2005. Para mais informações, consulte o regulamento da promoção no site: www.seliganocelular.com.br. Período para o envio dos códigos: 18/09/05 a 01/12/05, até as 12h.



*Pegue o código
que você encontra
nas embalagens de
Pepsi ou Ruffles*.*

*Compre uma
Ruffles ou
uma Pepsi.*

*Promoção válida para os pacotes de Ruffles com a tira promocional e Produtos Pepsi e Pepsi Twist com tampinhas amarelas.

Envie do seu celular uma
mensagem de texto com
o código para o número

48000

Concorra a

**1 celular
por hora**

Edição limitada
Nokia Trends.

E também a

**1 carro
por semana**



Fotos ilustrativas.

Pegue seu carro.

Cada código só pode ser enviado 1 vez. Custo
de R\$ 0,31 mais impostos por código enviado.

Os ganhadores serão divulgados
no site www.seliganocelular.com.br.

Os ganhadores dos carros serão premiados
com um cartão do HSBC carregado
com R\$ 350,00 de crédito para abastecer.

HSBC 

Sorteios de 01/10/05 a 01/12/05.



RENAULT
Financeira



**As Concessionárias Renault
estão de portas abertas. Participe.
Pegue sua chave e concorra.**

**PROMOÇÃO
PORTAS
ABERTAS**
FINANCEIRA RENAULT
DE 12 A 16 DE OUTUBRO⁽¹⁾

**3 Renault
Clio na chave**

Se ligar, o carro é seu.



Clio Expression 2P
com ar-condicionado
e direção hidráulica.



Apple iPod shuffle 512 MB, bonés e camisetas pólo oficiais Renault FI Team.

**+1 Renault
Clio, 30 iPods e 100 kits oficiais
no sorteio.⁽²⁾**

Preencha o cupom e boa sorte!



Bernardino, técnico
campeão de vôlei.

“Só mesmo a Renault, uma fábrica
brasileira que entende tudo de
vitórias, podia convidar você para
uma promoção assim.”

SAC Renault: **0800 055 5615**

Os Renault Clio Expression a serem premiados não são os veículos expostos nas concessionárias, mas veículos semelhantes que serão posteriormente entregues aos ganhadores. ⁽¹⁾ Atenção: as concessionárias De Marco e Liberté, de Santa Catarina, DR Sul, Itambé, Renosul Novo Hamburgo, Rüdiger e Sulbra, do Rio Grande do Sul, e Pontavel, do Paraná, não abrirão no dia 12/10/2005. As concessionárias Atlântica, do Espírito Santo, e Eurovia, de Pernambuco, não abrirão no dia 16/10/2005. Para sua maior comodidade, consulte dias e horários de funcionamento das concessionárias através do site www.cluberenault.com.br ou pelo 0800 055 5615. ⁽²⁾ Veja o regulamento completo da promoção nas Concessionárias Renault participantes. ⁽³⁾ Taxa de juros válida para as Linhas Clio e Scénic 05/05 e 05/06 0 km nas seguintes condições: financiamento pelo CDC (Crédito Direto ao Consumidor) com entrada de 50% do valor à vista + saldo financiado em 18 vezes, com 0% de juros + IOF + R\$ 2,15 por lâmina do boleto bancário. Financiamento Renault através da Cia. de Crédito, Financiamento e Investimento Renault do Brasil. Crédito sujeito a análise e aprovação de cadastro. Taxa de Abertura de Crédito (TAC) não inclusa. As taxas poderão ser alteradas, se houver mudanças significativas no mercado financeiro, sem prévio aviso. ⁽⁴⁾ Preço à vista sugerido do Scénic Authentique Hi-Flex 1.6 16V 05/06, com frete incluso, cor sólida. Ou entrada de 50% (R\$ 26.495,00) + 18 vezes de R\$ 1.487,96, com taxa de 0% de juros +

TODA A LINHA Clio e Scénic com

TAXA
0%
ENTRADA +
18⁽³⁾X

Renault Scénic Authentique Hi•Flex

Motor bicom bustível 1.6 16V 115 cv 05/06

- 2 anos de garantia
- Air bag duplo
- Direção hidráulica
- Ar-condicionado
- Vidros e travas elétricas
- Sistema CAR – travamento automático das portas a partir de 6 km/h
- Bloqueio de ignição por transponder
- Frete incluso

R\$ 52.990,⁽⁴⁾

À vista + pint. metálica.



Fabricado no Brasil



Fabricado no Brasil

Renault Clio Authentique

1.0 8V 2P 05/06

- Faróis com duplo refletor óptico
- Ar quente
- Frete incluso
- Para-choques na cor da carroceria
- Vidros verdes

R\$ 23.990,⁽⁵⁾

À vista + pint. metálica.

www.cluberentault.com.br

IOF + R\$ 2,15 por lâmina do boleto bancário. Valor total a prazo de R\$ 53.278,28. Não estão inclusos os valores de pintura metálica e demais opcionais. Estoque: 100 unidades. ⁽³⁾ Preço à vista sugerido do Clio Authentique 1.0 8V 2P 05/06, com frete incluso, cor sólida. Ou entrada de 50% (R\$ 11.995,00) + 18 vezes de R\$ 673,64, com taxa de 0% de juros + IOF + R\$ 2,15 por lâmina do boleto bancário. Valor total a prazo de R\$ 24.120,52. Não estão inclusos os valores de pintura metálica e demais opcionais. Estoque: 50 unidades. Condições válidas somente na rede de concessionárias participantes, durante a Promoção Portas Abertas Financeira Renault, e limitadas aos estoques distribuídos nas Concessionárias Renault. As quantidades de veículos divulgadas referem-se à soma total distribuída nas concessionárias participantes. Para sua maior comodidade, consulte-nos sobre as disponibilidades individuais e informações adicionais. Fotos para fins publicitários. Alguns itens mostrados e/ou mencionados são opcionais e/ou acessórios e/ou referem-se a versões específicas. Modelos, códigos e valores estão sujeitos a alterações conforme política de comercialização da fábrica. A Renault reserva-se o direito de alterar as especificações de seus veículos sem prévio aviso. Preserve a vida. Cintos de segurança em conjunto com air bags podem salvar vidas. CA SEAE/MF N° 06/0080/2005 e 06/0081/2005.



SEÇÕES

Carta ao leitor	9
Entrevista: Hebe Camargo	11
Ponto de vista: Stephen Kanitz	22
Millôr	29
Cartas	32
Holofote	46
Contexto	47
Radar	48
Veja essa	52
André Petry	70
Gente	78
Datas	82
Tales Alvarenga	92
Diogo Mainardi	139
VEJA Recomenda	140
Os livros mais vendidos	141

BRASIL

Governo	<i>A estratégia do Planalto de desmoralizar as denúncias</i>	54
	<i>Os negócios do irmão do presidente</i> ..	58
Desarmamento	<i>O debate destrambelhado</i>	66
São Francisco	<i>Greve de fome do bispo interrompe obra faraônica de Lula</i>	68
	<i>Transposição das águas — e das verbas — causa polêmica</i>	72
CPI	<i>Acareações mostram como é fácil roubar o Erário</i>	76

ESPECIAL

<i>O planeta à beira do desastre</i>	84
<i>O desperdício das águas</i>	88
<i>Os cenários apocalípticos</i>	94
<i>A poluição brasileira: ar, terra e água</i>	96
<i>A resposta dos vírus e bactérias à ação do homem</i>	98
<i>As 7 pragas da Amazônia</i>	102
<i>Pagando para ver o desastre</i>	114
<i>As florestas de proveta</i>	116

GERAL

Psicologia	<i>O papel do humor no sexo</i>	122
Nobel	<i>Academia anuncia os vencedores</i> ..	129

GUIA

Casa	<i>Novos eletrodomésticos: úteis e decorativos</i>	124
-------------	--	-----

ARTES E ESPETÁCULOS

Cinema	<i>O Jardineiro Fiel, de Fernando Meirelles</i>	130
	<i>O Senhor das Armas, com Nicolas Cage</i>	133
Arte	<i>Uma megamostra de peças pré-colombianas no Rio</i>	134
Música	<i>Rock rebelde é coisa de criança</i> ..	136
Livros	<i>Não Me Abandone Jamais, de Kazuo Ishiguro</i>	138
Ensaio	<i>Roberto Pompeu de Toledo</i>	142

ESPECIAL

A degradação ambiental: até quando a Terra agüenta? Pág. 84



TOM STODDART/GETTY IMAGES

EM VEJA ON-LINE www.veja.com.br

Código de acesso desta edição para leitores de banca: **ABAETÉ** Válido até 20/10/2005

A seção Em Profundidade ganha um novo tema: armas de fogo. Reportagens sobre o impacto das armas na sociedade brasileira, as iniciativas do governo em favor do desarmamento, links e infográficos. ■ Trailer e fotos do filme *O Jardineiro Fiel*, de Fernando Meirelles. ■ Trecho do livro *Não Me Abandone Jamais*, de Kazuo Ishiguro. ■ Galeria de fotos da exposição de peças pré-colombianas.

Carta ao leitor

Sintonia com os leitores

Além de bater o recorde de cartas enviadas à redação, a reportagem de capa da semana passada conseguiu uma confortável maioria de aprovação entre seus leitores — 59% ficaram a favor da tomada de posição de VEJA contra a proibição da comercialização de armas, enquanto 32% não se convenceram dos argumentos apresentados. Uma maioria ainda mais expressiva dos leitores, independentemente de suas opiniões sobre as armas em si, reafirmou em suas cartas a tese central defendida na reportagem: o referendo é um embuste, uma inutilidade do ponto de vista prático e não deveria sequer ter sido convocado.

Uma nova reportagem sobre o tema publicada na presente edição aprofunda a questão da democracia direta. Ela mostra que os referendos, instrumentos válidos de aferição da vontade popular, são cada vez mais frequentes no mundo atual. Seu sucesso, porém, depende da sabedoria na escolha do tema consultado. Não é o caso da questão do comércio e porte de armas. A reportagem demonstra que as consultas diretas bem-sucedidas foram aquelas que visaram a arbitrar conflitos entre diferentes grupos de interesses na sociedade ou a cancelar reformas constitucionais. Entre mais de 1 500 referendos e plebiscitos estudados pelos repórteres da revista — metade deles feita nos últimos 25 anos —, apenas um era uma consulta sobre o direito do governo de proibir os indivíduos de usar armas. Ele foi realizado no minúsculo principado de Liechtenstein (33 000 habitantes). O governo perdeu.

O NÃO venceu entre os leitores de VEJA

A reportagem de capa de VEJA da semana passada, que trata do referendo sobre a venda de armas, bateu o recorde de manifestação dos leitores. Até quinta-feira, 2 306 mensagens eletrônicas, fax e cartas sobre o assunto tinham chegado à redação — de um total de 5 011.

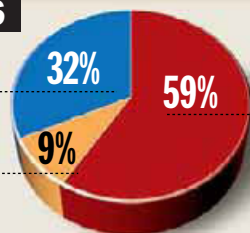


O recorde anterior pertencia à reportagem “O que querem os radicais do PT” (23 de outubro de 2002), que motivou 964 cartas. O quadro abaixo mostra como se dividiram as opiniões dos leitores a respeito da tentativa de desarmar a população por referendo popular

TOTAL: 2 306

SIM
(736)

SÓ COMENTARAM
(209)



NÃO
(1361)

GOTAS.

Par de brincos de ouro branco 18K com pavé de diamantes.

Peças ampliadas para mostrar detalhes.

0800-227442 SAC@hstern.com.br VE0382 ©H.Stern 1998

www.hstern.com.br



60 anos
H. Stern

Um TV tão fácil de carregar
quanto você já foi um dia.

PRODUZIDO NO PÓLO INDUSTRIAL DE MANAUS. CONHEÇA A AMAZÔNIA.



TV1033ACDC

Chegou o novo TV de Colo.

- Televisor de 10 pol. (25cm) (diagonal visual aprox. 22cm)
- Acessórios incluídos:
adaptador AC/DC (12/24V), controle remoto luminoso e antena bidirecional
- VHF/UHF/CATV - 181 canais
- Padrões de cores: Pal M/Pal N/NTSC
- Closed Caption
- Peso: 6,2kg
- Relógio e Timer On/Off



VENDAS E INFORMAÇÕES
0800-162-900
WWW.SEMPTOSHIBA.COM.BR

**NOSSOS JAPANESES ESTÃO AINDA
MAIS CRIATIVOS QUE OS OUTROS.**

A rainha do palpíte

A apresentadora conta como é envelhecer na frente das câmeras. E dá suas opiniões sobre tudo e sobre todos

Ricardo Valladares

A apresentadora Hebe Camargo, de 76 anos, é um verbete inescapável da história da TV brasileira. No ar há 55 anos — desde os primórdios do meio —, ela estabeleceu laços de fidelidade incomuns com o espectador. Figura exuberante capaz de desconcertar um entrevistado ao se deitar em seu colo ou dar-lhe um beijo na boca — seja ele homem ou mulher —, Hebe mistura de maneira única o nonsense e o palpíte sobre assuntos sérios em seu programa, exibido nas noites de segunda-feira pelo SBT. “Não vou dizer que não tento mudar a opinião das pessoas. Principalmente quando fica tudo tão confuso no país”, diz ela. Hebe já foi tema de incontáveis reflexões sobre a televisão e até de tese acadêmica: lançado originalmente em 1972, o livro *A Noite da Madrinha*, do sociólogo Sergio Miceli, acaba de receber nova edição. Na semana passada, a apresentadora, que embolsa um salário de 1,2 milhão por mês, recebeu VEJA em sua casa num bairro nobre de São Paulo. Descalça — mas sem dispensar a maquiagem —, ela falou sobre questões como o envelhecimento e o aborto, além de refletir sobre seu papel de formadora de opinião.

Veja — *Como é envelhecer na televisão?*

Hebe — É menos delicado que envelhecer na frente do espelho. Na televisão quem me vê é o espectador, na frente do espelho sou eu mesma. Mas, falando sério: eu não sinto o peso do tempo, não me sinto uma mulher velha. Diria até



“Outro problema é a vida sexual. No momento, ela não existe. Hoje, tudo o que faço é dormir com um travesseiro que tem um braço. Eu abraço o travesseiro e ele me abraça”

ANTONIO MILENA

que sou uma velhinha sem vergonha. O que não mostro mais, na televisão ou fora dela, são meus braços. Não saio mais na rua com roupa sem manga.

Veja — *A senhora está na televisão há 55 anos. A programação está melhor ou pior?*

Hebe — A televisão brasileira decaiu muito. A apelação para coisas vulgares, como as pegadinhas e os testes de fidelidade, me deixa triste. Leio a toda hora que essas coisas são montadas, que as pessoas ganham para participar. Também estou decepcionada com o pessoal do *Pânico*, da Rede ▶



A CAIXA tem uma linha de crédito tamanho família. Um deles é pra você. Se você é assalariado ou servidor público, tem crédito com desconto em folha para comprar seu computador ou o que precisar. As taxas e os prazos são os mais vantajosos do mercado. Pode conferir e comparar. E o desconto é direto na folha, para você não ter trabalho nem na hora de pagar.
Vem pra CAIXA você também. Vem.



**Crédito com desconto em
folha. A CAIXA facilita
até o pagamento.**

www.caixa.gov.br

CAIXA

Para você. Para todos os brasileiros.

TV!. A perseguição que fizeram à Carolina Dieckmann foi um absurdo. Outro problema são as imitações. Tem o programa de um tal Jacaré que é uma cópia chula do Ratinho. A Record também não tem personalidade própria, copia as novelas da Rede Globo. A Globo, aliás, apesar de ainda fazer coisas boas, às vezes abusa nas cenas de mau gosto.

Veja — *A senhora se considera uma formadora de opinião?*

Hebe — O que eu mais sei é fazer o auditório rir com minhas besteiras e ir para casa feliz. Mas eu conheço o poder da minha palavra. Sei que os espectadores me vêem como uma figura bem-sucedida e pensam: se deu certo com ela pode dar comigo também, vou seguir suas opiniões. E não vou dizer que não tento mudar a opinião das pessoas. Eu tento, sim. No caso da campanha do desarmamento, por exemplo, tenho falado com as pessoinhas menos esclarecidas, para explicar as coisas que não estão muito claras sobre o SIM e o NÃO. Vou votar pelo NÃO, porque acho que não se pode desarmar a população enquanto os bandidos estão estupidamente armados. Tudo está tão confuso no país — é crise política, é referendo. Acho que, com meus palpites, posso ajudar. Acredito que penso mais no povo que os próprios políticos, que deveriam estar fazendo isso.

Veja — *A senhora já quis ser política?*

Hebe — Já fui convidada muitas vezes, mas não acho uma boa idéia. Não gosto quando fico sabendo de artistas que passaram para o outro lado. O Moacyr Franco se elegeru, não fez nada, se arrependeu. Do Gilberto Gil, como ministro, só ouço queixas de que não faz coisas para a classe artística. Silvio Santos, graças a Deus, caiu fora dessa. O artista domina o palco, não o palanque.

Veja — *A senhora apoiou o ex-prefeito Paulo Maluf em várias eleições. O que acha de sua prisão?*

Hebe — Apoiei Maluf por convicção, pois acho que ele fez coisas boas. Quando subi nos palanques dele, não ganhei cachê, fiz por filosofia. Mas já faz tempo que me desliguei do Ma-

luf. Depois que anunciei que não ia mais participar de campanha política, ele nunca mais me telefonou. Nem ele nem dona Sylvia. A amizade delas era interesseira. Mas o que estão fazendo com ele é vingança, por ele ter sido uma pessoa prepotente, como o Zé Dirceu (*o ex-ministro José Dir-*

“Não sinto o peso do tempo, não me sinto uma mulher velha. Diria até que sou uma velhinha sem vergonha. O que não mostro mais, na televisão ou fora dela, são meus braços. Não saio mais na rua com roupa sem manga”

ceu). Mais prepotente que o Zé Dirceu, aliás, nunca vi. Acho absurdo o Maluf estar na cadeia e a Suzane Richthofen, aquela que matou a família com o namorado, estar solta. As leis são antiquadas.

Veja — *A senhora não acredita na Justiça brasileira?*

Hebe — Acho que ela é lenta. Fiz um apelo ao presidente do Supremo Tribunal Federal, o ministro Nelson Jobim, porque ele ampliou o tempo de defesa de deputados na CPI. Mais tempo, eu não agüento. Não acredito na CPI e duvido que esse povo vá para a cadeia. Eu tenho 76 anos e nunca vi uma época tão imoral.

Veja — *Quando Paulo Maluf fazia política não existiam irregularidades?*

Hebe — Querido, a gente não tem de se voltar para o passado. O presidente Lula só faz isso. Toda vez que ele quer se justificar, fala do ex-presidente Fernando Henrique. Tem de

pensar no presente. Ele se propôs a criar milhões de empregos, e ninguém vê esses empregos. O Fome Zero foi um engodo, mas lá está o presidente carregando criança. Ele critica tanto a elite e agora faz parte dela. Ando tão desesperada com este meu país.

Veja — *A senhora votou no presidente Lula?*

Hebe — Não. Não lembro em quem votei, é um mal do brasileiro. Acho que foi no (*José*) Serra.

Veja — *Qual sua impressão do presidente?*

Hebe — Eu conheço o Lula dos tempos em que ele era um humilde metalúrgico — ou não era, porque nunca ninguém ouviu falar que emprego ele teve, se trabalhava mesmo. Não sou contra o Lula, não quero o impeachment. Até porque essa CPI está parecendo mais a *Escolinha do Professor Raimundo*.

Veja — *Como é sua relação com seu patrão, Silvio Santos?*

Hebe — O Silvio é uma pessoa difícil. Embora pareça ter mente aberta, vale o que ele quer e não adianta discutir. Ele enfraqueceu o jornalismo do SBT ao perder Boris Casoy, Lillian Witte Fibe, Marília Gabriela. Quando tive oportunidade, falei isso para ele. Agora, Silvio tirou da grade o *Fora do Ar* (*programa apresentado por Hebe, Adriane Galisteu, Jorge Kajuru e Cacá Rosset*). Alegou que não tinha audiência e estava dando prejuízo. Ele é assim, radical, não sei se por cisma com as pessoas. Fiquei muito triste. Está certo que Silvio não quer ter prejuízo, mas não precisa ser tão mão-fechada.

Veja — *A senhora chegou a flertar com a Rede Record. Por que a negociação não deu certo?*

Hebe — Quando tive a proposta fiquei balançada, até falei com o Silvio. Mas a Record é da Igreja Universal. A minha Nossa Senhora de Fátima não poderia entrar lá, assim como a minha Nossa Senhora Aparecida. E eu sou muito amiga delas. Não poderia deixá-las na porta. Eu às vezes me pergunto como as igrejas evangélicas

conseguem fazer lavagem cerebral em milhares de pessoas. Os fiéis ficam completamente obcecados e não percebem que estão deixando os pastores cada vez mais ricos à custa desse “mensalinho do demônio”. Eu não acredito absolutamente naquilo. Fé, a gente tem sem explicar. O que eles fazem são promessas vazias, agem como os políticos.

Veja — *O apresentador Gugu Liberato — de sua emissora, o SBT — pode recuperar a credibilidade depois do escândalo da reportagem forjada sobre os criminosos do PCC?*

Hebe — Gugu perdeu uma oportunidade de dar explicações quando foi ao meu programa. Ele deveria ter dito: “Errei, foi um ato impensado e peço desculpas”. Gosto do Gugu, mas naquele episódio ele pisou feio na bola.

Veja — *A senhora ganha mais de 1 milhão de reais por mês. O que faz com tanto dinheiro?*

Hebe — Eu me faço feliz. Compro coisas para casa — agora mesmo estou fazendo uma reforma gigantesca. Também vou a leilões de arte, compro objetos antigos e gosto de viajar.

Veja — *A senhora ficou viúva há cinco anos. Sente falta do casamento?*

Hebe — Sinto saudade do Lélío. Mas não sei se sinto falta do casamento. As pessoas costumam dizer que quem casa não pensa, pois quem pensa não casa. Eu concordo. O casamento é uma prisão. Tanto o homem quanto a mulher têm de dar satisfação de tudo. Acho que não casaria de novo. A liberdade não tem preço. Outro problema é a vida sexual. No momento, ela não existe. Hoje, tudo o que faço é dormir com um travesseiro especial, que tem um braço de pano. Eu abraço o travesseiro e ele me abraça. É triste. Mas não sou a favor de dar um beijo e já ir para a cama.

Veja — *Quantas plásticas a senhora já fez?*

Hebe — De rosto, seios e lipoaspiração, já fiz duas de cada. Não vejo problema, não. Acho uma delícia me ver melhor. E tenho obrigação de estar sempre bonita para trabalhar na

televisão. Só não dá, pela idade, para usar biquíni, né? Quando vou à praia, visto maiô daqueles inteiros. Eu morro de inveja dessas mulheres magérrimas, como a Gisele Bündchen.

Veja — *A senhora já fez aborto. Ainda é a favor dessa prática?*

“Quando subi no palanque do Maluf, não ganhei cachê, fiz por filosofia. Mas já faz tempo que me desliguei dele. Depois que anunciei que não ia mais participar de campanha política, ele nunca mais me telefonou. Nem ele nem dona Sylvia. A amizade deles era interesseira”

Hebe — Eu tinha entre 18 e 20 anos quando precisei fazer um aborto. Estava namorando o Luiz Ramos, um empresário. Ele ficava comigo até as 4 horas da manhã e depois ia embora para ficar com outra. Quando descobri, já grávida, fiquei em desespero. Uma vizinha, a dona Zaíra, me levou a uma clínica clandestina, sem minha mãe saber. Foi uma dor horrível. Sou católica, mas defendo o aborto em alguns casos. A filha de uma conhecida minha foi estuprada e a família não quis o aborto. Foi pior: o filho nasceu com a cara do estuprador. É um estigma para o resto da vida. Num caso desses, como a Igreja pode ser contra?

Veja — *A senhora já discutiu isso com os padres Antônio Maria e Marcelo Rossi, seus amigos?*

Hebe — Nunca tivemos tempo de falar sobre isso. Mas um dia vou questioná-los por que a Igreja Católica não permite o aborto nem quando se

sabe que o bebê nascerá com problemas graves.

Veja — *A senhora acha que a educação dos filhos é melhor hoje do que antigamente?*

Hebe — De modo algum. Apesar de liberal, sou muito antiga na maneira de pensar. Acho um absurdo essas meninas saírem de casa à meia-noite. É muita liberdade — se a garota engravidar aos 13 anos, a mãe não poderá reclamar, porque lhe deu a oportunidade. Acho um pecado. E há também o problema das drogas. Eu nunca fumei maconha, não tomo nem remédio para dormir. Uma vez, aliás, falei para o Silvío Santos parar de tomar esses remédios. Quando passava o efeito, ele ficava com depressão.

Veja — *A senhora já fez análise?*

Hebe — Nunca. Quando estou triste, vou para meu quarto e fico encolhida. Sempre funciona.

Veja — *A senhora pensa na morte?*

Hebe — Eu só penso na vida. Se você pensa em doença, acaba atraindo. Tem gente que vê uma verruguinha e já acha que é câncer. Vai lá, tira e pronto.

Veja — *Se a senhora fosse começar de novo, o que faria?*

Hebe — Minha história é parecida com a da maioria dos brasileiros. Papai tocava músicas de Bach e Chopin ao violino para me acordar. Mãe tocava piano de ouvido. Ele não me estimulou, a veia já era artística. Meu pai não visava a dinheiro, ele fazia serenata a qualquer hora da noite, tocava em cabaré. Saí aos 6 anos de Taubaté para São Paulo, quando papai veio tocar na orquestra da rádio Difusora. Éramos seis irmãos vivos. Estreei como profissional em 1944, era a mantenedora da família. Os prêmios que ganhava nos programas de calouro mantinham a casa. Nós não éramos tristes quando éramos pobres, mesmo quando só tínhamos arroz para comer. Tenho uma história bonita. Se fosse começar de novo, acho que gostaria de ser cantora, aqui no Brasil mesmo. O melhor do Brasil são os brasileiros. Mas nem todos. ■



VOCÊ É



ÚNICO. E NÓS TEMOS O COMPUTADOR PARA VOCÊ.

Pessoas como você nasceram para brilhar.

Se você quer se destacar na vida, na escola
e no trabalho, o seu computador é Positivo.



POSITIVO
INFORMÁTICA

www.positivoinformatica.com.br



Respostas rápidas para imagens em movimento.

Panasonic
ideas for life

A única TV de plasma
que tem 8,6 bilhões de cores.
Pode contar.



TV de Plasma Panasonic. A melhor imagem agora com 8,6 bilhões de cores.

Assinaturas:

Serviço de Vendas de Assinaturas (S.V.A.)

Ligue Grátis: • 0800-7012828
Grande São Paulo • (11) 3347-2121
De segunda a sexta, das 8 às 22 horas.
Sábado, das 9 às 16 horas.

Internet • www.assineabril.com
Fax: (11) 5087-2100

Serviço de Atendimento ao Cliente (S.A.C.)
(Para renovar, mudança de endereço, troca de forma de pagamento e outros serviços):

Ligue Grátis: • 0800-7042112
Grande São Paulo • (11) 5087-2112
De segunda a sexta, das 8 às 22 horas.

Internet • www.abrilsac.com

Para se corresponder com a redação de VEJA:

As cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para:

Diretor de Redação, VEJA
Caixa Postal 11079 • CEP 05422-970,
São Paulo, SP
Fax: (11) 3037-5638
e-mail: veja@abril.com.br

Por motivos de espaço ou de clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente. Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

Edições anteriores:

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

Reprints editoriais:

Você pode solicitar reimpressões das melhores reportagens de VEJA com a capa da edição (mínimo de 500 cópias).

Fax: (11) 3037-5101
e-mail: reprint.veja@abril.com.br

Licenciamento de Conteúdo:

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse www.conteudoexpresso.com.br ou ligue para: (11) 3089-8853.

Para anunciar, ligue 3037-5359/5748

e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

Programa VEJA NA SALA DE AULA:

Para conhecer melhor:

www.vejanasalaadeaula.com.br

Para assinar
Ligue Grátis:

• 0800-7012828
Grande São Paulo
• (11) 3347-2121

De segunda a sexta,
das 8 às 20 horas.
Sábado, das 9 às 16 horas.

Na internet

<http://www.veja.com.br>

Trabalhe conosco:

www.abril.com.br/trabalheconosco



Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Editor: Roberto Civita

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), José Roberto Guzzo, Maurizio Mauro

Presidente Executivo: Maurizio Mauro

Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora Corporativa de Publicidade: Thais Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Mauro Calliari
Diretor Editorial: Tales Alvarenga

veja

Diretor de Redação: Eurípedes Alcântara

Redator-Chefe: Mario Sabino

Editores Executivos: Carlos Graieb, Jaime Klintonitz, Marcio Aith, Marcos Emílio Gomes, Vilma Gryzinski

Editores: André Fontenelle, Diogo Xavier Schelp, Felipe Patury, Isabela Boscov, Julio Cesar de Barros, Karina Pastore, Lizia Bydlowski, Okky de Souza, Thais Oyama **Editor Especial:** Roberto Pompeu de Toledo **Repórteres:** Andre Rizek, Anna Paula Buchalla, Beatriz Baldim, Camila Antunes, Carlos Rydlewski, Chrystiane Silva, Eduardo Barella, Eduardo Burckhardt, Fábio Portela Savietto, Gabriela Carelli, Giuliana Arcocha Bergamo, Isabel Moherdau, Jerônimo Teixeira, Juliana Linhares, Leticia Francisco Sorg, Marcelo Carneiro, Marcelo Marthe, Monica Weinberg, Neide Oliveira, Paula Beatriz Martins Neiva, Ricardo Valladares, Rosana Zakabi, Ruth Pinheiro Costas, Sandra Brasil, Sérgio Martins, Thereza Venturoli, Tiago Cordeiro **Sucursais:** Belém - Leonardo Coutinho, Belo Horizonte - José Edward Vieira Lima, Brasília - Chefe: Antônio Lucia; Repórteres: Alexandre Oltamari, Julia Duailibi, Leandra Peres, Otávio Cabral, Policarpo Junior; Rio de Janeiro - Chefe: Lauro Jardim; Editora: Lucila Teixeira Soares; Repórteres: Daniela Pinheiro, João Gabriel Santana de Lima, Roberta Salomone, Ronaldo França, Ronaldo Soares - **Cheadores:** Chefe: Rosana Agrella Silveira, Andressa Tobita, Juliana Guarany

FOTOGRAFIA - Editor Visual: Paulo Vitale **Coordenadores:** Alexandre Reche, Gilda Castral **Fotógrafos:** Rio de Janeiro - Oscar Cabral, Brasília - Ana Araújo **Pesquisa:** Paulo José Bianchi (coordenador); Ana Paula Galisteu, Gilson de Souza Passos, Ismael Carmino Canosa

Diretor de Arte: Carlos Neri **Editor de Arte:** Reinaldo Antunes de Moura **Designers:** Claudio Scalziti, Daniel Marucci, Edson Diogo, Eduardo Lunghin Junior, Leonardo Eichinger, Mario José Carvalho, Maurício Cioffi, Tadeu Nogueira **Infografia - Editora:** Andreia Caires;

Infografistas: Adriano Pádua Pidone, Alexandre Akermann, André L. Araújo de Oliveira, Ewerton dos Santos Gondari, Wander Moreira Mendes

Produção Editorial: Gerente: Roberto Gerosa; Supervisores de Editoração/Revisão: Clara Baldrati, Jô de Melo, Marcos Prestes; Secretários de Produção: Ana Faustino, Júlio Yamamoto, Shirley Souza Sodré, Vera Fedtschenko Leite; Coordenadores: Marcelo Silvestre dos Santos, Marco Antonio Alvarez Salvador, Ricardo Horvat Leite; Revisão: Célia Regina Arruda, Célia Regina Rodrigues de Lima, Felice Morabito, Isabel Jorge Cury, Kiel Pimenta, Marina de Souza, Rosângela Rita da Silva, Valquíria Della Pozza; Supervisor de Tratamento de Imagem: Danilo A. Ferreira; Preparadores Digitais: Eduardo Salomão, Edval Vilas Boas, Luciano Antonio Custodio Neto, Marcelo Augusto Tavares, Marcos Duarte Corrêa de Medeiros, Ricardo Ferrari, Roberta dos Santos, Silvío Félix **Atendimento ao Leitor:** Eduardo Telesco **Estagiários:** Francisco Zaidan Mendes, Heloisa Joly, Laura Ming Bordokan, Paula Akemi Aoyagui, Rafael Corrêa

COLABORADORES: Claudio de Moura Castro, Diogo Mainardi, Lya Luft, Millôr Fernandes e Stephen Kanitz

VEJA ON-LINE - Editora: Katia Perin **Repórteres:** Giancarlo Lepiani, Marcio Oyama, Silvío Nascimento

Gerência do Site: Roberto Gerosa **Webmaster:** Raquel Hoshino **Assistentes:** Adriano Ramos de Oliveira, Dalva Azevedo

Webdesigner: Alexandre Hoshino **Arte e Imagens:** Alexandre Ortiz Ramos

www.veja.com.br

Apoio Editorial: Beatriz de Cássia Mendes, Carlos Grasseti **Serviços Editoriais:** Wagner Barreira **Depto. de Documentação e Abril Press:** Grace de Souza **Serviços Internacionais:** Alcir N. da Silva (Nova York), Rogério Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

PUBLICIDADE Diretor de Vendas: Rogério Gabriel Comprido **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Baisi Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Gerentes de Vendas:** Selma F. Souto (SP), Andrea Veiga, Edson Melo, Leda Costa (RJ) **Executivos de Negócios:** Alexandre Araújo, Ana Paula Moreno, Ana Paula Teixeira, Angélica Góis, Carla Alves Góis, Cristiane Tassoulas, Daniella Galuppi, Daniela Serafini, João Paulo Pizarro, Karine Luciane Thomaz, Lúcia Belluzzo Veiga, Marcia Mittermayer, Marcio Bezerra, Maria Lucia V. Strohek, Selma Teixeira da Costa, Silzer Draghi, Sueli Melo, Vanessa Ferreira (SP), Marcelo Pezzato (Internet), Ailze Cunha, Débora Rocha, Henri Marques, José Castilho, Jose Rocha, Marcia Torres, Ronaldo Piloto (RJ) **Coordenador:** Ailton Soré (SP) **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES:** Diretor: Fabian S. Magalhães **MARKETING E CIRCULAÇÃO:** Diretor de Marketing Publicitário: Ricardo Packness de Almeida **Gerente de Marketing Institucional e Publicitário:** Sandra Galli **Gerente de Marketing Leitor:** Rogério Minori Suga; **Gerente de Circulação Assinaturas:** Luci Silva; **Gerente de Circulação Avulsas:** Glauco Tamega; **Gerente de Produto:** Ana Beatriz Silveira **ASSINATURAS Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5638. **Publicidade São Paulo** www.publiabril.com.br. **Classificados:** tel. 0800-7012066, Grande São Paulo tel. 3037-2700 **ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: CENAL-SP** tel. (11) 3037-6564 **Bauri** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0578, e-mail: gnottos@uol.com.br **Belo Horizonte** tel. (31) 3282-0630, fax (31) 3282-0632 **Blumenau** M. Marchi Representações, tel. (47) 329-3820, fax (47) 329-6191 **Brasília** Escritório: tel. (61) 3315-7554/55/56/57, fax (61) 3315-7558; Representante: Carvalhaw Marketing Ltda, tel. (61) 426-7342/223-0756/225-2946/223-7778, fax (61) 321-1943, e-mail: starmkt@uol.com.br **Campinas** C.Z. Press Com. e Representações, telefax (19) 3233-7175, e-mail: czpress@czpress.com.br **Campo Grande** Joimar Promotões Artísticas Ltda. tel. (67) 382-2139 e-mail: jairo_galvao@hotmail.com **Cuiabá** Fênix Propaganda Ltda, tel. (65) 9235-7446/9602-3419, e-mail: lucianooliveira@uol.com.br **Curitiba** Escritório: tel. (41) 3250-8000/8050/8040/8050/8080, tel. (48) 3252-7110; Representante: Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda, telefax (41) 3254-1224, e-mail: viamidia@viamidia.com.br **Florianópolis** Interação Publicidade Ltda, tel. (48) 232-1617, fax (48) 232-1782, e-mail: fgoronio@interacaoabril.com.br **Fortaleza** Mídia Solution Repres. e Negoc. em Meios de Comunicação, telefax (85) 3264-3939, e-mail: midiasolution@midiasolution.net **Goiania** Middle West Representações Ltda., tel. (62) 215-5158, fax (62) 215-9007, e-mail: publicidade@middlewest.com.br **Joinville** Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (47) 453-2725, e-mail: viamidiajoinville@viamidia.com.br **Manaus** Paper Comunicações, telefax (92) 3233-1892/6656, e-mail: paper@intermix.com.br **Maringá** Atitude de Comunicação e Representação, telefax (44) 3028-6969, e-mail: m.attitude@uol.com.br **Porto Alegre** Escritório: tel. (51) 3327-2850, fax (51) 3227-2855; Representante: Print Sul Veculos de Comunicação Ltda., telefax (51) 3328-1544/3823-4954, e-mail: ricardo@printsul.com.br; Multimeios Representações Comerciais, tel. (51) 3328-1271, e-mail: multimeios@uol.com.br **Recife** MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax (81) 3327-1597, e-mail: multirevistas@uol.com.br **Ribeirão Preto** tel. (61) 3964-5516, fax (61) 632-0660, e-mail: achristosomo@abril.com.br **Rio de Janeiro** pabx: (21) 2546-8282, fax: (21) 2546-8253 **Salvador** AGMN Consultoria Public. e Representação, tel. (71) 3541-4992/1765/9824/9827, fax: (71) 3541-4996, e-mail: abriagm@uol.com.br **Vitória** ZMR - Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952, e-mail: samuelzambra@enterv.com.br

Publicações da Editora Abril: Veja; Veja São Paulo; Veja Rio; Vejas Regionais **Negócios:** Exame, Você S/A **Consumo/Comportamento:** Núcleo Consumo: Boa Forma, Elle, Estilo, Manequim **Núcleo Comportamento:** Claudia, Nova **Núcleo Bem-Estar:** Bons Fluidos, Saúde!, Vida Simples **Turismo/Tecnologia:** Núcleo Turismo: Guias Quatro Rodas, National Geographic, Viagem e Turismo **Núcleo Homem:** Placar, Playboy, Quatro Rodas, Vip **Núcleo Tecnologia:** Info, Info Canal, Info Corporativa **Cultura/Jovem:** Núcleo Jovem: Bizz, Capricho, Flashback, Mundo Estranho, Superinteressante, SuperSurf **Núcleo Infantil:** Atividades, Disney, Recreio **Núcleo Cultura:** Almanaque Abril, Guia do Estudante, Aventuras na História **Casa/Semanais:** Núcleo Casa e Construção: Arquitetura & Construção, Casa Claudia, Claudia Cozinha **Núcleo Celebidades:** Contigo! **Núcleo Semanais:** Ana Maria, Faça e Venda, Minha Novela, Titi, Viva! **Mais Fundação Victor Civita** Nova Escola

VEJA 1 926 (ISSN 0100-7122), ano 38 nº 41. Veja é uma publicação semanal da Editora Abril S/A. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES/COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: UNITED STATES: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062. World Media, 19 West 36th Street, New York, New York, 10018, tel.: 1-212-244-5610, fax: 1-212-213-8836, Charney/Palacios & Co. 9200 So. Dadeland Blvd. Suite 307, Miami, Florida 33156, tel.: 1-305-670-9450, fax: 1-305-670-9455 **JAPAN:** Shinano International, Inc., Akasaka Kyowa Bldg. 2F, 1-6-14, Akasaka, Minato-Ku, Tokyo 107-0052, tel.: 81-3-5584-6420, fax: 81-3-5505-5628 **TAIWAN:** Lewis Int'l Media Service Co. Ltd., Floor 11-14 N° 46, Sec. 2 Tun Hua South Road Taipei, tel.: 02-707-5519, fax: 02-709-8348. **VEJA** is published weekly by EDITORA ABRIL S/A (av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, CEP 02909-900, Brazil). A Yearly subscription abroad costs US\$ 280. Except for Asia the subscription costs US\$ 380. To subscribe call: 55-11-5087-2112, or write to: av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, CEP 02909-900, Brazil.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112. Demais localidades: 0800-704-2112. www.abrilsac.com
Para Assinar: Grande São Paulo: 3347-2121. Demais localidades: 0800-701-2828. www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP



Presidente do Conselho de Administração: Roberto Civita

Presidente Executivo: Maurizio Mauro

Vice-Presidentes: Deborah Wright, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

www.abril.com.br

NOVO PIRELLI P7. RESPOSTA PARA TODOS OS TEMPOS.



O novo Pirelli P7 garante excelente performance mesmo nas condições mais adversas. Com máxima aderência em curvas e maior resistência à aquaplanagem, ele surpreende pelo conforto e pela rapidez de resposta em todas as condições climáticas. Novo Pirelli P7. A escolha do pneu virou a melhor previsão do tempo.

PIRELLI
POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.



Rede de
Revendedores
Pirelli

Procure uma
revenda oficial
perto de você.

www.pirellip7.com

Stephen Kanitz



A favor dos videogames

O cérebro humano é um órgão que absorve quase 25% da glicose que consumimos e 20% do oxigênio que respiramos. Carregar neurônios ou sinapses que interligam os neurônios em demasia é uma desvantagem evolutiva, e não uma vantagem, como se costuma afirmar.

Todos nós nascemos com muito mais sinapses do que precisamos. Aqueles que crescem em ambientes seguros e tranquilos vão perdendo essas sinapses, que acabam não se conectando entre si, fenômeno chamado de regressão sináptica.

Portanto, toda criança nasce com inteligência, mas aquelas que não a usam vão perdendo-a com o tempo. Por isso, menino de rua é mais esperto do que filho de classe média que fica tranquilamente assistindo às aulas de um professor. Estimular o cérebro da criança desde cedo é uma das tarefas mais importantes de toda mãe e todo pai modernos.

Sempre fui a favor de videogames, considerados uma praga pela maioria dos educadores e pedagogos. Só que bons videogames impedem a regressão sináptica, porque enganam o cérebro fazendo-o achar que seus filhos nasceram num ambiente hostil e perigoso, sinal de que vão precisar de todas as sinapses disponíveis. O truque é encontrar bons jogos, mas não é tarefa impossível.

O primeiro videogame que comprei para meus filhos foi o famoso *SimCity*, um jogo em que você é o prefeito de uma pequena vila, e, dependendo de suas decisões, ela pode se tornar uma megalópole ou não. Se você for um péssimo prefeito, a população se mudará para a cidade vizinha, e fim do jogo. Em vez de eleger prefeitos, seria muito melhor se empossássemos o vencedor do campeonato de *SimCity* em cada cidade.

Um dia eu estava brincando de “prefeito” quando meus filhos de 11 e 13 anos de idade, analisando meu “planejamento urbano” inicial, balançaram a cabeça em desaprovção: “Tsk, tsk, tsk. Pai, daqui a cinquenta anos você vai dar com os burros n’água”. Eu, literalmente, caí da cadeira. Quantos de nós, aos 11 anos, tínhamos consciência de

que atos feitos na época poderiam ter conseqüências nefastas cinquenta anos depois? Quantos de nós pensaríamos em prever um futuro para dali a cinquenta anos?

A lição que me deram com o famoso videogame *Mario Brothers* foi ainda melhor. Não tendo a paciência de meus filhos, eu vivia cortando caminho pelos vários atalhos existentes no jogo, quando novamente me deram o seguinte conselho: “Não se podem queimar etapas, senão você não adquire a experiência e a competência necessárias para as situações mais difíceis que estão por vir”. A frase não foi exatamente essa, mas foi o suficiente para me deixar com os cabelos em pé. Dois garotos estavam me ensinando que cada etapa da vida tem seu tempo e aprendizado, e nela não se pode ser um apressado.

No jogo *Médico*, as crianças aprendem a fazer um diagnóstico diferencial, a pior das alternativas sendo uma apendicite. Nesses casos, elas têm de operar “virtualmente” o paciente seguindo condutas médicas corretas. Um dos procedimentos é a assepsia da pele, e aí de quem não escovar o peito do paciente, com o mouse nesse caso, por três minutos, o que é uma eternidade num videogame e para uma criança. Quem gasta menos do que isso é sumariamente expulso do hospital por erro médico. Que matéria ou professor ensina esse tipo de autodisciplina?

Em *A-Train*, o jogador é um administrador de empresa ferroviária. A criança tem de investir enormes somas colocando trilhos e locomotivas sem contar com muitos passageiros no início das operações. Aprende-se logo cedo que uma empresa começa com prejuízo social e tem de ter recursos para suportar os vários anos deficitários.

Aos 12 anos, meus filhos já tinham noção de que os primeiros anos de um negócio são os mais difíceis, e controlar o capital de giro é essencial. Avaliar riscos e administrar o capital de giro, nem grandes empresários sabem fazer isso até hoje.

Como em tudo na vida, é necessário ter moderação nas horas devotadas ao videogame. Mas ele é uma ótima forma de estimular o cérebro da criança e impedir sua regressão sináptica, além de ensinar planejamento, paciência, disciplina e raciocínio, algo que nem sempre se aprende numa sala de aula.

“Os jogos eletrônicos são uma ótima forma de estimular o cérebro da criança, além de ensinar planejamento, paciência, disciplina e raciocínio”



Stephen Kanitz é administrador por Harvard (www.kanitz.com.br)



Declaração de amor pode ser carta, telefonema, serenata, tempero ou caldo.

Tempero Sazón, para carnes, legumes, arroz, feijão, salada, peixes, massas

Caldo Sazón, galinha, carne ou legumes.

e o que a sua imaginação mandar.

Cada um faz do seu jeito,

mas todo mundo faz com Sazón.

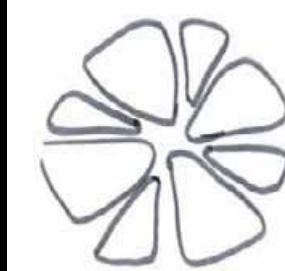
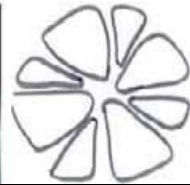
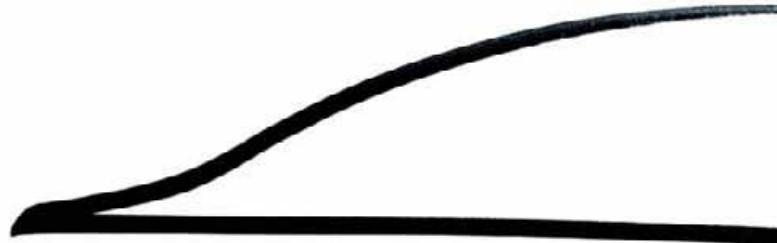


Só o amor tem este sabor

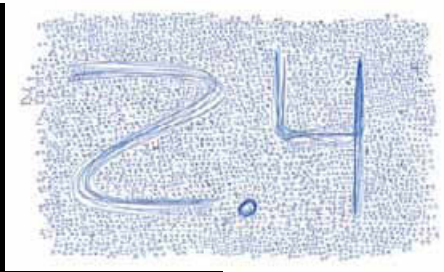
Qualidade
AJINOMOTO

Sazón
Deliciosas receitas no site:
www.sazon.com.br

É PRECISO MUITO MAIS QUE ALGUNS DETALHES PARA SE FAZER UM



GRANDE CARRO.



O MUNDO PODIA SENTIR, SÓ NÃO PODIA IMAGINAR.





NOVO VECTRA MUITO ALÉM

VECTRA

NOVO VECTRA. MUITO ALÉM. Motor 2.0 Flexpower e motor 2.4 16V Flexpower com 150 cv de potência, roda de alumínio aro 17", transmissão automática inteligente, piloto automático, freio a disco nas quatro rodas com ABS e EBD, air bags frontais e laterais, sistema de aviso de ultrapassagem do limite de velocidade pré-programada, painel de instrumentos com iluminação por LEDs, ar-condicionado eletrônico, portaluvas climatizado, retrovisor retrátil por acionamento remoto, espelho retrovisor interno com escurecimento automático, teto solar, limpador de pára-brisa com sensor de chuva, vidros com acionamento elétrico "um toque", dispositivo antifismagamento e fechamento automático, travamento automático das portas, computador de bordo e check control, exclusivo controle de som no volante, Premium Sound com CD changer para 6 CDs com inserção frontal, banco do motorista com acionamento elétrico, acabamento de couro, dobradiças pantográficas no porta-malas, maior porta-malas da categoria – 526 litros, maior sedan produzido no Brasil. Alguns acessórios disponíveis: Bluetooth™, sensor de estacionamento, DVD e geladeira.



A Chevrolet recomenda lubrificantes **ACDelco**



Os veículos Chevrolet atendem a legislação ambiental.



www.chevrolet.com.br
CACC: 0800-702-4200

CHEVROLET

CONTE COMIGO



Dizem que o Governo, depois de proibir ao cidadão comum usar armas, vai proibir ao Exército possuir armas de uso exclusivo dos traficantes.

V Á R Y A S

DÚVIDA Olho a arquitetura urbana — século e meio de destruição — do Rio, antiga cidade brasileira hoje desaparecida, e me pergunto: quando dizem que Deus é *O Grande Arquiteto*, estão esculhambando Deus?

NANOEUFORIA Minha felicidade vem do sentimento de que a eternidade sempre cede ao meu instante.

MINAS — ONDESEMPREESTEVE

Lá Pereira, mineira, comenta minhas traduções quebradas (*The cow went to the swamp*) e manda dizer que, em Minas, a tradução de *self-service* é **Cê se serve.**

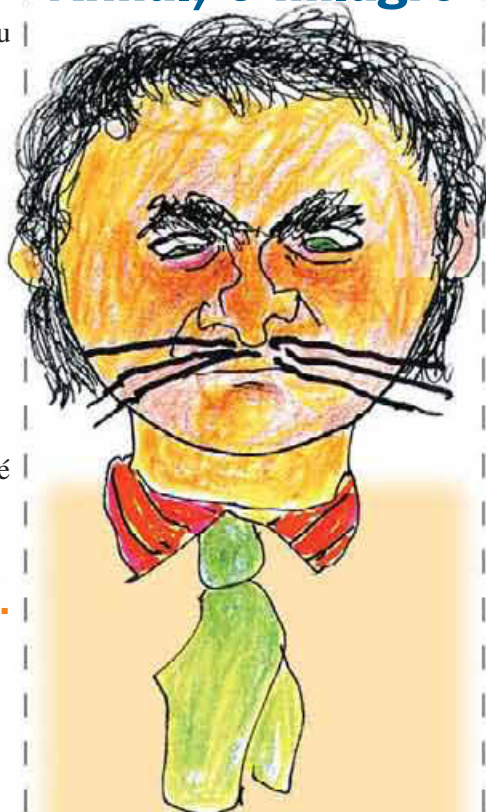
RETIFICAÇÃO Quem é vivo sempre aparece? Errado. Quem é vivo sempre desaparece.

MENTIRA, INVERDADE, PETA, FRAUDE — BOTA AÍ.

Volto à mentira, tão na moda e tão visível. (E dita e multiplicada no momento histórico-tecnológico em que vivemos.) Porque fala, o homem mente. Aliás, é o único animal que mente. Superior intelectualmente aos outros animais, assim que aprendeu a falar, começou a mentir. Não havia como evitar. Dizem os fundamentalistas que *no princípio era o verbo*.

Eu, que não sou fundamentalista e, dizem muitos, nem mesmo fundamental, acho que *no princípio foi a interjeição*. Vendo isto e aquilo, o ser humano, já orgulhoso hominídeo e pitecantropo erectus, sentia uma íntima

Afinal, o milagre



Com células-tronco de ratos a ciência conseguiu acabar com a careca dos carecas. Nasceram cabelos onde só havia despeladura. Brilham cabeleiras onde antes não havia senão vasta desolação. Tem um porém, porém. Os efeitos colaterais. Reparem.

necessidade de “significar” isto ou aquilo. Até que um dia... conseguiu! Diante de um tremendo trovão, alcançou imitar seu som, emitiu um **Hrrôôuuu!** Estava inventada a palavra pra trovão, naturalmente uma onomatopéia. E lá ficou a designação, com suas naturais variantes semânticas **Hrrãouuu!** e **Hraãumm!**, durante duzentos anos, todos os hominídeos e hominídeas — só falando trovão — **Hrrôôuuu!** Pouco depois — duzentos mil anos — outro ser humano (já homosapiens) gritou maravilha diante de uma cachoeira: **“Chué-chué!”**.

De uma coisa estou convencido: ao contrário do que dizem os neurolingüistas, a palavra não foi criada pelo córtex cerebral. A ânsia de criar palavras, a ânsia pela expressão, é que criou o córtex cerebral.

Repito: o homem é o único animal que mente. Nunca vi um gato latindo pra fingir de cachorro. Nem um galo cacarejando pra enganar que pôs ovo. Papagaio não vale. É um reles e ridículo imitador.

A primeira mentira humana foi quando o cara viu um **Irrrrpslll** (leão) e o chamou de **llispirr** (veado). Mas não havia aí nenhuma intenção criminosa. Apenas malévola.

Pois o inventor da mentira foi o **Homo ludens** (lúdico), quer dizer, um humorista.

HONDA
The Power of Dreams



Moderno conjunto
óptico



Espaçoso
porta-objetos



Sistema
Honda de
Proteção



NOVA BIZ 125. MAIS BONITA E AINDA MAIS POTENTE. É ANDAR NELA PRA PEDIR BIZ.

A nova Honda Biz 125 chegou para dar um colorido todo especial à sua vida. Tem novo motor 125 com mais potência e torque. Tem novo design ainda mais bonito e moderno. Tem um novo porta-objetos mais espaçoso. Tem protetor



Produzida no Pólo Industrial de Manaus.

Test drive nas concessionárias participantes. Ligue **0800 701 3432** ou acesse **www.honda.com.br** e descubra a concessionária mais próxima.

TÃO BONITA E POTENTE
QUE TODO O RESTO
VAI PASSAR EM BRANCO.
CHEGOU A NOVA BIZ 125.

do escapamento, afogador na mão e câmara tuff-up no pneu traseiro. Quer mais? Tem também o exclusivo Sistema Honda de Proteção, com shutter-key, comb-lock e chave com mais combinações de segredos. Venha conhecer esta novidade.

Conheça o Consórcio Nacional Honda. Quem fabrica garante a entrega.



MAIS BONITA E AINDA MAIS POTENTE.



SEXO É VIDA!

Dr. Emilio Sebe Filho - CRM - 19454

Problemas para alcançar ou manter a ereção?

Problemas para controlar a ejaculação precoce?

O Boston Medical Group pode ajudá-lo!

A **Disfunção Erétil (DE)** pode afetar homens de todas as idades, ainda que a tendência mais comum seja atingir homens com mais de 40 anos. É correto que, até 52% dos homens entre 40 e 70 anos experimentam certo grau de (DE) e em torno de 20% destes homens não podem ao menos ter uma ereção.

A **Ejaculação Precoce (EP)** é definida pelo Manual de Estatística e Diagnóstico da Associação Médica Americana (D.S.M.) como a "ejaculação persistente com mínima estimulação sexual que ocorre, durante ou imediatamente após a penetração, e antes que a pessoa deseje".

A Disfunção Erétil e a Ejaculação Precoce podem ser tratadas?

Sim! Quanto mais rápido forem diagnosticadas e tratadas, os resultados serão nitidamente melhores. Se não forem tratadas, as opções e as probabilidades de êxito serão limitadas. Um tratamento completo e um diagnóstico rápido previnem a deterioração irreversível que muitas vezes encontramos em casos atendidos.

Melhore sua vida sexual!

O Boston Medical Group garante sua privacidade com salas de espera individuais.

BOSTON MEDICAL GROUP

0800-709-9999

De Domingo a Domingo - 24 Hs.
www.bostonmedicalgroup.com

Cartas

Referendo das armas

Finalmente alguém contestou o truque da pergunta sobre o referendo, cuja frase mal formulada vai induzir milhões de eleitores ao erro. Só poderia partir de VEJA, que orgulhosamente assino e cumprimento pela seriedade e transparência com que esclarece seus leitores. Com a reportagem "Referendo da fumaça" (5 de outubro), VEJA conseguiu elucidar dúvidas e elencar os motivos pelos quais se deve votar NÃO. Assim, presta um serviço à população, que tem o direito de ser orientada por meio da verdade dos fatos, e não de demagogia.

Izabel Avallone
São Paulo, SP

VEJA, pioneira nos grandes debates nacionais e corajosa como sempre, marca sua posição diante da questão do desarmamento. Temos de denunciar mais esse engodo, mal embrulhado até na formulação da pergunta para o referendo. Sob a falácia de contribuir para a redução da criminalidade, fecha-se na verdade o triângulo do crime: vitorioso o SIM, toda a sociedade civil estará exposta como vítima em potencial, dadas a falência do sistema de segurança operado pelo poder público e a progressiva motivação dos facínoras.

É lamentável que um dos símbolos da vigilância democrática, guardiã das instituições e defensora de todas as boas causas nacionais e internacionais, se posicione tão equivocadamente. Embora respeitemos a opinião de VEJA, e dentro do princípio da liberdade de pensamento, acreditamos que de ora em diante refletiremos sete ou mais vezes antes de usar os subsídios da revista nas nossas discussões e na formação de opiniões.

Alceu Luiz Pereira
Araçatuba, SP

Foi com imensa satisfação que li a reportagem de VEJA sobre o referendo que será proximamente realizado, sobre a proibição do comércio de armas de fogo e munição. Eu já estava estranhando a



“Vou emoldurar essa capa, pois representa o libelo da cidadania contra a máquina opressora do Estado não democrático.”

Marcelo Gonçalves Pereira
Nova Friburgo, RJ

Paulo Morais
Recife, PE

Leitor assíduo e assinante de VEJA, nesta semana fiquei estarelecido com a capa da revista. No decorrer do tempo VEJA sempre procurou ser uma publicação imparcial em suas matérias e nos temas abordados. Eu esperava que isso se mantivesse com relação ao referendo das armas.

Renato César Bezerra Alves
Fátima do Sul, MS

Necessária a reportagem de VEJA sobre o referendo de 23 de outubro. Estou estudando na Suíça e todos os dias observo a calma e a paz de um país onde praticamente todo cidadão do sexo masculino possui o porte legal de uma arma de fogo. O desarmamento da população brasileira deixará a sociedade ainda mais fragilizada diante dos ataques dos bandidos.

Daniela Pompeu
Bern, Suíça

Poucas vezes tive oportunidade de ler matéria tão lúcida e esclarecedora. Refiro-me às sete razões para votar NÃO no dia 23 de outubro próximo. Desde a forma da pergunta tendenciosa do referendo até as explicações pedagógicas e os comparativos entre países. A cocaína sempre foi

ausência dessa revista em tão importante debate. Ao ler o texto, acendeu-se em mim a esperança de que, ao fim de tudo, prevaleça o bom senso.

Mário Ivan
Araújo Bezerra
Militar da reserva
João Pessoa, PB

O autor foi muito feliz, claro e objetivo nas suas teses. Clareou a mente de muitas pessoas. Eu sou professora nos dois níveis de ensino (educação básica — fundamental I e II — e superior, especialista em ensino de história) e levei a reportagem como subsídio para a discussão do assunto em sala de aula. Fiz debate, enquete em quase todas as salas em que leciono, e o NÃO ganhou disparado antes da reportagem — inclusive alguns alunos usaram os mesmos argumentos. Depois da reportagem, a temperatura da discussão elevou-se em 100%.

Maria de Lourdes da Silva
Picos, PI

proibida e sempre foi consumida. VEJA mais uma vez está de parabéns em tomar um posicionamento responsável e longe das demagogias globais.

Joselito Tanios Hajjar
Londrina, PR

Na última VEJA, na página 83, onde se fala da proibição da venda de armas na Inglaterra, há uma incorreção que precisa ser retificada: "...calibre superior a 22 mm..." O calibre de armas de fogo nos Estados Unidos é dado em fração decimal de polegada: o calibre .22 significa 22 centésimos de polegada, o que, convertido para milímetros, vai dar: $0,22 \times 25,4 = 5,59$ mm. Quanto à proibição da venda de armas de fogo, sou a favor, já que civil não precisa andar armado. Quanto às armas do mercado negro que caem nas mãos de bandidos, é uma questão policial e deve ser resolvida nesse âmbito.

Tiago Veloso
São José dos Campos, SP

Felizmente, VEJA esclarece todas as dúvidas para o cidadão comum. Não se deve tirar mais um direito do cidadão. O Estado deveria melhorar a segurança nas cidades para que não seja necessária a compra de uma arma para uma pessoa se sentir segura em casa. Afinal, um simples símbolo de paz feito com as mãos não vai impedir um assaltante de usar uma arma contra o cidadão.

Eder Leite
Boa Vista, RR

A revista VEJA mostra sua coragem, independência e visão de futuro. O referendo da mentira vai decidir sobre o comércio legal de armas e munições. E quem vai decidir e impedir o comércio ilegal, que nos deixará, a todos, indefesos diante de bandidos cada vez mais ousados e impunes?

Luiz Carlos Nogueira
Coronel da Polícia Militar
www.adepom.com.br

A reportagem de capa sobre o referendo mostrou falta de compromisso com a sociedade brasileira. Precisamos é de informação e credibilidade dos meios de comunicação para podermos refletir e chegar cada um a sua própria conclusão, e não de respostas "mastigadas" e manipuladoras. O povo não necessita de uma elite pensante para decidir nossos votos. Obrigada pela atenção.

Patrícia Benetti Ikeda
Tupi Paulista, SP

Vi com enorme satisfação a corajosa matéria sobre o absurdo referendo proposto

sa incapacidade de ver pelo menos uma oitava razão que nos permita resolver e lidar com a nossa própria violência.

Francisco Eduardo Gontijo Guimarães
São Carlos, SP

Não é à toa que VEJA é considerada uma das maiores e mais credenciadas revistas do mundo. A coragem, a independência e o compromisso com a verdade afloram como princípios básicos em suas reportagens. Essa atitude de VEJA faz com que até mesmo os leitores mais antigos como eu (sou assinante há mais de quinze anos) se surpreendam (de forma positiva) com seus posicionamentos.

Daniel Ferreira da Rocha
Jaboatão dos Guararapes, PE

A campanha do SIM conta com a participação de vários artistas. Alguns deles têm um verdadeiro exército particular protegendo-os ou às suas propriedades. Eles estão dispostos a abrir mão da sua segurança particular? Ou são da turma do "façam o que eu mando mas não façam o que eu faço"? Ou seriam ainda cidadãos acima dos demais?

Hermann Wecke
Darwin, NT,
Austrália

Fiquei muito decepcionada com a matéria sobre o referendo das armas. Sendo um veículo de imprensa, deveria ter mostrado os dois lados quanto à votação, por que votar SIM e por que votar NÃO. Achei a matéria indutiva e desrespeitosa para com as pessoas que acreditam que devem votar SIM.

Simonne P.X. Provin
Cascavel, PR

Parabéns à revista VEJA por romper o bloqueio de vários veículos de comunicação e realizar uma reportagem bastante clara sobre o desarmamento e o que ele trará de prejuízos ao cidadão. Isso demonstra a independência e a responsabilidade desta revista, que muitas vezes já ajudou nosso país a ter as coisas mais



**NÃO PAGUE ESSE PREÇO PELO COMBUSTÍVEL.
SÓ ABASTEÇA NOS POSTOS PETROBRAS
COM A MARCA DE OLHO NO COMBUSTÍVEL.**

www.br.com.br SAC 0800 78 9001



sobre o comércio de armas e munições. Considero essa iniciativa nada menos do que um crime contra a cidadania, o sagrado direito à defesa da vida, uma imposição a súditos, não a cidadãos.

Embaixador Oscar Soto
Lorenzo Fernandez
Por e-mail

A construção de um mundo melhor dependerá de nossa capacidade de reavaliar e mudar atitudes e condutas que vêm sendo ditadas desde que nos conhecemos por gente. Para isso, precisamos ser livres, e não prisioneiros das armas que nos prendem. A violência é fruto da nos-

Antes, eram 18 milhões de
linhas de telefone no Brasil.



Telefonia fixa. Há 6 anos vivendo uma revolução nada silenciosa no Brasil.

Nos últimos anos, a telefonia fixa no Brasil deu um salto imenso. Hoje, são mais de 40 milhões de linhas. Isso significa telefone e a possibilidade de acesso à internet para quase todas as famílias brasileiras, em todos os municípios do Brasil, gerando empregos e desenvolvimento para o país. E melhorando a vida de todos nós.



Hoje, são mais de 40 milhões.

ABRAFIX

Associação Brasileira de Concessionárias
de Serviço Telefônico Fixo Comutado

Antes, era difícil achar um orelhão na rua.



Telefonia fixa. Há 6 anos vivendo uma revolução nada silenciosa no Brasil.

Repare: é só olhar para o lado que você vê um orelhão, em qualquer cidade do Brasil. E sabe por que é assim? Porque nos últimos seis anos os grandes investimentos na expansão e modernização da telefonia fixa brasileira deixaram o telefone muito mais acessível e melhoraram a vida de todos nós.



Hoje, você não anda mais
que 300 metros para encontrar um.

ABRAFIX

Associação Brasileira de Concessionárias
de Serviço Telefônico Fixo Comutado

O técnico da seleção pentacampeã mundial de voleibol feminina, José Roberto, faz parte desta seleção de profissionais.

A melhor tática para ser um campeão de saúde



dimmer

Quando o assunto é educação e promoção do bem-estar e da saúde, o Profissional de Educação Física é o mais indicado para alcançar as maiores conquistas.

Coloque sua saúde nas mãos de quem lhe oferece segurança e qualidade.

O CONFEF é o órgão que regula e legitima o exercício profissional no setor da atividade física.



www.confef.org.br

Sistema CONFEF/CREFs
Conselhos Federal e Regionais de Educação Física

Cartas

claras. Pena não existirem outros com essa capacidade.

João Hallex Har Rolim
Santana do Livramento, RS

Colin J. Campbell

Excelente a entrevista com Colin Campbell (Amarelas, 5 de outubro). Já chegou ao fim a era da abundância do petróleo. Os preços do barril não mais refletem situações conjunturais, mas estruturais. Pode-se antever um mundo no qual o escasso recurso deixe de ser queimado para gerar eletricidade ou movimentar carros. Nesse quadro de grandes mudanças, a situação brasileira é de relativo, ou mesmo grande, conforto. Temos para os carros a opção já testada e aprovada do álcool. Nossa produção de eletricidade é, em quase sua totalidade, hidrelétrica. Hidreletricidade é uma energia limpa, barata e renovável, que pode ser produzida com mínimo impacto ambiental.

José Ricardo da Silveira
Foz do Iguaçu, PR

Fiquei impressionado com a quantidade de sandices ditas por Colin J. Campbell. Escudado sob um título de Ph.D. da Universidade de Oxford, o entrevistado, entre outros absurdos, afirma que o volume de produção de campos de petróleo é basicamente controlado pela natureza, não tendo nada a ver com tecnologia ou com investimentos. Continuando, o entrevistado diz que a tecnologia, ao permitir o aumento da produção (incoerente com a afirmação de que a produção só depende da natureza, da pressão da jazida), antecipa o fim da era do petróleo ao esgotar mais rapidamente as jazidas. Ora, qualquer estagiário de companhias de petróleo sabe que os métodos de manutenção

da pressão das jazidas, as diversas tecnologias que aumentam o fator de recuperação (*enhanced recovery*, diria o gringo) fazem com que as reservas aumentem mesmo sem novas descobertas. Arrogante, ele não concorda com as reservas anunciadas pelas companhias de petróleo e cria a sua própria contabilidade. Ora, todas as grandes companhias seguem regras internacionalmente aceitas (SPE, por exemplo) e os produtores árabes, acusados de inflar suas reservas, têm volumes tão extraordinariamente altos que a lógica nos faz crer que somente poderiam ser maquiados para menos, até como forma de reduzir a cobiça de outros países. Enfim, ao anunciar o início do declínio da produção mundial de petróleo, o entrevistado apenas se soma a outros pseudo-especialistas que disseram o mesmo há dez, vinte, trinta ou quarenta anos.

Alfeu Valença
Ex-presidente da Petrobras e presidente da Consultoria e Engenharia de Petróleo Ltda (Compet)
Por e-mail

Aldo Rebelo

Ao ler a reportagem "Operação Saci" (5 de outubro), em que estão objetivamente descritas as "negociações que beiram a desfaçatez" praticadas pelo governo por ocasião da eleição de Aldo Rebelo para a presidência da Câmara dos Deputados, informo ao presidente da República: como cidadão, mereço ser respeitado pelos dirigentes do meu país. Não sou idiota. Espero que a maioria dos eleitores se sinta indignada com o auge do lamaçal e com a prostituição política praticados pelo governo.

Delto Baptista de Oliveira
Rio de Janeiro, RJ

CARGA PESADA

O leitor João José da Silva, de Itu, em São Paulo, registrou este flagrante na Rodovia dos Bandeirantes e o enviou para VEJA. O motorista do caminhão aparentemente não está feliz com as condições das estradas federais e arrumou um jeito original de fazer seu protesto.



O protesto do caminhoneiro

Muito interessante a comparação dos seres do governo com os personagens da literatura brasileira em “Operação Saci”. O problema é escolher dentre tantos quem será a Mula-sem-cabeça e o Curupira (que tem os pés voltados para trás).

José Carlos Cavalcanti
Curitiba, PR

Como biógrafos de Monteiro Lobato, temos algumas observações sobre a matéria “Operação Saci”, ilustrada com personagens do *Sítio do Picapau Amarelo*. Quando a analogia para ironizar o governo não é gratuita, ela é fora de propósito. No caso de Tia Nastácia, associada ao presidente Lula, VEJA incorre em preconceito e desinformação, pois a cozinheira representa, na sua simplicidade, a sabedoria popular. Emília, sem dúvida faladeira, raramente diz bobagens. Alter ego do próprio escritor, é a mais crítica, lúcida e perspicaz da turma. Já Aldo Rebelo, na figura do Saci-Pererê, deveria contar com o nosso respeito por suas iniciativas de legislador em defesa do idioma, dos mitos e dos valores que forjam a identidade nacional.

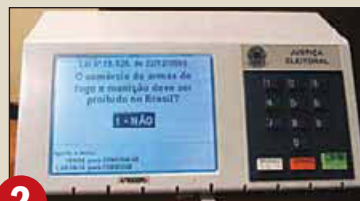
Marcia Mascarenhas Camargos
e *Vladimir Sacchetta*
São Paulo, SP

URNA ERRADA

Com relação ao referendo do desarmamento, o leitor Fernando Levi Buarque, do Recife, convocado para trabalhar como mesário, chama atenção para um problema relevante, que incomodou vários outros leitores: “No treinamento dado pelo TRE, a urna eletrônica estava com a tela exatamente igual à da foto publicada por VEJA, ou seja, a opção 1 para o SIM e a opção 2 para o NÃO. As opções, na realidade, estão invertidas”. É verdade, na urna divulgada inicialmente pelo TSE invertiu-se a ordem. O correto é como aparece na foto ao lado: Opção 1 – Não (o eleitor vota contra a proibição do comércio de armas de fogo). Opção 2 – Sim (o eleitor vota a favor da lei que proíbe a venda de armas).



1 A venda de armas deve ser proibida?



2 Opção 1: não



3 Opção 2: sim

FOTOS DIVULGAÇÃO/TSE

PT

Não deixamos o PT apenas por razões políticas e por causa de prazos eleitorais. Para nós, a questão ética também tem relevância, e negar isso, como o fizeram a matéria “PT? Que PT?” (5 de outubro) e a coluna de Tales Alvarenga, não é correto. Afastamo-nos do PT, que ajudamos a construir durante tantos anos, porque sua cúpula, que continuará majoritária na direção nacional, cedeu ao pragmatismo eleitoral segundo o qual os fins justificam os meios. Agora no Partido Socialismo e Li-

berdade (PSOL), continuaremos defendendo que os meios já são os fins, em processo de realização.

Chico Alencar
Deputado federal
Brasília, DF

Maria Rita

Parabéns a VEJA por denunciar a abominável prática do jabá (“O mensalinho da filha de Elis”, 5 de outubro). Num país onde se compram desde árbitros de futebol até deputados federais, a corrupção de jornalistas para falar bem de uma artista é inadmissível em qualquer época, ainda mais nos dias de hoje. Se quisermos promover a restauração da ética no Brasil, não devemos ser condescendentes com atos como esse. Basta!

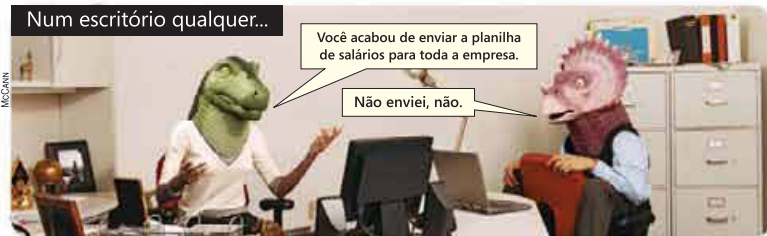
André Brandão de Melo
São José dos Campos, SP

Parabéns a VEJA pela coragem e isenção ao denunciar a prática de jabá junto a jornalistas por meio da doação de um iPod no lançamento do novo CD da cantora Maria Rita. Uma vergonha! Ficamos indignados com o comportamento de nossos congressistas, mas reproduzimos na divulgação cultural e em outras situações da vida cotidiana as mesmas práticas de compra de mentes, e da maneira mais baixa. O

Seu potencial. Nossa inspiração.™
Microsoft

Num escritório qualquer...

McGraw



Você acabou de enviar a planilha de salários para toda a empresa.

Não enviei, não.

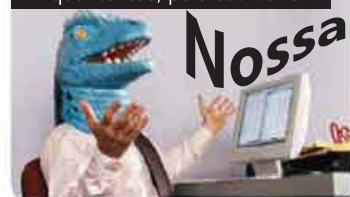


Enviei, sim.



Não enviei, não.

Enquanto isso, pelo escritório...



Nossa!!!



Enviei, sim.

A era de “NÃO TENHO COMO PROTEGER MINHAS INFORMAÇÕES” já era.

O **Microsoft® Office** evoluiu. Com o Office 2003 e através da tecnologia de Gerenciamento de Direitos a Informações, você pode definir facilmente permissões de impressão, cópia ou envio de e-mails e documentos.

Entre nesta nova era:
www.microsoft.com/brasil/office/evolua



Completamente completo neste anúncio, só o Ford Fiesta.
O final das histórias você descobre no www.fordfiesta.com.br



Centro de Atendimento Ford: 0800 703 FORD
(3673)



Deixe um Ford surpreender você.

JWT

Tem carro que tem design moderno, mas não tem motor. Uns têm motor bacana, mas falta espaço interno. Outros, até têm espaço interno, mas não têm um porta-malas realmente grande. O Ford Fiesta tem tudo isso junto. Não é à toa que tem proprietários tão satisfeitos. E, pra completar, tem as versões Trail e ST. Agora, já que a gente ficou repetindo tem, tem, tem, diz aí: você já tem um? **Ford Fiesta. Completamente completo.**

CD de Maria Rita é superinfeliz, mas eu, um leitor desavisado (de críticos vendidos pelo mensalinho do iPod), acabei comprando-o e pude ouvir as verdades que VEJA sintetizou tão bem: Maria Rita perdeu a graça da novidade de se parecer com sua saudosa e competíssima mãe.

Vitor Bellis
Curitiba, PR

Foi lamentável o artigo "O mensalinho da filha de Elis", remetendo-nos à podridão da política brasileira, que nada tem a ser comparada com a artista. Se Maria Rita é parecida com a mãe, nada mais normal. Talentosa e dona de estilo próprio provado pelas semelhanças entre o primeiro e o segundo disco, vencedora de três Grammy (o Oscar da música no mundo), é de esperar que se façam comparações com o furacão inesquecível Elis Regina.

Leonardo Moreira
Bertioga, SP

INSTITUTO BRÄNEMARK

A reportagem "O milagreiro de Bauru" (28 de setembro), sobre o médico sueco Per-Ingvar Bränemark, que inaugurou recentemente na cidade de Bauru, no interior paulista, a sede brasileira do P-I Bränemark Institute (www.bränemark.se/), levou vários leitores a escrever para VEJA, interessados nos trabalhos de implantes e próteses avançados por ele desenvolvidos. O instituto começa a atender plenamente em janeiro, mas as inscrições já podem ser feitas pelo telefone (14) 2106-0006. Como há grande procura, a sugestão é que o paciente entre em contato por carta, infor-



O MILAGREIRO DE BAURU

O sueco Bränemark, que revolucionou os implantes dentários e de próteses, instala-se no interior de São Paulo

Milena Costa

S... de uma carta e, pela brevidade do espaço, resumo aqui o que o instituto oferece. Quando foi criado, o instituto descobriu que o Brasil não oferecia nada parecido com o que ele oferecia. Hoje, o instituto já tem mais de 100 pacientes e está planejando a instalação de uma...

mando o número do telefone e fazendo um breve relato de seu caso. O endereço do Instituto Bränemark é Avenida Nações Unidas, 27/28, Bauru, SP, CEP 17012-202.

Com relação à reportagem sobre a distribuição de iPods para jornalistas pela gravadora Warner, a propósito do lançamento do CD *Segundo*, da cantora Maria Rita, esclareço que a revista errou ao me citar na lista dos profissionais que não devolveram o brinde. A reportagem de VEJA não respei-

tou um princípio básico do jornalismo: ouvir o outro lado. O iPod que recebi foi entregue de volta à assessoria de imprensa da cantora tão prontamente quanto possível.

Jotabê Medeiros
Repórter de *O Estado de S. Paulo*
São Paulo, SP

UM DOS MAIORES FESTIVAIS DE MÚSICA DO MUNDO.

21, 22 E 23 DE OUTUBRO

MAM (MUSEU DE ARTE MODERNA), RIO DE JANEIRO

21 out

ESGOTADO

TIM CLUB - 20h
Bob Mintzer Big Band
Russell Malone & Benny Green
Wayne Shorter Quartet

ESGOTADO

TIM STAGE - 22h
Mundo Livre S/A
Kings of Leon
The Strokes

TIM LAB - 23h
M. TAKARA 3
Autechre
Vincent Gallo

MOTOMIX - 1h da manhã
Arthur Baker
PERETZ
Nego Moçambique

22 out

TIM CLUB - 20h
SpokFrevo Orquestra
Enrico Rava
John Mc Laughlin:
Remember Shakti

TIM STAGE - 22h
De La Soul
M.I.A.
Dizzee Rascal

TIM LAB - 23h
Lado 2 Estéreo
The Arcade Fire
Wilco

MOTOMIX - 1h da manhã
KL Jay
Cut Chemist
Diplo

23 out

TIM CLUB - 20h
The Conga Kings
Dona Ivone Lara
Dr. John

TIM STAGE - 22h
Television
Elvis Costello and
the Imposters

TIM LAB - 23h
Vanessa da Mata
Kings of Convenience
Morcheeba

MOTOMIX - 1h da manhã
Frankie Knuckles
Body & Soul

DE 21 A 25 DE OUTUBRO, EDIÇÕES ESPECIAIS EM SÃO PAULO, PORTO ALEGRE E BELO HORIZONTE.

Máfia do apito

Com relação à "Carta ao leitor" (5 de outubro), esclareço que a CPI do Futebol no Senado Federal, presidida pelo senador Alvaro Dias, diferentemente da CPI da Câmara, teve o relatório aprovado por unanimidade, levando à responsabilização de todos os investigados, bem como gerando implicações no âmbito judicial. A CPI foi fundamental na aprovação da legislação que alterou as normas do futebol brasileiro, como o Estatuto do Torcedor e a Lei de Responsabilidade no Esporte. Tais normas permitem que hoje tenhamos um campeonato brasileiro mais organizado e que consigamos mesmo anular partidas sem desestruturar toda a competição.

André Eduardo Fernandes
Brasília, DF

Nando Reis

Presumindo que a continuação da frase "Antes só...", título de matéria de 5 de outubro, seja "do que mal acompanhado", considero temerário sugerir qual das partes (ou se alguma delas) merece tal atributo. Deve-se lembrar que os Titãs (já em quinteto) lançaram o CD inédito *Como Estão Vocês*, aprovado pela

crítica e pelo público, logo após a saída de Nando Reis, e fazem até hoje por merecer a reputação de banda ícone do rock no Brasil. O talentoso Nando Reis merece o reconhecimento que tem recebido, mas não há como negar a vitalidade constantemente revigorada e o espírito de grupo sem par presentes no conjunto Titãs.

Flávio Alves Borges
Belo Horizonte, MG

Foi Nando Reis que se livrou de um péssimo líder, e não os Titãs que se livram de um péssimo cantor. Ainda bem para nós, fãs desse lindo e maravilhoso cisne, que parecia ser um patinho feio de voz esganiçada, que com suas criações fala direto ao nosso coração, toca no ponto mais sensível de nossa alma. Amo muito esse cara.

Sônia Mendes dos Santos
São Paulo, SP

Estava demorando para Nando Reis ser reconhecido por uma revista conceituada como VEJA. Cantar vai muito além da afinação. Nando Reis canta com a alma e com um entusiasmo tão próprio que consegue passar na letra das suas

músicas uma paz de espírito indescritível. Suas letras são facilmente entendidas por quem ouve, e é isso que torna sua música bela. Afinal, música não foi feita para ser cantada por enigmas. Algumas delas não dizem nada e não têm sentido algum.

Gyovanna Pinheiro Soares
Salvador, BA

Tubarões

Excelente a reportagem "Risco nos mares" (5 de outubro), sobre a matança indiscriminada de tubarões. Será preciso o extermínio de todas as espécies para o homem reconhecer que não consegue viver sozinho no planeta? Será que o ser humano é incapaz de perceber que a degradação do meio ambiente compromete sua existência na Terra? Até quando teremos de aturar japoneses exterminando baleias, canadenses dizimando populações inteiras de golfinhos e focas, chineses assassinando cruelmente várias espécies de tubarão e brasileiros desmatando covardemente a maior e mais importante floresta do mundo? São perguntas que deveriam ser feitas mais vezes.

Márcio Rahal Costa
Campo Grande, MS



SHOW EXTRA RJ
22 OUT - ARMAZÉM 5 - CAIS DO PORTO
Kings of Leon - 20h
The Strokes - 21h30

A compra de ingresso via internet tem uma taxa de 20% no valor de cada ingresso. Mais uma taxa para entrega em domicílio ou retirada na bilheteria (valor por entrega ou por retirada, independente da quantidade de convites). Serão aceitos todos os cartões de crédito.

Estudantes e idosos: 50% de desconto em todos os ingressos mediante apresentação de RG (idosos) e comprovação de matrícula em instituição de ensino cadastrada no MEC/2005 e RG (estudantes), na compra e na entrada. À venda em todos os pontos de venda, exceto Porto Alegre, internet e tele vendas.

* Clientes TIM, exceto corporativos, têm 20% de desconto no primeiro par de ingressos para os shows, nas lojas participantes. Apresentar a primeira folha da conta de setembro ou outubro, ou cartão de recarga a partir de R\$ 20,00.

Transportadora oficial:



Co-patrocinio:



MOTOROLA



Viver sem fronteiras

VENDA COM DESCONTO:

20% de desconto para clientes TIM*

Lojas TIM: Rio Sul · NYCC · Rio Branco

Fnac: Barra Shopping

Modern Sound: Copacabana

VENDA:

Postos Ipiranga: Botafogo · Grajaú

Jockey · Barra

Internet:

www.ticketmaster.com.br

Telefone: 0300 789 6846

(R\$ 0,30/min + impostos de telefone fixo e

R\$ 0,77/min + impostos de telefone móvel)

Ingressos:

R\$ 50, R\$ 70, R\$ 80

R\$ 100, R\$ 120

TIM VILLAGE: R\$10

Censura: 16 anos

Bebidas alcoólicas são proibidas para menores de 18 anos.

WWW.TIMFESTIVAL.COM.BR

www.nossacaixa.com.br



**Não importa qual o tamanho do seu sonho.
Ele cabe na Nossa Caixa.**

Não é de hoje que a Nossa Caixa abre caminhos para a realização de projetos pessoais. São décadas de solidez que geraram produtos e serviços de qualidade, opções de crédito sob medida e, o mais importante, clientes felizes. Afinal, se a Nossa Caixa reúne tradição e modernidade, segurança e rentabilidade é pensando na satisfação de cada um de seus clientes.

Nossa Caixa. Abre todas as possibilidades para você.

Nossa Caixa

O banco do coração de São Paulo



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
RESPEITO POR VOCÊ

Diogo Mainardi

Na semana passada, conversei com o colunista Diogo Mainardi durante sua visita à Câmara. Na ocasião, defendi a reforma política como uma medida indispensável e inadiável para o aprimoramento da democracia brasileira. Mencionei que no projeto de reforma política em curso na Câmara foram tocadas apenas questões que poderiam ser tratadas por meio de alterações na legislação ordinária, deixando de lado mudanças que precisariam ser firmadas por emendas constitucionais. Para exemplificar o que ainda falta ser corrigido, mencionei o problema da grave distorção que existe na representação dos estados na Câmara dos Deputados. Observei que por obra do regime militar o sistema vigente não obedece à proporcionalidade e ao princípio segundo o qual o voto deve ter igual valor para todos os cidadãos. Hoje, o voto de um cidadão em certos estados tem um valor menor do que em outros, causando uma distorção à democracia do país. Dessa maneira, registro que não fiz nenhuma referência aos deputados do Nordeste, até porque não se concentram nessa região do país as maiores distorções na proporcionalidade.

José Eduardo Cardozo
Deputado federal (PT-SP)
Brasília, DF

Referendo das armas 2

A citação de meu nome na última edição da revista VEJA (1925) sugere que eu seja contra a proibição da venda de armas. Sou a favor da proibição. A maior parte das armas que matam mais de 30 000 pessoas por ano no Brasil foi vendida legalmente e acabou nas mãos de bandidos e de cidadãos que fizeram mau uso delas. A proibição é um ingrediente importante no conjunto de medidas para reduzir a violência.

José Vicente da Silva Filho
Coronel da reserva da PM/SP
Ex-secretário nacional de Segurança Pública
São Paulo, SP

Trabalho no Instituto Sou da Paz, cujo símbolo foi reproduzido na capa da revista. Escrevo apenas porque imaginei que alguém pudesse esclarecer qual a necessidade de agredir e desmoralizar uma instituição para defender uma idéia. Era mesmo necessário atacar o Instituto Sou da Paz na capa da revista para defender o “não”? O SDP nas-

ceu em 1997, resultado de uma iniciativa de estudantes de direito do Largo São Francisco. Desde então vem desenvolvendo uma série de projetos, prioritariamente nas regiões mais violentas da cidade. Os projetos hoje envolvem jovens da periferia, policiais, prefeituras e a comunidade em geral. O SDP, entre outras coisas, é apontado como um dos responsáveis pela redução dos índices de violência no Jardim Ângela. O mais importante, no entanto, é que o instituto é formado por pessoas. Jovens, comprometidos com um trabalho desafiador, que acreditam na possibilidade de construir uma sociedade menos violenta e mais justa. A pluralidade de opiniões é muito saudável. É excelente que o debate sobre o desarmamento consiga mobilizar o país dessa maneira. Tornar o tema da segurança pública assunto obrigatório é por si só um grande avanço. Contudo, há muitos modos de fazer isso. Desrespeitar um símbolo e uma instituição é, na verdade, desrespeitar o trabalho das pessoas.

Paula Miraglia e mais nove assinaturas
São Paulo, SP

Gilberto Carvalho

VEJA, apoiada no depoimento de um juiz que cumpre pena por venda ilegal de sentenças judiciais, sustenta em três páginas acusações falsas e ilações contra minha pessoa, feitas de forma absolutamente leviana, confessando não ter nenhuma prova. Para “equilibrar” a matéria, restaram à minha defesa apenas

as quatro últimas linhas do texto. Gostaria de reafirmar aos leitores da revista que jamais procurei induzir depoimento de testemunhas do crime contra o companheiro Celso Daniel. Durante todo aquele período, minha preocupação era justamente que as pessoas falassem a verdade, sem nenhuma suposição fantasiosa. As fitas a que se refere o juiz-presidiário já foram objeto de reiteradas publicações, sem que nada pudesse me incriminar. Aproveito para informar que estou tomando as devidas medidas judiciais para me defender das calúnias e acusações que pessoas movidas por interesses escusos tentam me imputar sem prova. Sou o maior interessado em que a verdade prevaleça, tanto pela memória de meu amigo Celso Daniel quanto pela minha dignidade, que vem sendo duramente atacada.

Gilberto Carvalho
Brasília, DF

OS NÚMEROS

Correspondência da semana

▶ E-mails	4 916
▶ Cartas	54
▶ Fax	41
Total	5 011

Assuntos mais comentados

▶ Referendo das armas	2 306
▶ Maria Rita	59
▶ Eleição de Aldo Rebelo	36
▶ Nando Reis	27
▶ Diogo Mainardi	23

**OUTUBRO.
MÊS DAS CRIANÇAS
ASSUMIREM O
CONTROLE.**

Com um cardápio desses na mão, eles se viram.

A PRODUÇÃO NACIONAL

Pixcodepics Cartoon Network

AS SÉRIES

W.I.T.C.H. Jetix

Wallace & Gromit Shorts HBO Family

OS FILMES

Xuxa e o Tesouro da Cidade Perdida

DIRECTV Cine Club (Pay-Per-View)

Os Incríveis

DIRECTV Cine Club (Pay-Per-View)

Yu-Gi-Oh! O Filme

DIRECTV Cine Club (Pay-Per-View)



DIRECTV™ e o desenho do ciclone são marcas registradas da DIRECTV Latin America, LLC, uma divisão do The DIRECTV Group Inc.



Assine já: (11) 4004-1111* capitais e regiões metropolitanas ou consulte nossos representantes.
www.directv.com.br

*Ligação local.





Holofote

Felipe Patury

DUPLO COMANDO NO PSDB

O prefeito de São Paulo, José Serra, apoiou a candidatura do senador Tasso Jereissati à presidência do PSDB com uma condição. Requisitou a secretaria-geral do partido, o segundo cargo mais importante na hierarquia, para o deputado **Eduardo Paes**, do Rio de Janeiro. Tasso aceitou. Eduardo Paes é um dos mais fiéis aliados de Serra. Com ele no posto, o prefeito pretende evitar que a executiva do PSDB seja comandada apenas pelos defensores da candidatura do governador Geraldo Alckmin à Presidência da República.

O BRAÇO DA UNESCO NO BRASIL

A Alfabetização Solidária, a organização não-governamental criada pela antropóloga **Ruth Cardoso**, é a primeira instituição brasileira a ser filiada pela Unesco, o braço da Organização das Nações Unidas para a Educação. A superintendente da Alfabetização Solidária, Regina Siqueira, diz que a condição de filiada permitirá que a ONG brasileira participe das reuniões deliberativas da Unesco e receba recursos da ONU.

JOGO DURO COM A GDK

O presidente da Petrobras, **Sérgio Gabrielli**, afastou em julho quatro funcionários responsáveis pelas concorrências da estatal na Bahia. Eles promoveram licitações condenadas pelo Tribunal de Contas da União. Entre elas estão encomendas feitas à empreiteira GDK, que deu o Land Rover ao ex-secretário do PT Silvio Pereira. Os auditores da Petrobras investigam, agora, os outros contratos com a GDK. Enquanto isso, ela e as empresas Tenace e Montril não participarão de novas licitações.



ALAOIR FILHO/AE

O FURA-GREVE

Os funcionários do Banco do Brasil ficaram trinta dias em greve em 2004. No mês passado, ameaçaram cruzar os braços de novo.



DIDA SAMPAIO/AE

O presidente do banco, **Rossano Maranhão**, cancelou suas viagens para negociar um acordo com o sindicato. Desmarcou até a presença na reunião anual do Fundo Monetário Internacional, em Washington. Maranhão prometeu que compensará o reajuste de 4% com aumento na participação nos lucros. Os empregados aceitaram.



RICARDO STUCKERT

“PDC? PDS? PRN? PTR? NÃO ME LEMBRO”

O senador **Leomar Quintanilha**, do Tocantins, passou por muitos partidos. Nos anos 70, era da Arena e apoiava o regime militar. Depois, passou pelo PFL, PP, PMDB, outros menores e, agora, está no PCdoB. Ele contou ao repórter Fábio Portela como se tornou comunista

Veja — Por quantos partidos o senhor já passou?

Quintanilha — Eu teria de contar. Foram muitos.

Veja — Seu estado, o Tocantins, foi criado em 1988. É uma data importante. Qual era seu partido então?

Quintanilha — PDC? PDS? PRN? PTR? Não me lembro. Ah, acho que era o PPR, que virou PPB.

Veja — O senhor participa de outras agremiações?

Quintanilha — Já fui do Lions Club, do Rotary, da maçonaria e sou presidente da Federação Tocantinense de Futebol desde 1991.

Veja — Como o senhor se tornou comunista?

Quintanilha — O símbolo comunista é a foice e o martelo, a união dos trabalhadores do campo e da cidade. Meu pai trabalhava na roça. Minha mãe era professora primária. Tem tudo a ver comigo.

Veja — E se alguém lhe cobrar coerência política?

Quintanilha — Há vinte anos, mudar de partido era o fim do mundo. Hoje, ninguém liga. Os partidos são todos parecidos mesmo. Nenhum tem identidade.

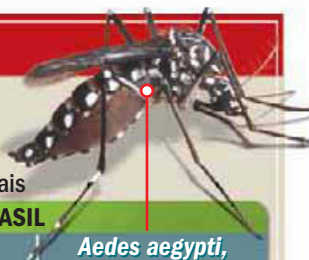


Quintanilha: é tudo igual

FOTO UESLEI MARCELINO/IBG PRESS

INVASORES NOCIVOS

Estados Unidos, Austrália, Índia, Inglaterra, África do Sul e Brasil perdem 330 bilhões de dólares por ano com os danos causados por animais e plantas estrangeiros que transmitem doenças exóticas e causam prejuízos ambientais



ESTRANGEIROS QUE AMEAÇAM O BRASIL

Siri-bídu, do Oceano Índico	Capim anoni, da África	Búfalo, da Ásia	Aedes aegypti, da África
Chegou em 1995	Chegou em 1931	Chegou em 1900	Chegou em 1970
Ameaça os siris nativos, menos aptos a competir por alimentos	Não comestível, virou praga	Destrói a reserva Guaporé, em Rondônia	Em 2005, o mosquito transmitiu dengue a 160 000 pessoas

Fontes: Universidade de Cornell e Ministério do Meio Ambiente

Com reportagem de Camila Antunes, Fábio Portela e Heloisa Joly

O que tira o sono dos executivos

Uma maneira de prever o desempenho da economia é medir o grau de confiança da população. Há cinco anos, a Fundação Dom Cabral pergunta a 1 000 executivos das maiores empresas do país quais são suas preocupações. Neste ano, a pesquisa mostra que eles estão mais seguros no emprego e andam preocupados com a vida pessoal. São sinais de que a economia vai bem. O estudo também mostra uma novidade: os executivos acham que a violência passou a ameaçar os negócios



FOTO DIGITALVISION

FONTE DE TENSÃO Nº 1	
Prejuízos para a vida pessoal	
Porcentual de queixas	
2000	2005
26%	36%
Eles reclamam de jornadas de trabalho cada vez mais longas e falta de tempo livre	

FONTE DE TENSÃO Nº 2	
Medo de ficar desempregado	
Porcentual de queixas	
2000	2005
22%	20%
Como o PIB cresce há dois anos, os executivos se sentem mais seguros no emprego	

FONTE DE TENSÃO Nº 3	
Preocupação com a violência	
Porcentual de queixas	
2000	2005
—	14,5%
A ameaça da violência tem causado mais tensão do que o temor de que o governo arrisque aventuras na economia	

Fonte: "As grandes fontes de tensão do executivo", de Betania Tanure



Neste Dia das Crianças, presenteie sua filha com uma estrelinha da sorte. Linha Myself, para cada pedra um significado.

12 de outubro dia das crianças
VIVARA

www.vivara.com.br televendas 0800 726 2000
Myself pingentes de estrelas com pedras brasileiras 5x R\$ 39, ou à vista R\$ 195 cada, sem corrente.
© Reprodução proibida. Produto registrado. Preços válidos até 23/10/05, ou enquanto durarem os estoques. Peças ampliadas.687

▶ AVIAÇÃO

Nuvens negras

O tempo vai fechar para as companhias aéreas. Está previsto para dentro de duas semanas um aumento no Brasil de 32% no preço do querosene de aviação, que já subiu 42% desde janeiro. O combustível responde por cerca de 30% dos custos totais das companhias aéreas. Com isso, cairá a rentabilidade (já magra) das empresas do setor, e, para o consumidor, o reajuste resultará num aumento do preço das passagens.

O “Doutor No” e a Varig

Hoje, a vida ou a morte da Varig está nas mãos de Antonio Palocci. O problema é que Murilo Portugal, secretário executivo do Ministério da Fazenda, conhecido também pelo apelido de “Doutor No”, é um dos maiores opositores do projeto de reestruturação da Varig.

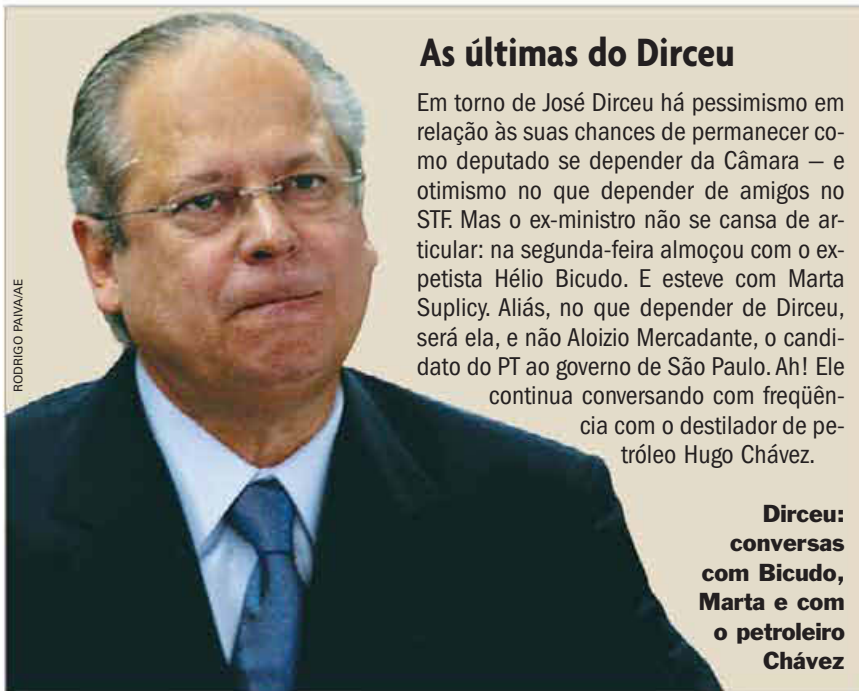
▶ ECONOMIA

Na bolsa

O UOL, sociedade da *Folha de S. Paulo* e da Portugal Telecom, anuncia que em breve, muito breve, estará abrindo seu capital.

Teste de ética

Os novos administradores da Brasil Telecom estão se utilizando de um método curioso na contratação dos executivos que dirigirão a empresa. Passaram a aplicar rigorosos “testes de integridade moral”. Funciona assim:



RODRIGO PAIVAAE

As últimas do Dirceu

Em torno de José Dirceu há pessimismo em relação às suas chances de permanecer como deputado se depender da Câmara — e otimismo no que depender de amigos no STF. Mas o ex-ministro não se cansa de articular: na segunda-feira almoçou com o ex-petista Hélio Bicudo. E esteve com Marta Suplicy. Aliás, no que depender de Dirceu, será ela, e não Aloizio Mercadante, o candidato do PT ao governo de São Paulo. Ah! Ele continua conversando com frequência com o destilador de petróleo Hugo Chávez.

Dirceu: conversas com Bicudo, Marta e com o petroleiro Chávez

com uma câmera de luz forte no rosto do candidato e uma bateria de perguntas agressivas em grau crescente sobre temas éticos, um inquiridor espreme o executivo por uns quarenta minutos.

Carros a rodo

A propósito, a nova turma da Brasil Telecom está fazendo uma limpa em algumas mordomias da administração anterior: vendeu os sete automóveis que a ex-presidente Carla Cico tinha à sua disposição (três em Brasília, dois no Rio e dois em São Paulo), assim como demitiu os cinco motoristas que a serviam.

De volta

Terminou a quarentena da empresária Cristiana Arcangeli, que há sete anos vendeu a Phytoervas ao grupo americano Bristol-Myers Squibb. Ela está preparando sua volta, criando uma nova marca de cosméticos.

A novela Pactual-Goldman

Ultrapassou-se mais um obstáculo da série que tem surgido na novela da compra de 45% do Banco Pactual pela Goldman Sachs. André Esteves, o principal sócio do Pactual, teve de ceder na semana pas-

UM GATILHO CONTRA A DÍVIDA

Até 1994, o maior desafio do Brasil era vencer a inflação. O economista Raul Velloso afirma que o problema, agora, é a dívida pública. Desde 1999, o governo se esforça sem sucesso para reduzi-la. Velloso acredita que a questão poderia ser solucionada por um gatilho fiscal, um mecanismo que proibiria o governo de aumentar gastos quando a dívida subisse demais

	1999	2005	QUAL É A EXPLICAÇÃO
O superávit fiscal primário aumentou...	3,2% do PIB	4,6% do PIB	Apesar de a carga tributária ter passado de 30% para 36% do PIB nesse período, a arrecadação de impostos foi insuficiente para cobrir o aumento de despesas com saúde, previdência, pessoal e rolagem da dívida
...mas a dívida pública também	49,4% do PIB	52% do PIB	

Fonte: “Por um gatilho fiscal temporário,” de Raul Velloso



FOTO PHOTODISC

sada a algumas exigências dos americanos. Além de ter um poder um pouco menor do que o desenhado anteriormente no futuro banco, Esteves topou deixar algo como 200 milhões de dólares, dos 475 milhões de dólares totais da transação, para uma espécie de caução por um prazo de seis anos. Esse dinheiro serviria para cobrir eventuais processos fiscais que o Pactual possa sofrer.

A Telemar se movimentada

A Telemar está montando uma operação financeira para tentar comprar a Telemig Celular.

► MENSALÃO

“Evidências de irregularidades”

O extenso relatório da comissão de sindicância interna que investiga o que se passou nas entranhas do IRB detectou que há “evidências de irregularidades” no pagamento de indenizações de sinistro. E aponta como responsáveis dois ex-diretores — Luiz Appolonio Neto e Carlos Murilo Barbosa Lima

► ESPORTE

Quanto custa?

A menos de dois anos dos Jogos Pan-americanos, no Rio de Janeiro, prossegue



RAFAEL CAMPOS

Várias amantes numa só

O maior obstáculo superado pela Globo para levar ao ar a minissérie *JK*, que começou a ser gravada na semana passada em Tiradentes, foi convencer a família do ex-presidente a deixar que os autores façam referências à sua fama de mulherengo. Conversa de lá, conversa de cá, e finalmente se encontrou uma solução: todas as supostas amantes de Juscelino Kubitschek foram reunidas numa única personagem, que será vivida por Malu Mader. *JK* estreia em janeiro.



JOEL MAIA

Malu e Juscelino: obstáculo superado

o mar de dúvidas que rodeia o evento. No relatório de acompanhamento que trata da implantação das obras, o ministro do Tribunal de Contas da União Marcos Vileça advertiu que “ainda pairam diversas incertezas sobre os custos totais envolvidos na realização dos Jogos Pan-americanos, bem como de sua repartição entre as diversas fontes de recurso”.

► CULTURA

Mudança na biblioteca

Pedro Corrêa do Lago está deixando a presidência da Biblioteca Nacional,

depois de algumas turbulências na instituição. Gilberto Gil pensa em nomear o professor da UFRJ Muniz Sodré para substituí-lo.

► CINEMA

O número 1

Em sete semanas de exibição, *2 Filhos de Francisco* está alcançando a marca dos 4 milhões de espectadores. Já é o campeão de bilheteria do ano no país. Bateu 28 milhões de reais de faturamento nas bilheteiras, contra 27,7 milhões de reais de *Madagascar*.

Colaborou José Edward Lima

e-mail: ljardim@abril.com.br



SOBE

INTOLERÂNCIA

Defensores e oponentes da venda de armas tentaram censurar a livre manifestação sobre o tema. ▲

EL-BARADEI E AIEA

O diretor da Agência Internacional de Energia Atômica da ONU e a própria agência dividiram o Nobel da Paz. ▲

PORTUGAL

No semestre passado, pela primeira vez na história, foi o destino europeu mais procurado pelos brasileiros, desbancando França, Itália e Espanha. ▲



DESCE

EDUCAÇÃO

▼ Pela primeira vez em dez anos diminuiu o número de estudantes no Brasil.

DOM LUIZ FLÁVIO CAPPIO

▼ O bispo de Barra (BA) armou um circo e usou a chantagem como arma política.

GEORGE W. BUSH

▼ O presidente americano sofreu sua primeira derrota no Congresso desde que chegou ao poder, há cinco anos.

Imagens muito mais reais por muito menos reais.



NO CARTÃO
12x
SEM JUROS

PHILIPS

Aceitamos cartões de crédito/débito:



42"
PLASMA



PHILIPS
42PF9936D/78 D WIDE FLAT

42PF9936D/78 D WIDE FLAT

TV PLASMA 42"
DE ~~11.999,00~~

POR R\$ **9.999,00**

0 + 12 de R\$ 833,25 sem juros no cartão

TV PLASMA PHILIPS 42"

WVGA PLASMA,
PROGRESSIVE SCAN,
DOLBY VIRTUAL SURROUND,
CONTROLE REMOTO. 100 PEÇAS
PREÇO À VISTA R\$ 9.999,00



CASAS

BAHIA

DEDICAÇÃO
TOTAL A
VOCÊ

OFERTAS VÁLIDAS DO DIA 8/10/2005 ATÉ SEXTA-FEIRA,
DIA 14/10/2005. CONSULTE OUTRAS CONDIÇÕES DE
PAGAMENTO NA LOJA MAIS PRÓXIMA. IMAGENS ILUSTRATIVAS.

“Você cobraram durante dez anos que o câmbio fosse flutuante, e agora querem que eu determine o valor da moeda?”

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, defendendo a ortodoxia na política cambial

“Sou um baixinho da Xuxa.”

Maradona, recebendo a loirinha em seu programa na TV argentina

“Muitos dos depoentes convocados pela CPI alimentaram o mensalão do PT, que só o presidente fingia ignorar.”

Antonio Carlos Magalhães, senador (PFL-BA), integrante da CPI dos Bingos, reagindo às críticas do presidente

“Eu tenho seios grandes desde muito cedo. Eu me sentia culpada em relação ao meu corpo. Hoje as pessoas compram os peitos que eu sempre tive.”

Jessica Simpson, cantora e estrela do filme Os Gatões

“As suspeitas foram acentuadas com o pagamento de Duda Mendonça no exterior. Precisamos identificar a procedência dos fundos que deram origem aos empréstimos.”

José Eduardo Cardozo, sub-relator da CPI dos Correios, dizendo que há indícios de que os empréstimos de Marcos Valério para o PT podem na verdade ser dinheiro vindo do exterior



REUTERS



GETTY IMAGES

O FIM DO CD

Os aparelhos de CD devem ser substituídos pelos reprodutores de MP3 num prazo de apenas cinco anos. A previsão é do diretor do Laboratório de Sistemas Integráveis da Universidade de São Paulo, João Antônio Zuffo, que afirma que as tecnologias de áudio demoram cada vez menos tempo para ser trocadas

	 Disco de 78 rotações	 Long-play (LP)	 Compact disc (CD)	 MP3
Capacidade	5 minutos em cada lado	20 minutos em cada lado	1 hora e 20 minutos	Até 1 000 horas
Qualidade da gravação	Ruim	Regular	Boa	Ótima
Período áureo	1910 - 1955	1955 - 1985	1985 - 2010*	Início em 2003
Duração	45 anos	30 anos	25 anos	Não se sabe

Fonte: Federação Internacional da Indústria Fonográfica

* Estimado

FOTOS MARCELO KURALEO FELTRAVIUS GOMES

“Esse bando de bandidos tentou tirar dinheiro da GTech e não conseguiu.”

Marcelo Rovai, gerente da GTech, empresa que opera as loterias da Caixa Econômica Federal, na CPI dos Bingos, referindo-se a Rogério Buratti, ex-assessor de Antonio Palocci na prefeitura de Ribeirão Preto, e a Waldomiro Diniz, ex-assessor de José Dirceu na Casa Civil da Presidência da República

“Mentira. Ele me ofereceu de 500 000 a 16 milhões de reais e depois baixou para 6 milhões e pagou à MM Consultoria.”

Rogério Buratti, esperneando na lama

“A Turquia será a China da Europa.”

Abdullah Gul, ministro de Assuntos Exteriores da Turquia, animado com as negociações de adesão do país à União Européia

“Dinheiro de caixa dois não é dinheiro bom, não deve ser usado. É preciso guardar o caixa dois só para os bandidos.”

Márcio Thomaz Bastos, ministro da Justiça, que não gosta de promiscuidade com fundos ilegais

“Como levar a sério raciocínios de pessoas cuja profissão é centrada na proposição de que existiriam seres incorpóreos que interferem no mundo?”

Claudio Weber Abramo, presidente da ONG Transparência Brasil, a propósito da greve de fome do bispo Cappio contra o projeto de transposição das águas do Rio São Francisco

“Só se o filme se chamasse ‘Instinto Selvagem: Depende’ e fosse filmado num asilo.”

Sharon Stone, atriz, 47 anos, que estreia em janeiro uma seqüência do filme Instinto Selvagem, sobre a possibilidade de completar uma trilogia

“Eu nunca faria um vídeo pornô. Não sou estúpida o bastante.”

Tara Reid, atriz, criticando o vídeo pornô que sua amiga Paris Hilton fez e que vazou na internet



MARCIA MENDES/JC IMAGEMIAE

GARETH DAVIES/GETTY IMAGES

Editado por Julio Cesar de Barros

e-mail: jbarros@abril.com.br

“FORÇAS AÉREAS BOLIVARIANAS”

A Aeronáutica doou doze aviões à Bolívia e ao Paraguai. O Equador será o próximo beneficiário. O governo diz que há dois motivos para os presentes: ajudar os vizinhos a aparelhar as forças aéreas e repassar as velharias, cuja manutenção é cara

A ESQUADRILHA DOADA PELO BRASIL

	BOLÍVIA	PARAGUAI	EQUADOR
Presente	seis aviões T-25	seis aviões T-25	cinco aviões C-91
Para que serve	Instrução de cadetes	Instrução de cadetes	Transporte de carga e passageiros
Idade	35 anos	35 anos	45 anos
Valor unitário	60 000 reais	60 000 reais	420 000 reais

Fonte: Comando da Aeronáutica



Aviões como o menor vão para a Bolívia e o Paraguai e como o maior, para o Equador

FOTO DIVULGAÇÃO

SAGA DOS ALV

Agora, Lula tenta desprezar as denúncias, mas é tamanha sua mudança de foco que até os áulicos têm dificuldade de saber em que Lula acredita

Otávio Cabral

O presidente da República entrou numa nova fase na semana passada. Depois de incorporar em público figurinos tão díspares quanto o do líder autista, alheio à crise e a seus desdobramentos, e o da autoridade diligente, fiadora de investigações rigorosas e punições exemplares “doa a quem doer”, o presidente Lula deu agora para desdenhar das denúncias que sangram seu governo. Entusiasmado com a trégua de novas acusações, e fortalecido pela eleição do deputado Aldo Rebelo ao comando da Câmara, Lula abriu uma temporada de declarações depreciativas. Primeiro, ao falar a empresários paulistas, disse que o país ficara à deriva do “denuncismo” por “quatro ou cinco meses”. Depois, ironizou o trabalho da CPI dos Bingos, dizendo que ela nunca convocara “um bingueiro”. Nesse caso, o presidente estava irritado com o fato de que a CPI chamara seu secretário Gilberto Carvalho para uma acareação



O presidente: Helmut Kohl e Bettino Craxi tiveram um pouco mais de compostura

OS MUTANTES

Afinal, em que Lula acredita?

Em cinco meses de crise, o discurso do presidente Lula sofreu intensas mutações. Ao lado, as principais fases



FASES	DURAÇÃO	PONTO ALTO
FASE 1 Crise? Que crise? É o período em que Lula mostra indiferença em relação às denúncias e pede a abertura de investigações em tom protocolar	24 dias (de 14 de maio, quando VEJA divulga o vídeo da corrupção nos Correios, até 6 de junho, quando o então deputado Roberto Jefferson denuncia o mensalão em entrevista ao jornal <i>Folha de S.Paulo</i>)	No dia 20 de maio, cercado por jornalistas que lhe pediam que comentasse a crise, o presidente debocha e diz: “Olha para minha cara para você ver se eu estou preocupado com isso”
FASE 2 Doa a quem doer Nesse período, o presidente reconhece que existe uma crise e passa a prometer investigações rigorosas e punições exemplares “doa a quem doer”. José Dirceu é demitido da Casa Civil	16 dias (de 7 de junho, quando o governo passa a reagir às denúncias de Jefferson, até 22 de junho, quando inaugura a fase seguinte)	No dia 7 de junho, Lula, ao discursar num evento promovido pela ONU, promete “cortar na própria carne” e levar as investigações até as “últimas consequências”
FASE 3 “Eu fui traído” É a época em que o presidente se diz vítima de traição e passa a culpar o PT pela crise. Nessa fase, cai a cúpula do partido, inclusive seu presidente, José Genoíno	29 dias (de 23 de junho, quando Lula diz que não há “governo mais honesto” que o seu, até 21 de julho, quando começa a fase seguinte)	No dia 15 de julho, Lula dá entrevista em Paris na qual culpa o PT pela crise e diz que caixa dois é uma prática sistemática no Brasil
FASE 4 “Vão ter que me engolir” É quando Lula passa a atacar as elites. Diz que é vítima de preconceito, que não vai se matar nem renunciar e que políticos e mídia são “aves de mau agouro”	43 dias (de 22 de julho, quando ataca as elites em discurso em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, até 2 de setembro, quando entra numa fase de silêncio)	No dia 3 de agosto, em discurso exaltado na sua terra natal, Garanhuns (PE), acusa a imprensa e as elites de conspirar contra seu governo e, imitando o técnico Zagallo, diz que terão de engoli-lo num segundo mandato
FASE 5 Ah, esse Congresso... É o período em que o presidente fica num silêncio discreto, aproveitando que as atenções se voltaram para a prisão de Paulo Maluf e as investigações sobre o mensalinho de Severino Cavalcanti	30 dias (de 3 de setembro, quando VEJA publica a denúncia do mensalinho de Severino, até 2 de outubro, quando começa a fase seguinte)	No dia 18 de setembro, quando o PT fazia a eleição mais importante de sua história, Lula fica em sua casa em São Bernardo do Campo assistindo ao jogo entre Corinthians e Figueirense
FASE 6 Era tudo mentira Aliviado com a entressafra de denúncias, Lula passa a desqualificar o que veio a público até agora	Começou na semana passada	Num dia, Lula disse que o país ficou quatro meses submetido a denúncias que não se comprovaram e, no dia seguinte, desdenhou da CPI dos Bingos afirmando que ela nunca convocou um “bingueiro”

sobre o assassinato do prefeito de Santo André. No outro caso, mais grave, Lula aderiu ao coro dos que pelem para fabricar na opinião pública a impressão de que todas as denúncias são infundadas e as motivações dos investigadores — CPI, polícia, imprensa — são espúrias.

É natural que um presidente acossado por suspeitas, como tem acontecido com Lula, tente defender a si mesmo e a seu governo — mas é raro que, nesse afã, saia atirando contra instituições cuja missão é justamente investigar. Nas democracias mais sólidas, os chefes de governo, mesmo aqueles enlameados por suspeitas de corrupção, tendem a ter mais compostura. Helmut Kohl, ex-chanceler alemão, foi acusado de receber ilegalmente 1 milhão de dólares

para seu partido e enfrentou as investigações fazendo tudo para provar sua inocência — em vão, ao final —, mas sem jamais desmerecer quem o investigava. Até Bettino Craxi, o ex-primeiro-ministro da Itália pilhado num monumental esquema de corrupção, esperneou quanto pôde se dizendo vítima de perseguição política e fugindo depois para a Tunísia, onde morreu, mas nunca acusou aqueles encarregados de investigá-lo. Aqui, é diferente. E olha que as “denúncias infundadas” já ceifaram a cabeça de um ministro, nove funcionários do governo e catorze executivos de estatais, além de ameaçar dezesseis deputados de cassação, fora um que já foi cassado e outros três que renunciaram...

Ao procurar desmoralizar denúncias e investigações, embora tenha, em outro momento, prometido apurações rigorosas, o presidente Lula provoca uma desorientação na opinião pública, tal a sua oscilação de foco. Afinal, no que o presidente realmente acredita? Acredita, como ele próprio já disse, que as denúncias são motivadas por preconceito da elite, que conspira para derrubá-lo? Ou acredita, como ele também já disse, que foi



Wagner e Bastos: será que esse cochicho é sobre o caixa dois?

traído pelos próprios companheiros? Ou, como diz agora, que as denúncias são levianas e tudo não passa de jogo político? “Se eu fosse caridoso, diria que a mudança nos discursos de Lula é uma técnica de controle da opinião pública, comum na política, praticada com maior ou menor competência, dependendo do governante”, analisa o filósofo Roberto Romano, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “Como não sou caridoso, digo que Lula é um mestre da demagogia populista, da arte de arengar. Ele muda seu discurso na tentativa de desviar as pessoas da realidade.”

A nova estratégia do desdém começou a ser posta em prática na semana passada, mas o presidente Lula não foi seu único ativista. Houve outros, dentro e fora do governo. O ministro Jaques Wagner, das Relações Institucionais, querendo aliviar a culpa do PT, que comprovadamente mantinha um caixa com dinheiro clandestino, disse que caixa dois é algo inofensivo como “jogo do bicho” ou “dólar paralelo”. Esqueceu-se de combinar com o ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, que antes dissera que caixa dois é coisa de

“bandidos”. O ministro da Justiça também apresentou uma criação de sua própria lavra para desacreditar as denúncias. Disse que a Polícia Federal já está investigando um “comércio de delação premiada”, pelo qual advogados estimulariam seus clientes a superfaturar acusações em troca de redução de pena. A única suspeita de “comércio” da qual o ministro se lembrou foi o caso do doleiro Toninho da Barcelona, que — coincidentemente — acusou o próprio ministro. Em tempo: a Polícia Federal, desmentindo o ministro, informa que não há investigação sobre o assunto. Há apenas uma pesquisa — procedimento estranho à rotina da polícia — sobre casos de delação premiada no país.

Fora do governo, mas em seu auxílio, apareceu o presidente do Senado, Renan Calheiros, para dizer que as CPIs estariam “patinando” e “sem foco”. Até o deputado José Dirceu, aquele que está “cada vez mais convencido” da própria inocência, resolveu pontificar, dizendo que as “CPIs perderam o foco” — e o mais espantoso, além da ironia de seu diagnóstico, é o fato de Dirceu supor que está autorizado a mudar de lugar no meio do jogo, trocando o banco dos réus pela cadeira dos jurados... O ex-ministro Tarso Genro é outro que enveredou para o caminho da crítica às CPIs na semana passada. Disse que haverá fundadas suspeitas de que as CPIs estão fazendo corpo mole caso não investiguem a origem do dinheiro que irrigou o valerioduto. Ora, o ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares jura que o dinheiro veio dos tais empréstimos contraídos por Marcos Valério nos bancos BMG e Rural. Ninguém acredita nisso, e agora se descobre que nem Tarso Genro acredita, mas é bom lembrá-lo, ele que cobra tanto resultado das CPIs, de que Delúbio Soares — o mentiroso, certo? — ainda não foi nem expulso do PT. Tarso Genro preside o PT. ■

Ana Maria voa
American Airlines

“Ir atrás do que há
de novo
no mundo.”

**Você tem vários motivos para viajar. A gente só quer apresentar mais um: a condição de pagamento.
Tarifas em 10x sem juros no cartão de crédito.**

Aproveite as condições de pagamento da American. Você voa pelo mundo com todo o conforto e ainda acumula milhas, muitas milhas.



250 cidades. 40 países. Uma companhia aérea.

AmericanAirlines®
AA.com.br



Para reservas e informações, ligue para seu agente de viagens ou para American Airlines SP (11) 4502-4000, demais localidades 0300-789-7778*.

*Tarifa/minuto: de telefone fixo R\$ 0,03638 + impostos; de telefone móvel de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Espírito Santo R\$ 0,43418 + impostos; e de telefone móvel dos demais estados R\$ 0,44830 + impostos. O valor da tarifa acompanhará as alterações homologadas pela Anatel para as tarifas do STFC e SMC e será aquele vigente na data da realização das chamadas. AmericanAirlines é marca registrada da American Airlines, Inc. Todos os direitos reservados © 2005.

GASTANDO A SOLA

Vavá: três viagens por mês a Brasília pagas por empresários



DEIXA COMIGO

BR Petrobras ^{NO JANEIRO} (1) ^{SY}
LIGIA 02121 3876.4444.
Falar em meu nome (ou) assessora Vavá
& respeito da Tancaagem de Sta Adélia.
(Sobre um e-mail passado com dados
da sessão separa)
Só pra saber se já tem alguma
informação ^{OK}
VAVÁ ^{em Brasília} (2)
Ligar p/ SR Cesar Abravim (assumir
pessoa do Lula) p/ obter informações
a respeito da Federação Brasileira de
Hospitais (se já for encaminhado p/
algum setor e se há agenda para
nós atender, juntamente c/ o presidente
da Federação ^{EDUARDO DE OLIVEIRA PEREIRA}
^{MANSUETO T. MARQUES DE SAUS}
Sobre o CADE Indicação
Conselheiro

Vavá, irmão mais velho do presidente Lula, abre escritório para “ajudar” empresários a negociar com órgãos do governo. Lula, como sempre, nada sabia

Camila Pereira e Marcelo Carneiro

UM IRMÃO-P

Anotações feitas em setembro deste ano por Cristina Caçapava, “assessora” de Vavá, mostram que, a pedido de empresários, o escritório procurava de prefeitos ao secretário de Lula

BR DISTRIBUIDORA

Cristina pede à secretária que cobre uma posição da empresa a respeito de um pedido de “cessão de espaço” do terminal de Santa Adélia (SP). O terminal, sob a administração da BR, é um depósito de combustíveis hoje inoperante. No mesmo mês em que a anotação foi feita, Vavá esteve na sede da BR, no Rio. Ele confirma ter ido lá acompanhado de um empresário, de cujo nome disse não se lembrar

SECRETÁRIO DE LULA

Cristina tenta intermediar um encontro entre César Alvarez, assessor especial da Presidência da República, e Eduardo de Oliveira, presidente da Federação Brasileira de Hospitais. O interesse da entidade é renegociar uma dívida de 580 milhões da União para com hospitais privados. O encontro aconteceu no dia 14 de setembro, em Brasília, no Palácio do Planalto

Handwritten notes on a piece of paper with a yellow sticky note. The text includes: 'Prefeitura Jacareí', 'Chefe de Gabinete: Domingale', 'Prefeito: Marco Aurélio de Souza. (PT)', '(12) 3955-0000', 'DIA 152', 'Indicar o Sr. Marco Aurélio - Empresa SISTEL', '(JÁ FORNECE MERECEDA ESCOLAR)', '(UMA ATENÇÃO ESPECIAL PR' ESTE MEU AMIGO)', 'Márcio Thomaz Bastos', 'Assunto: Repatriação de Dividas (Garantização ao Embaixo do Sr. Daniel (Suíça))', and 'ITD - Jacareí'. There are also some illegible handwritten notes on the right side of the paper.

PREFEITO DE JACAREÍ

Vavá confirma que tentou marcar uma reunião com o prefeito de Jacareí, conforme anotação feita por Cristina Caçapava, mas diz que não conseguiu ser recebido. Afirma não se lembrar do nome da pessoa que lhe encomendou o encontro nem de qual seria seu interesse nele

MÁRCIO THOMAZ BASTOS

Vavá confirma ter recebido pedido do escritório de advocacia Freire Garcia, de Daniel Freire Garcia Vieira, para apresentar ao Ministério da Justiça um projeto de repatriação de divisas ligado ao caso PC Farias. Pelo projeto, o escritório ficaria com 10% do valor repatriado. Vavá diz que não chegou a apresentar a proposta ao ministro Márcio Thomaz Bastos, conforme indica anotação de sua assessora

Dos seis irmãos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Genival Inácio da Silva é o mais extrovertido e falante. Vavá, como é conhecido, já foi operário, metalúrgico e funcionário público. Hoje, aos 64 anos e aposentado, decidiu investir em nova atividade. Desde o início do ano, ele mantém um escritório no 3º andar de um prédio comercial em São Bernardo do Campo, no ABC paulista. Lá — com a ajuda de três funcionários, três linhas telefônicas fixas e quatro computadores —, dedica-se a intermediar pedidos de empresários junto a prefeituras petistas, empresas estatais e órgãos do governo federal, como a Caixa Econômica Federal e a Secretaria-Geral da Presidência da República. Vavá confirmou a VEJA que recebe e encaminha

pedidos de empresários interessados em “trabalhar com o governo”, mas disse que, “por enquanto”, não recebeu nenhum pagamento pelo serviço. “Até agora ninguém pagou nada ainda. Espero ganhar um dia.”

O presidente Lula, por meio da Secretaria de Imprensa do Palácio do Planalto, disse o que, a esta altura, já não configura mais novidade: “nunca teve conhecimento das supostas atividades” desenvolvidas por seu irmão. Segundo o artigo 332 do Código Penal Brasileiro, “solicitar, exigir, cobrar ou obter, para si ou para outrem, vantagem ou promessa de vantagem, a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público no exercício da função”, configura crime de tráfico de influência. A pena prevista para esses crimes — claro, se eles forem

provados e advir condenação — varia de dois a cinco anos de prisão.

Em menos de um ano de funcionamento, o escritório do irmão do presidente prosperou bastante. Tanto assim que Vavá já planejava ampliá-lo: procurava uma sala maior para alugar e havia acabado de contratar uma nova funcionária, cuja chegada estava prevista para os próximos dias. Atualmente, trabalham com ele uma secretária, Gisely Sant’Ana, um advogado, Emmanuel Quirino dos Santos, e a ex-agente de viagens Cristina Caçapava, amiga do ex-metalúrgico há 23 anos. Nos contatos com órgãos públicos, Cristina se identifica como “assessora de Vavá”. Uma foto dela e do chefe — com o presidente Lula no meio — decora a sala de entrada do escritório.

ROBLEMA

Na entrevista a VEJA, Vavá começou por negar que sua “assessoria” — sem placa na porta ou sinal algum que indique a natureza de suas atividades — se prestasse a intermediar negócios de empresários com o governo. Segundo Vavá, o escritório teria como finalidade prestar “assessoria social para pessoas que precisam”. “Conseguimos cestas básicas, remédios e vagas em hospital para elas”, disse. Mais tarde, confrontado com informações apresentadas pela reportagem, admitiu que “ajuda” também empresários. “Se o presidente (Lula) tem empresários que procuram ele para fazer negócio, nada melhor do que você ajudar”, afirmou. Entre os membros do governo federal que Vavá admite ter procurado a pedido de donos de empresas estão o assessor especial do presidente Lula, César Alvarez, e o diretor de operações e logística da Petrobras Distribuidora (BR), Edimilson Antonio Dato Sant’Anna.

O ex-metalúrgico disse a VEJA ter solicitado, e obtido, uma audiência com o assessor da Presidência por encomenda da Federação Brasileira de Hospitais. A federação — entidade que representa 6 895 hospitais do país, a maior parte deles da rede privada — é credora de uma dívida de 580 milhões de reais com a União, contraída por meio de serviços prestados por hospitais particulares ao Sistema Único de Saúde (SUS). Em abril deste ano, a entidade saiu vitoriosa de um processo na Justiça que obrigou o governo a quitar a dívida — só que em um prazo de dez anos. O presidente da federação, Eduardo de Oliveira, não ficou satisfeito com a decisão — queria propor ao governo a redução da dívida em troca de sua quitação imediata. Foi para tratar dessa questão que ele pediu a Vavá que marcasse a audiência com o assessor de Lula. A audiência ocorreu no dia 14 de setembro, no Palácio do Planalto. Eduardo de Oliveira, presidente da entidade, confirma ter pedido, por intermédio de um assessor, a reunião a Vavá. “Hoje em dia, se você não tem



MARCOS FERNANDES

PROPAGANDA NO ORKUT

O trabalho de Cristina Caçapava (ao lado), assessora de Vavá, segundo relato da própria na internet: “consultoria de recursos em órgãos públicos estaduais e federais”

à reportagem que Alvarez, embora “irritado” com o fato de ele comparecer à audiência na companhia de membros da federação, se comprometeu a “encaminhar o assunto”.

bons relacionamentos, não consegue fazer nada”, justificou. Ele afirma, porém, que o encontro foi breve, não produziu resultado algum e não lhe custou nem um tostão. “Lógico que a gente agradece, porque se trata do irmão do presidente, mas não houve nenhuma conversa comercial entre nós.” César Alvarez disse, por meio de assessores, que, no dia da audiência marcada com Vavá, se encontrou com membros da Federação de Hospitais “no mezanino do Palácio do Planalto”, mas que se recusou a falar com eles. Já Vavá afirmou

Vavá disse ter sido apresentado ao presidente da Federação de Hospitais pelo advogado da entidade, Daniel Freire Garcia. O advogado, por sua vez, teria se aproximado do ex-metalúrgico para pedir-lhe que o ajudasse a representar o governo brasileiro em um processo de repatriação de recursos desviados pelo tesoureiro do ex-presidente Fernando Collor de Mello, PC Farias. O projeto previa uma comissão, para o escritório do advogado, de 10% do total repatriado. Vavá diz que não chegou a encaminhar a proposta do advogado ao ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, conforme sugere anotação, obtida pela reportagem, feita por sua assessora Cristina Caçapava (veja quadro na pág. 58). Outros documentos aos quais os repórteres tiveram acesso indicam que Vavá e seus assessores fizeram, ou tentaram fazer, gestões também junto à Caixa Econômica Federal (CEF). Uma das secretárias da presidência da CEF em São Paulo, Maria Sopko, confirmou que o irmão do presidente circula “eventualmente” pela casa. “Ele vem aqui re-

CVC CRUZEIROS



MISTRAL

TRÊS NAVIOS E MUITOS DESTINOS PARA VOCÊ.

MISTRAL

Pela 1ª vez no Brasil.

Um dos melhores navios que já navegaram por estes mares. Moderno e sofisticado, construído em 1999, acomoda 1.600 passageiros com muito conforto; um navio descontraído e animado, ideal para viajar em família ou entre amigos.

- 598 cabines, sendo 80 suítes com varanda • Cabines especiais para famílias • 3 piscinas • Solarium com jacuzzi e hidromassagem • Fitness center • Quadras de basquete e vôlei com vista para o mar • 3 restaurantes
- 4 bares internos e 2 externos • Cassino • Discoteca com vista para o mar

Cruzeiros de 4 a 8 dias visitando o melhor do litoral brasileiro: Santos/Rio de Janeiro/Salvador/Ilhéus/Florianópolis/Búzios/Angra dos Reis.

BLUE DREAM

O navio mais luxuoso no Brasil.

Construído em 2000, é o mais novo na costa brasileira. Com capacidade para levar 1.300 passageiros, leva apenas 800 devido ao grande espaço de suas cabines. Isso quer dizer muito mais conforto e privacidade para você, sem filas e aglomerações.

- 4 restaurantes • Salão de shows • Cassino
- Danceteria • Sportsbar • Fitness center completo
- Piscina • Jacuzzis • Solarium • Pista de cooper
- Cabelheiro • Centro de beleza • Spa
- Butique Duty-free • Sauna • Sala de massagem
- Sala para crianças • Biblioteca • Sala de internet

Cruzeiros de 4 a 8 dias visitando: Santos/Búzios/Paraty/Angra dos Reis/Florianópolis/Itajaí/Punta del Este.

Especial cruzeiro de 22 dias para a Terra do Fogo em fevereiro.

PACIFIC

Alto-astral em alto-mar.

Totalmente reformado em 2004. O navio mais alegre da costa brasileira, o único em Fernando de Noronha, um navio especialmente planejado para levá-lo a esse paraíso com muito conforto e segurança.

- O único navio que fica o ano todo no Brasil
- 5 diferentes opções de cabine • Sala de ginástica • Sala de massagem e sauna
- Restaurante, bufê e bar • Sala de internet
- Butique • Amplo cassino • Teatro • Karaokê
- Discoteca

Cruzeiros de 3 a 8 dias visitando: Recife/Noronha/Amazônia/Fortaleza/Natal/Maceió/São Luís/Belém/Santarém/Parintins/Manaus.

A partir de: US\$ **340**,



Prestigie seu agente de viagens.

www.cvc.com.br/navios





A SEDE DA “CONSULTORIA”

O escritório de Vavá e de sua assessora, Cristina, em São Bernardo do Campo; ao lado, quadro que decora a parede da sala principal: Lula lá

FOTOS: MARCOS FERNANDES

solver coisas simples, como o atraso na liberação de um termo de quitação de imóvel”, diz. A secretária afirmou que Vavá costuma ser recebido por um dos vice-presidentes do órgão, mas não quis revelar seu nome.

Na última quinta-feira, quando falou a VEJA, Vavá confirmou também ter “acompanhado” um empresário paulista do ramo da construção, identificado apenas como José Ernesto, a uma reunião com o diretor de operações e logística da Petrobras Distribuidora, Edimilson Sant’Anna. A audiência, marcada a pedido do ex-metalúrgico, ocorreu no último dia 29 de setembro, na sede da empresa no Rio. Segundo o irmão do presidente, o objetivo do empresário paulista era “apresentar alguns projetos” para a subsidiária da Petrobras. Além de viagens ao Rio, Vavá afirmou que vai frequentemente a Brasília. Só no mês passado, esteve na capital federal três vezes. E o que foi fazer lá? “Passear”, responde. As passagens, segundo ele, foram pagas por empresários. Um deles, ainda de acordo com Vavá, seria Silvio Assis, do Distrito Federal. O ex-metalúrgico não revela o motivo pelo qual empresários teriam financiado seus “passeios” pela capital.

Outra frente de atuação de Vavá e seus assessores está relacionada ao ter-

ceiro setor. O escritório do irmão do presidente recebe pedidos para interceder por ONGs e institutos sociais em processos de liberação de verbas e patrocínios comandados por diferentes órgãos do governo. Os pedidos são encaminhados à assistente social Solange Silva, amiga de Cristina Caçapava. Solange é ex-funcionária da prefeitura de Diadema e dona de um escritório de “consultoria” naquela cidade, especializado, segundo diz, em “prestar assessoria a pessoas e entidades interessadas em apresentar projetos que dependam de financiamento público”. Ela confirma que o escritório de Vavá lhe envia “projetos sociais” para ser “formatados”, mas disse que seu trabalho se encerra aí e que não é dela a responsabilidade pelo encaminhamento dos projetos.

FILIAL

Outra “consultoria”, a da assistente social Solange Silva, em Diadema: parceria com Vavá

LULUDIAS LUZ



tos aos seus potenciais financiadores no governo. “Eu só escrevo e desenvolvo os trabalhos.”

Vavá não é o primeiro irmão com potencial para causar embaraços a um presidente. Em 1984, quando o americano Bill Clinton era governador do estado de Arkansas, seu meio-irmão Roger chegou a passar um ano na prisão, por porte de cocaína. Outro presidente americano que não escapou de problemas semelhantes foi Jimmy Carter. Em

1978, seu irmão Billy, simpático e bom de copo, fez uso de um discurso anti-semita para defender os países islâmicos. Em 1980 foi acusado de receber um “empréstimo” de 220 000 dólares, a título de vendas de petróleo que teria realizado na condição de “agente do governo da Líbia no exterior”. Na ocasião, Carter declarou em entrevista à televisão: “Eu espero que as pessoas compreendam que eu não tenho nenhum controle sobre meu irmão”.

O presidente Lula pode dizer, com razão, a mesma coisa. O problema é que, no seu caso, há uma lista de precedentes que o desabonam. Lula não sabia dos métodos utilizados no governo pelo seu ex-ministro da Casa Civil e “capitão do time”, José Dirceu. Não sabia que o partido que

ajudou a fundar e que o elegeu tinha se transformado numa ratoeira. E também não sabia que seu filho Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, andava envolvido em negócios milionários com uma empresa que tem 25% do seu capital composto de dinheiro público. O ministro, o partido, o filho e, agora, o irmão — e Lula não sabe de nada. ■

VAMOS TRANSMITIR
UMA CENA INÉDITA:
ALGUÉM REEMBOLSANDO
O SEU INVESTIMENTO.

PROMOÇÃO VÁLIDA DE 10/10/2005 A 31/12/2005. (1) O VALOR PAGO PELO EQUIPAMENTO SERÁ REVERTIDO EM FORMA DE DESCONTO NAS MENSALIDADES. OFERTA VÁLIDA PARA NOVOS CLIENTES QUE OPTAREM PELO COMPROMISSO DE PERMANÊNCIA MÍNIMA DE 18 MESES NO ATO DA HABILITAÇÃO DOS SERVIÇOS PARA EQUIPAMENTO SKY DIGITAL NOVO OU SEMINOVO. 100% DO VALOR PAGO PELO EQUIPAMENTO REVERTIDO EM FORMA DE DESCONTOS PARA EQUIPAMENTO SKY+. 50% DO VALOR PAGO PELO EQUIPAMENTO REVERTIDO EM FORMA DE DESCONTOS. A OPÇÃO PELOS PACOTES SKY JUNIOR E SKY FAMÍLIA NÃO DÁ DIREITO AOS DESCONTOS. (2) DESCONTO VARIÁVEL CONFORME PACOTE ESCOLHIDO. PRÓ-RATA, 1ª, 2ª E 3ª MENSALIDADES COM ATÉ 50% DE DESCONTO SOMENTE PARA A OPÇÃO DE COMPROMISSO DE PERMANÊNCIA POR 18 MESES E COM AUTORIZAÇÃO PARA DÉBITO AUTOMÁTICO OU PAGAMENTO EM CARTÃO DE CRÉDITO NO ATO DA HABILITAÇÃO. CONSULTE OS PACOTES DISPONÍVEIS PARA ESSA OFERTA. OU VOCÊ PODE OPTAR PELA CONCESSÃO DA SÉRIE A DO CAMPEONATO BRASILEIRO 2005 GRATUITAMENTE. NESSE CASO, O ASSINANTE DEVE NECESSARIAMENTE HABILITAR EM UM DESTES PACOTES: SKY FILMES HBO MAX/DIGITAL, SKY TOTAL HBO MAX/DIGITAL OU MUNDO SKY HBO MAX/DIGITAL E NELLE PERMANECER POR NO MÍNIMO 90 DIAS. *CUSTO DE UMA LIGAÇÃO LOCAL. **CONSULTE O CUSTO DA LIGAÇÃO COM SUA OPERADORA LOCAL.



LIGUE **4004-2868**^{*}
PARA CAPITAIS OU REGIÕES METROPOLITANAS

DEMAIS LOCALIDADES LIGUE (0XX) 11 4004-2868**
OU ACESSE WWW.SKYTV.COM.BR. PROCURE A
REDE AUTORIZADA SKY OU LOJAS DE VAREJO.

PROMOÇÃO REEMBOLSO SKY.

ASSINE E RECEBA DE VOLTA O VALOR PAGO PELO EQUIPAMENTO.¹



NEOGAMA/BBH

ESTA É A HORA DE SUA FAMÍLIA TER DIVERSÃO SEM LIMITES: TODOS OS GÊNEROS DE PROGRAMAÇÃO EM MAIS DE 160 CANAIS COM QUALIDADE DIGITAL DE SOM E IMAGEM, TRANSMISSÃO VIA SATÉLITE PARA TODO O BRASIL. E AINDA DUAS OPÇÕES PARA VOCÊ ESCOLHER: SKY DIGITAL COM EQUIPAMENTO POR R\$ 399,00 E 100% DE REEMBOLSO EM MENSALIDADES¹; OU SKY+ COM EQUIPAMENTO POR R\$ 1.299,00 E 50% DE REEMBOLSO EM MENSALIDADES¹. APROVEITE E ASSINE JÁ.

SKY DIGITAL

100%

DO VALOR DO EQUIPAMENTO DE VOLTA¹

SKY +

50%

DO VALOR DO EQUIPAMENTO DE VOLTA¹

E MAIS: PACOTES COM HBO MAX DIGITAL COM ATÉ 50% DE DESCONTO EM ATÉ 3 MENSALIDADES OU BRASILEIRÃO SÉRIE A GRÁTIS.²

SKY

TV SEM LIMITES

UM TIRO NA RAZÃO

A campanha do referendo esconde o fato básico: o resultado não terá efeito sobre o crime

Jaime Klintonowitz

Em sua última edição, VEJA listou sete razões para votar NÃO no referendo do próximo dia 23. A tomada de posição veio da convicção de que o referendo é uma cortina de fumaça, uma inutilidade do ponto de vista prático e nem sequer deveria ter sido convocado. O NÃO é o voto capaz de tornar o referendo apenas uma lembrança do passo equivocado que a madura democracia brasileira se permitiu dar ao propor essa consulta popular. A falta de argumentos

Fernanda Lima, no papel de Diana: a turma do NÃO quis tirá-la do ar

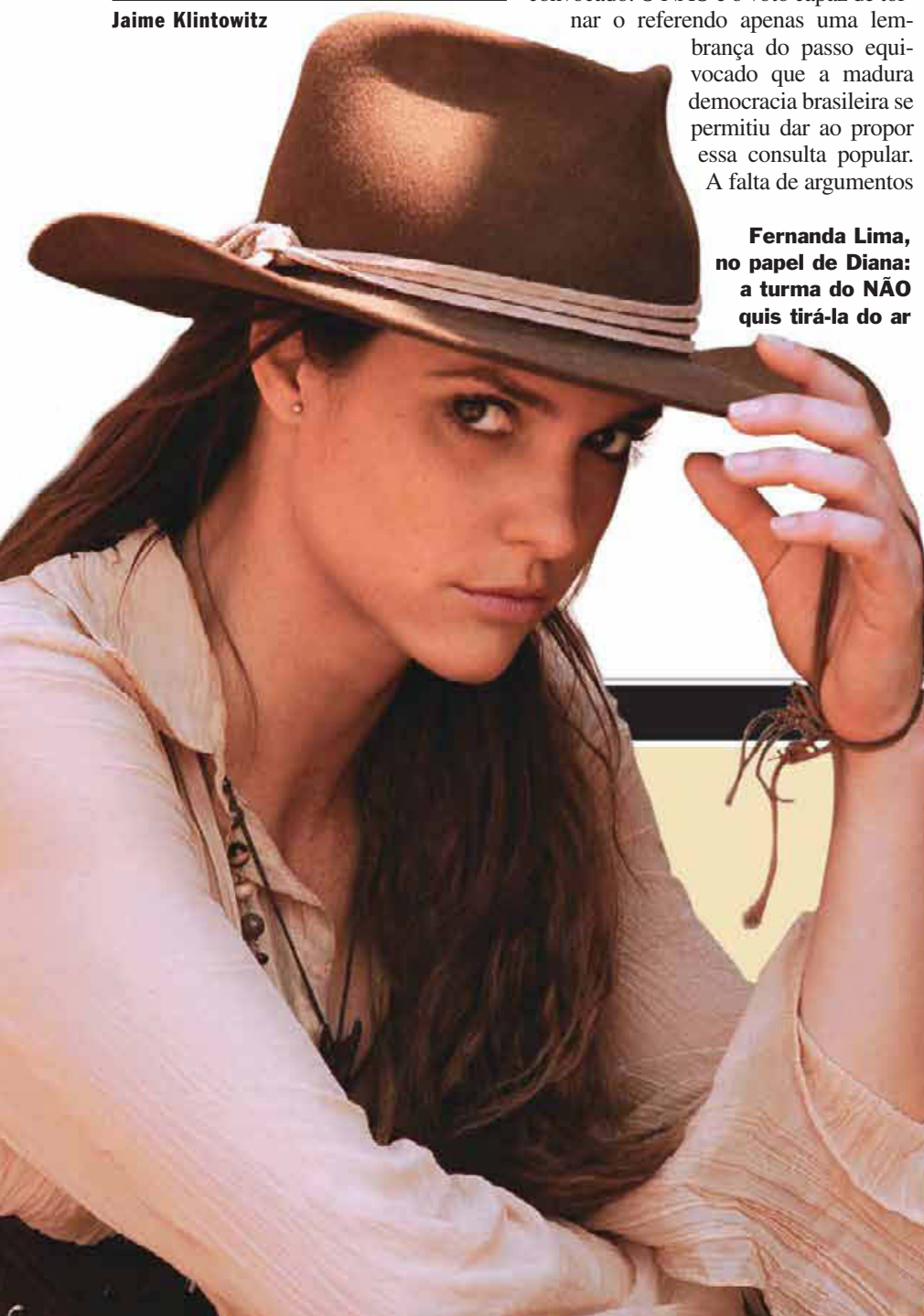
sólidos em ambos os lados, o pró e o contra, na campanha gratuita de rádio e televisão, que começou na semana passada, confirmou que, apesar de os eleitores poderem votar SIM ou NÃO no próximo dia 23, a dualidade é ilusória. A questão real não é o confronto travado entre um grupo de pessoas que espera banir o comércio de armas de fogo e outro que defende sua manutenção. A questão real é se os brasileiros aceitam delegar a “uma ditadura da maioria” o direito de decidir SIM ou NÃO a respeito de um problema muito mais complexo e absolutamente fora do alcance da simples aferição da vontade popular: o crime violento.

Os referendos e plebiscitos são cada vez mais frequentes. De um total de 1 500 referendos realizados desde a Revolução Francesa, metade ocorreu nos últimos 25 anos. A Europa foi a principal catalisadora desse crescimento, já que cinco de cada dez consultas foram feitas por lá. A campeã da democracia direta é a Suíça. Lá, onde qualquer cidadão pode propor uma consulta popular — desde que reúna o apoio de certo número de concidadãos —, ocorreram dois terços de todos os referendos efetivados na Europa. A eficácia do sistema repousa em certos pilares. Primeiro, o referendo deve arbitrar sobre uma

DIVULGAÇÃO

A TURMA DA MORDAÇA

As frentes parlamentares que se enfrentam no referendo do desarmamento — a turma do NÃO e a turma do SIM — têm outro ponto em comum além da ilusão de que o pleito vai trazer algum resultado prático. Ambas tentam amordaçar os meios de comunicação contrários a seu ponto de vista. A frente a favor do desarmamento entrou com uma representação na Justiça para tentar recolher das bancas a edição de VEJA da semana passada. Em sua reportagem de capa, a revista expunha os motivos pelos quais considera o voto NÃO mais adequado. Há duas semanas, a frente a favor





O referendo em campanha na TV: números manipulados e apelos emocionais

divergência ou proposta bem definidas. Recentemente os suíços votaram uma proposta de desmobilização do Exército e ganhou o NÃO. O referendo brasileiro não respeita esse critério da objetividade. “As pessoas podem decidir sobre uma norma, mas não podem resolver questões complexas como o problema da violência apenas votando SIM ou NÃO”, diz Monica Herman Caggiano, especialista em direito constitucional, da Universidade de São Paulo.

Um cuidado nos referendos é apresentar ao povo propostas que o Estado possa cumprir. Uma coisa é se o casamento gay será permitido ou não. Aprovada a medida, ela pode ser aplicada em seguida. A proibição do comércio de armas de fogo depende de fatores alheios ao poder do Estado — como o mercado negro e o contrabando. Não se pode também usar a democracia direta para dar ao Estado o direito de subtrair direitos das pessoas.

Muitas vezes esses mecanismos funcionam como cheques em branco — da-

dos em momento de exasperação ou de euforia popular — para governantes agirem como bem entenderem. Quando isso ocorre, em vez de ampliarem a participação da população, esses mecanismos tornam os regimes políticos mais autoritários e centralizadores.

Um exemplo clássico foram os referendos convocados por Adolf Hitler. Em um deles, em 1934, então primeiro-ministro, Hitler aproveitou a morte do presidente da Alemanha e ganhou em plebiscito o direito de acumular ambos os cargos. “O referendo combina pouco com o sistema de voto obrigatório que existe no Brasil”, diz Leonardo Avritzer, da Universidade Federal de Minas Gerais. O risco é prevalecer a opinião superficial e emocional de uma maioria que não teve tempo nem o preparo necessários para entender todas as variáveis em jogo. Na democracia representativa, os eleitos pelo povo recebem a função de se dedicar em tempo integral a analisar as questões que interessam à sociedade, pesar os conflitos de diferentes grupos e minorias e se manter bem informados sobre os temas a respeito dos quais precisam tomar decisões. Têm mais chance de acertar sobre temas complexos. Principalmente, podem ser responsabilizados pelos erros e vê-los corrigidos por legislações posteriores — o que não ocorre no caso dos referendos.

A inadequação do referendo é um ponto vital para votar NÃO. Outro é a falta de argumentos não emocionais por parte dos defensores do SIM. A rigor, o único ponto em que os defensores do SIM se apóiam com mais solidez advém do fato incontestável de que algumas ar-

mas compradas legalmente acabam em mãos criminosas. Esse argumento não resiste a uma análise mais detida. Um carro pode ser roubado e usado por bandidos para fazer assaltos. Uma casa pode ser alugada e transformada por seqüestradores em cativo para suas vítimas. Uma arma legal pode ser roubada, furta- da ou vendida ilegalmente para um bandido. Se não é solução para os crimes listados acima proibir a venda de carros e a locação de imóveis, por que seria solução a proibição da venda de armas?

Os números sobre armas de fogo no Brasil são díspares e às vezes contraditórios. Existem poucos bancos de dados sobre criminalidade nos órgãos do governo, e a maioria deles se refere apenas a São Paulo e Rio de Janeiro. Na campanha gratuita, os números levados ao

público são interpretações de entidades pró-desarmamento de suas próprias pesquisas ou dos poucos dados disponíveis nas secretarias de Segurança. Um exemplo: na semana passada, a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro publicou em seu site um levantamento sobre a origem das 87 000 armas apreendidas no estado desde 1999 pelas delegacias. Informava que 33% dessas armas eram registradas, 28% contrabandeadas e 39% de origem desconhecida. A campanha do SIM somou as armas registradas com as de origem desconhecida e deu publicidade à idéia de que todas elas (72%) pertenceram a cidadãos de bem, sem antecedentes criminais, e que foram desviadas para o mundo do crime. Obviamente, armas de origem desconhecida são, por definição, ilegais. ■



Adolf Hitler: plebiscitos acabaram com a democracia

BETTMANN/CORBIS/STOCK PHOTOS

das armas já havia entrado com uma liminar contra a revista *Trip* cuja matéria de capa defende a tese do desarmamento. Nos dois casos, a Justiça deu ganho de causa às publicações, preservando seu direito constitucional à liberdade de expressão. A fúria liberticida das duas frentes mirou até mesmo na nova novela das 7 da Rede Globo, *Bang Bang*. Na trama, a protagonista Diana, vivida por Fernanda Lima, costuma desarmar os bandidos com golpes de artes marciais. Além disso, os personagens bonzinhos repetem sempre que não se devem usar armas. A turma do NÃO se julgou atingida e entrou com uma liminar contra a emissora. Mais uma vez o bom senso prevaleceu e a novela continua no ar.



JAMIL BITTAR/REUTERS

Brasil

GREVE DO BARULHO

Bispo fica sem comer, atrai muita atenção e nenhum resultado, mas faz o país se lembrar de seus grotões pobres

A greve de fome do bispo Luiz Flávio Cappio, de 59 anos, durou dez dias, custou-lhe 4 quilos, rendeu-lhe uma notável popularidade e não produziu resultado algum. No dia 26 de setembro, dom Cappio começou a greve de fome com o objetivo de impedir o início das obras de transposição do Rio São Francisco, empreitada de 4,5 bilhões de reais em torno da qual gira um imenso carrossel de dúvidas quanto à sua viabilidade (veja reportagem na pág. 72). Na quinta-feira passada, depois de negociar durante cinco horas com o ministro Jacques Wagner, que se deslocou até a zona rural de Cabrobó, no sertão pernambucano, para negociar o fim da greve de

fome, dom Cappio encerrou seu protesto com as mãos abanando. O governo prometeu liberar 300 milhões de reais por ano para revitalizar o São Francisco, ofereceu ao bispo uma audiência com o presidente Lula e, indo ao ponto central, disse que vai “prolongar o debate” sobre a obra, sem dar nenhuma garantia de que adiará seu início. A greve de dom Cappio não serviu para nada. Ou quase nada: no fundo, voltou a lembrar o país da existência dos grotões de miséria, desesperança e ilusões míticas.

A comunidade em que dom Cappio fez sua greve de fome é paupérrima. Ele passou os dias de jejum dentro de uma modesta capela, encravada num sítio cuja casa não tem água encanada nem esgoto e cujo piso é de terra batida. A capela fica a uns 300 metros da beira do São Francisco, cujas águas, embora resplandecentemente azuis, exalam um odor de urina. Em apenas dez dias, em razão de seu gesto, o bispo Cappio passou a ser alvo do fervor

O bispo, à beira do São Francisco: o fim do jejum veio com base em promessas aéreas e vagas

religioso, que naquelas bandas é sempre muito ativo — o que muda é o santo. Os habitantes locais começaram a compará-lo ao padre Cícero, o grande mito religioso do Nordeste. “Ele é santo. Vim aqui para me abençoar”, disse Maria da América da Silva, 74 anos, referindo-se ao bispo em greve de fome. “Bem que padinho Ciço avisou para tomar cuidado que o rio ia dar cacimba”, diz Isaura Pereira da Silva, 67 anos, fazendo uso da expressão — “dar cacimba” — que significa virar um laguinho. A rotina do lugar foi subitamente quebrada pela greve, com a atração de emissoras de televisão, romaria de devotos e de políticos em busca de exposição, jornalistas e helicópteros...

Em torno da capela do bispo, Cabrobó virou uma atração. As moças, perfumadas, com batom nos lábios e sapatos de saltos altos, indiferentes à poeira alaranjada do sertão, apareciam nas redondezas para paquerar. Ou, como diz Lucineide Gonçalves, 22 anos,

TIMEX®



MELHORE O SEU TEMPO, NEM QUE SEJA ESTETICAMENTE.

Ironman Dual Tech. Mostrador digital que pode ser ligado e desligado. Memória de 50 laps. Cronógrafo de 100 horas. Timer com parada e repetição. Alarme com backup de 5 minutos. Duas zonas horárias. Luz Indiglo® night-light. Resistência à água: 100m.

TIMEX®

PRODUZIDO NO
PÓLO INDUSTRIAL
DE MANAUS



www.timex.com.br
SAC: 0800 55 48 98

Ironman é marca registrada da World Triathlon Corporation.
Timex e Triathlon são marcas registradas da Timex Corporation.
Indiglo é marca registrada da Indiglo Corporation.
© 2005 Timex Corporation.





XANDÓ PEREIRA/AE

O povo: o bispo “é um santo”

para “ver gente”. As crianças, com suas roupas de domingo, eram levadas por parentes — e corriam, brincavam, choravam, na algazarra amena das aglomerações em que todos conhecem todos. Com pouco mais de 20 000 habitantes, a cidadezinha de Cabrobó só viu tempos movimentados assim entre 1999 e 2000, período em que agentes da Polícia Federal executaram a operação para combater as vastas plantações de maconha da região. Era uma época, porém, em que Cabrobó, dizem os moradores, só aparecia na televisão como “coisa ruim”. Agora, não. “Quando acabar isso tudo, vai ser é triste demais”, dizia Benildo Pereira da Silva, 27 anos, pouco antes da notícia de que o bispo suspendera a greve de fome. “Eu acho que aqui vai virar um ponto turístico”, dizia, otimista, Leonilda Farias, 29 anos, estudante de matemática.

A greve de fome do bispo Cappio, embora não tenha resultado em nada, acabou sendo um bom negócio para todos. O governo vendeu uma imagem de tolerante, ainda que não tenha selado nenhum compromisso claro. O bispo deu uma reforçada em sua aura de santidade, por oferecer a vida pelo rio e pelas populações ribeirinhas que vivem dele. E a cidade de Cabrobó teve com que se divertir durante quase duas semanas. Na quinta-feira à tarde, quando anunciou o fim da greve, Cappio foi aplaudido pelos presentes. Para comunicar sua desistência, o bispo, homem vaidoso e consciente do espetáculo que protagonizava, pegou um microfone e leu sua decisão para o povo. Disse que acreditava na proposta do presidente Lula, de adiar o início das obras. Ao fim, talvez açoitado pela dúvida, arrematou: “Se acontecer isso (*se Lula não cumprir a promessa de revitalizar o rio antes de iniciar as obras*), eu volto para Cabrobó”. Certo. O show não pode parar. ■

Julia Duailibi, de Cabrobó

ANDRÉ PETRY

Greve de coerência

O bispo Luiz Flávio Cappio, que fez greve de fome por dez dias em protesto contra a transposição das águas do Rio São Francisco, é um poço de contradições. Ele afirma que toda a sua formação ocorreu dentro dos parâmetros da Teologia da Libertação, mas é um católico conservador, um admirador do papado de João Paulo II. O bispo é, também, contra o aborto e a eutanásia, tal como ensina a doutrina da Igreja Católica. Confira o que disse o bispo em entrevista sobre o assunto à repórter Julia Duailibi, no sertão de Cabrobó:

Veja — *O que o senhor pensa do aborto e da eutanásia, condenados pelo Vaticano?*

Cappio — Sou contra o aborto e a eutanásia. Sou totalmente contra isso. Sou um seguidor dos princípios da Igreja.

O bispo está coberto de razão. Afinal, o dogma católico ensina que Deus dá a vida e apenas Deus pode tirá-la. Por isso, os católicos são — em geral, mas isso está longe de ser uma unanimidade — contra o aborto e a eutanásia. O problema é que a greve de fome a que o bispo se submeteu, anunciando que a sustentaria “até a morte”, se fosse preciso, atentava contra sua própria vida. Atentava, portanto, contra aquilo que é uma dádiva divina. Ou não?

Veja — *Conforme os princípios da Igreja Católica, sua greve de fome não seria indefensável já que, no limite, pode levá-lo à morte?*

Cappio — Isso é uma visão distorcida. São vidas que se oferecem em nome de uma causa. Eu não quero morrer. Quero viver. Estou defendendo uma causa. Essa é uma visão distorcida, uma visão que não cabe no momento.

É óbvio que há uma contradição brutal na cabeça do bispo, e não seria correto atribuí-la à escassez de comida. No fundo, talvez haja mais que contradição. Talvez haja oportunismo. Ou, quem sabe, uma dose generosa de hipocrisia. Seria bastante interessante se o bispo fizesse sua greve de fome e, por coerência, também defendesse o aborto e a eutanásia. Estaria, aí sim, abrindo um debate de profunda envergadura dentro da Igreja. Mas não. Para o bispo, as coisas são bem mais simplórias: a vida é um dom divino quando se trata de censurar os direitos sexuais e reprodutivos

“Para o bispo, a vida é dom divino quando se trata de proibir o aborto e a eutanásia, mas deixa de sê-lo quando o bispo quer defender uma boa causa...”

das mulheres, proibindo-se o aborto, mas deixa de sê-lo no momento em que o bispo quer defender uma boa causa... A vida é coisa de Deus quando se quer impedir o sofrimento lancinante dos pacientes terminais, interditando-se a eutanásia, mas deixa de sê-lo quando o bispo acha que deve deixar de sê-lo...

Por tudo isso, a greve de fome de

dom Cappio parece adequar-se melhor ao picadeiro da palhaçada do que à arena do protesto íntegro. Por tudo isso, sua greve de fome foi encerrada com a mesma ligeireza com que se iniciou. Começou sem que o bispo tivesse tentado qualquer contato com o governo para apresentar seu pleito de adiar as obras do São Francisco e, agora, terminou sem que tivesse qualquer garantia de que o governo vai mesmo adiá-las.

E o fato de o governo ter-se envolvido até os cabelos na greve de fome do bispo apenas reforça o aspecto circense do episódio.



ENTRE EM AÇÃO.

O PIBB PROTEGE O SEU INVESTIMENTO NA BOLSA.*

PIBB SUA GRANDE OPORTUNIDADE DE INVESTIR EM RENDA VARIÁVEL. O BNDES (Banco Nacional de PAPÉIS DE ÍNDICE BRASIL BOVESPA Desenvolvimento Econômico e Social), por meio de sua controlada BNDESPAR, está lançando cotas do PIBB (Papéis de Índice Brasil Bovespa), fundo que reflete o índice IBrX-50, sendo o primeiro fundo de índice com cotas negociadas em Bolsa. O PIBB é um fundo de investimento que visa a replicar a valorização das 50 ações mais negociadas da Bovespa. Assim, ao adquirir um PIBB, você está comprando uma cota desse fundo de ações e torna-se, automaticamente, um investidor nas ações que apresentam a maior liquidez do mercado. **Adquirindo cotas do PIBB, além de investir nas ações de algumas das maiores empresas brasileiras de capital aberto, você ainda conta com a garantia de recompra pela BNDESPAR pelo mesmo valor que investiu, descontados os encargos e tributos devidos, no período entre 1 ano da data de liquidação da oferta e o final de 2006.**

Com um investimento inicial mínimo de R\$ 1.000,00, você já pode tornar-se cotista do PIBB. E ainda conta com a garantia de recompra das cotas pelo BNDES pelo mesmo valor inicialmente investido, até o final de 2006.

ÁGORA SENIOR, QUEM MAIS ENTENDE DE APLICAÇÕES EM BOLSA DE VALORES. Corretora líder do mercado nos últimos 3 anos, a Ágora Senior registra o maior volume financeiro negociado na Bovespa, contando com os melhores analistas e as mais avançadas ferramentas para direcionar seus investimentos. Por isso, a Ágora Senior é a sua melhor opção para investir no PIBB.

Invista com a Ágora Senior.
Central Exclusiva de Atendimento:
0800 282 4334
Seg. a Sex. das 7 h às 22 h – Sáb. e Dom. das 8 h às 18 h
www.agorasenior.com.br



*1 Valor do principal garantido contra desvalorização pelo BNDES, por meio de sua controlada BNDESPAR, entre o 12º e o 15º mês, limitado a R\$ 50.000,00 por CPF ou CNPJ de pessoa jurídica não-financeira. O investidor perde o direito à opção de venda, na hipótese de venda das cotas no mercado secundário. Taxa de administração do PIBB de 0,059% para compra direta. ESTE MATERIAL TEM CARÁTER MERAMENTE INFORMATIVO E PUBLICITÁRIO. O investimento em ações é considerado de risco. Ao investidor cabe fazer sua avaliação do investimento. Os investimentos em fundos não são garantidos pelo administrador ou por qualquer mecanismo de seguro, ou, ainda, pelo Fundo Garantidor de Crédito - FGC. Para uma descrição mais detalhada do PIBB, da oferta e dos riscos envolvidos no investimento em cotas do objeto da oferta, LEIA O PROSPECTO E O REGULAMENTO ANTES DE ACEITAR A OFERTA em www.agorasenior.com.br ou www.viptrade.com.br.

UM RIO DE DÚVIA



O QUE O PROJETO PRETENDE...

- Serão dois canais, totalizando **703 quilômetros**
- Serão empregados **1,1 milhão de metros cúbicos de concreto, 390 000 toneladas de cimento e 71 000 toneladas de aço**
- O governo espera criar **500 000 empregos** com a transposição
- Espera-se que a transposição tenha potencial para irrigar **100 000 hectares**
- As bacias dos rios que receberão a água do São Francisco somam **10 000 quilômetros quadrados**, com uma população total de **12 milhões de habitantes**

COMO A ÁGUA SERÁ DISTRIBUÍDA

A água será levada, através de dois canais de concreto, até os açudes e reservatórios no semi-árido. Para chegar lá, terá de passar por túneis e vencer alturas de até 500 metros, com o auxílio de bombas hidráulicas. A distribuição local caberá aos governos estaduais



Ronaldo França

“O São Francisco é um erro da natureza”, sustentava o ensaísta gaúcho Clodomir Vianna Moog (1906-1988), para quem, se corresse de oeste para leste, o rio da integração nacional teria realmente merecido esse nome. Correndo de sul a norte, paralelo à costa, o São Francisco foi, na visão de Moog, mais uma barreira para a interiorização do progresso do que uma via de escoamento de riquezas. Eis um bom ponto do hoje quase esquecido escritor, que ocupou a cadeira número 4 da Academia Brasileira de Letras — uma pesquisa no Google mostra que o escritor concorre em verbetes com

a banda de rock Viana Moog. Sinal dos tempos. Vianna Moog, o escritor, saiu de moda, mas o São Francisco voltou às paradas. O governo aguarda apenas a última etapa do licenciamento ambiental para ligar os tratores e começar o projeto de transposição do Rio São Francisco, apontado, há um século e meio, como solução para as secas do Nordeste.

Resolvidos todos os impasses jurídicos e messiânicos (veja a reportagem anterior), estará tudo pronto para o início. Nos últimos quatro meses, no entanto, cresceram contra a concretização do projeto barreiras tão ou mais intransponíveis do que as dúvidas técnicas que pairam sobre ele. As questões técnicas são de monta. A transposição pode ser a maior

obra de infraestrutura brasileira desde a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, na década de 80. A obra de transposição consiste na construção dos dois canais de concreto que atravessarão, ao todo, 703 quilômetros de sertão. Na maior parte de sua extensão, terão 25 metros de largura por 5 de profundidade. A água será bombeada até chegar aos rios e, de lá, aos açudes. No caminho, terá de vencer morros e cortar o sertão em dois grandes eixos: o norte partirá da cidade de Cabrobó, em Pernambuco, e, depois de vencer 180 metros de altura na Chapada do Araripe, levará a água até os rios que chegam a Fortaleza, abastecendo açudes e

...E O QUE FALTA ESCLARECER

A secular polêmica em torno da transposição do Rio São Francisco ainda não conseguiu produzir um projeto totalmente conclusivo. Há no ar dúvidas em alguns pontos fundamentais, como:

■ O impacto ambiental

O efeito na bacia do rio ainda não foi suficientemente avaliado. O relatório de impacto ambiental se deteve na região por onde irão passar os canais, e não foram analisadas as consequências sobre a própria bacia do São Francisco e nos rios que receberão suas águas

■ A população atendida

A água da transposição não chegará à área mais carente da região do semi-árido. Será usada principalmente nas cidades. O sertanejo pobre continuará sobrevivendo com carros-pipa

■ Volume da água

A quantidade de água a ser retirada na transposição equivale a 25% da parcela de água ainda disponível no rio para captação. Como boa parte dos restantes 75% já está comprometida, essa água pode fazer falta ao desenvolvimento da própria região da bacia do São Francisco. É necessário saber que compensação os estados doadores terão

GEYSON MAGNO/AG. LUMIAR

São Francisco: o mais simbólico rio brasileiro no centro de uma polêmica longe de acabar



reservatórios pelo caminho. O eixo leste começará na barragem de Itaparica, na divisa da Bahia com Pernambuco, e subirá a uma altitude de 500 metros.

O semi-árido nordestino tem características únicas no mundo que o tornam refém das secas, que ocorrem a intervalos de dez anos. Mesmo nos períodos chuvosos, a água é rara em boa parte da região. Na média anual, chove no sertão brasileiro mais do que em Paris, Londres ou Roma, por exemplo. É quase a metade do que chove em São Paulo, onde os efeitos das tempestades são conhecidos. É muita água. Mas as chuvas são mal distribuídas. Caem torrencialmente por apenas três ou quatro meses e param no resto do ano. Como o subsolo

é rochoso em boa parte da região, a chuva é impedida de penetrar na terra, o que a faz correr direto para o mar. O calor intenso e os ventos fortes quase o ano inteiro provocam a evaporação da água que sobrou nos açudes e nas barragens.

Não se discute, portanto, a necessidade de resolver o problema de abastecimento do semi-árido. A questão é se o projeto proposto funciona. Embora o Ministério da Integração Nacional tenha feito uma série de palestras, ainda restam dúvidas fundamentais entre alguns dos cientistas e engenheiros mais respeitados do país. “O regime de chuvas no Nordeste seco é coincidente com o do baixo e médio São Francisco, quando ele atravessa a caatinga. Como vai ser possível jogar

mais água no semi-árido quando ela estaria mais escassa?”, questiona o geógrafo Aziz Ab’Saber, um dos mais prestigiados cientistas do país. “Não está claro quais serão os reais beneficiários desse projeto. Se a sociedade brasileira vai fazer esse investimento, e ele terá, em grande parte, finalidade econômica, é preciso ver quem vai ganhar com isso e de que forma vai pagar por isso”, afirma Carlos Morelli Tucci, professor titular do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Há outras dúvidas, inclusive sobre o risco de prejudicar o abastecimento de energia elétrica no caso de uma seca como a que ocorreu em 2001, quando a barragem de Sobradinho chegou a ape-



FRANCO VIVAS

nas 7% de sua capacidade. Outra questão no centro da polêmica é o impacto ambiental na própria bacia do rio. Estudou-se o impacto sobre a região onde vão passar os canais, mas não se sabe o que acontecerá na própria bacia do São Francisco quando houver a ligação com outras bacias hidrográficas. Essa foi uma das razões pelas quais a juíza da 14ª Vara Cível da Justiça Federal de Salvador concedeu uma liminar, na semana passada, suspendendo os efeitos do processo de licenciamento. “Não há impacto algum na bacia. A quantidade de água a ser retirada é ínfima”, afirma o coordenador do projeto, Pedro Brito. No entanto, os órgãos competentes ainda não atestaram isso.

Uma questão ainda sem solução diz respeito ao pacto entre os estados que receberão a água e os que a doarão — ou seja, aqueles por onde o leito do rio se estende hoje. Quanto maior o impacto, maiores devem ser as compensações, mas esse assunto está longe de ser resolvido. A oposição política, que já era grande, aumentou na semana passada, quando o governador Ronaldo Lessa, de Alagoas, retirou seu apoio ao projeto por não ver atendidas suas precondições. O governador de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos, não admite publicamente, mas, embora tenha assinado um termo de compromisso com o governo federal, se mostra contra o projeto nas conversas reservadas.

A desconfiança se estende a alguns números fundamentais. O governo tem dito que o total de água a ser retirado é de apenas 1,4% da vazão média do rio, o que é

verdade e é pouco, se comparado ao de outras transposições. A cidade de São Paulo, por exemplo, consome 78% da água do Rio Piracicaba, que corre na região de Campinas. O Rio de Janeiro fica com 63% da água do Rio Paraíba do Sul. E, nesses casos, não há danos significativos. O que está em xeque é a forma de analisar esse número. Os 65 metros cúbicos de água por segundo que, em média, serão retirados do rio correspondem a 25% do total permitido pela Agência Nacional de Águas. O presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, José Carlos Carvalho, aponta a existência de estudos segundo os quais esse volume de água, se retirado, impedirá o desenvolvimento de municípios localizados na própria bacia do rio. Mais uma razão de desconfiança que deverá ser sanada antes da obra. Some-se a todas as dúvidas técnicas a suspeição que paira sobre o tratamento dado ao dinheiro público pelo atual governo e o que se tem é a necessidade urgente de reavaliar a oportunidade desse projeto.

Não menos poderosa é a barreira da credibilidade do projeto. Pesa muito a revelação de que integrantes do primeiro escalão do atual governo e do partido que

A Represa de Sobradinho, em 2001, com 7% de sua capacidade: risco de faltar energia elétrica

o sustenta, o PT, promoveram ou fizeram vista grossa a uma farra de irregularidades sem precedentes na história brasileira. Quando a transposição está mais perto

de acontecer, o governo que a conduz talvez tenha perdido a credibilidade necessária para levar adiante uma obra orçada em 4,5 bilhões de reais. O constrangimento se dá principalmente porque ela estará sendo executada no auge do período eleitoral, quando o calor da disputa pelos votos torna ainda mais insaciáveis os sempre vorazes caixas de campanha. “A obra tem um sentido eleitoral e econômico. É muito perigoso fazê-la em ano de eleições. Um governo sob suspeita deveria, pelo menos, estar submetido a mecanismos adicionais de controle”, afirma o deputado Fernando Gabeira, do PV.

Não é uma preocupação sem sentido, como demonstra a torrente de suspeitas acumuladas nos últimos meses, muitas delas já comprovadas. A obra envolve números estratosféricos na contratação de empreiteiras, compra de máquinas, apólices de seguro e tudo o que monta o velho arsenal das chamadas “operações não contabilizadas”, para usar o termo com que o ex-tesoureiro petista Delúbio Soares se refere ao caixa dois das campanhas eleitorais. Toda vigilância é pouca para que a obra não venha a ser um dia conhecida como uma formidável operação de transposição de verbas. ■

*Herbalife.
A vida com
mais bem-estar.
Você com
mais vida.*

A Herbalife apresenta ShapeWorks™.

Um programa completo, com uma linha de produtos voltados para a boa nutrição: shakes, tabletes de fibras, multivitamínico, chás, proteína em pó e barra de proteína. Porque estar em forma é mais que controlar seu peso, é estar saudável, com muita energia e bem-estar.

 **ShapeWorks™**
Viver na sua melhor forma.

Converse com seu Distribuidor Independente Herbalife, acesse www.herbalife.com.br ou ligue para 0800-77-43722. É fácil decorar: 0800-77-HERBA.



 **HERBALIFE.**

Tornando o mundo mais saudável.



"Vocês (Buratti e Diniz) tentaram tirar dinheiro da GTech. São bandidos."

MARCELO ROVAI, diretor da GTech

"É mentira. Vocês (GTech) me procuraram para oferecer suborno."

WALDOMIRO DINIZ, ex-assessor da Casa Civil

"Procurei o Buratti (para aproximá-lo da GTech) a pedido do Rovai."

ENRICO GIANELLI, ex-consultor da GTech

Brasil

Sen. EFRAIM MORAIS

O elogio da mentira

Acareação na CPI mostrou como falsidades que se anulam podem revelar muitas verdades

Policarpo Junior

Em abril de 2003, quando o governo do presidente Lula entrava no quarto mês de vida, a multinacional GTech, uma empresa especializada em operar sistemas lotéricos, assinou um contrato milionário com a Caixa Econômica Federal. Por 650 milhões de reais, a GTech renovou por 25 meses — e sem licitação — o serviço lotérico que já prestava à Caixa havia seis anos. Aqui se encerram as certezas sobre esse contrato. Daí em diante, tudo é uma espessa nuvem de suspeitas. A GTech denuncia o fato de que petistas ligados ao ministro Antonio Palocci e ao ex-ministro José Dirceu tentaram extorqui-la em 6 milhões de reais. Já os petistas dizem que, ao contrário, a empresa é que tentou suborná-los, oferecendo en-

tre 500 000 reais e 16 milhões de reais. Na semana passada, os principais protagonistas dessa negociação estiveram frente a frente, numa acareação promovida pela CPI dos Bingos. A sessão durou mais de sete horas, teve momentos de pura baixaria e acabou sendo retratada como se não tivesse passado de um festival de acusações. Examinada com mais profundidade, a acareação revela-se devastadora para o governo que não rouba e não deixa roubar.

O advogado Rogério Buratti, ex-assessor e amigo de Palocci, acusa a GTech de ter desembolsado 5 milhões de reais para lograr a renovação do contrato, depois de ter tentado suborná-lo com uma propina que chegava a 16 milhões de reais — afinal recusada por Buratti. O diretor da GTech, Marcelo Rovai, por sua vez, acusa Buratti e Waldomiro Di-

niz, ex-assessor de José Dirceu, de terem tentado extorquir 6 milhões de reais da empresa em troca da renovação do contrato — afinal, assinado sem o pagamento de propina alguma. As sete horas de discussões face a face não foram capazes de esclarecer quem está com a razão. Mas, seja qual for a verdade, o governo sai profundamente arranhado do episódio. Ou a GTech foi achacada pelo cupinzeiro do PT, que ficou voando na volta de um contrato milionário para arrancar alguma vantagem, ou, então, os cupins petistas foram vítimas de uma tentativa de suborno, à qual não souberam — ou não quiseram — dar um basta imediato e definitivo. Pode-se dizer, portanto, que nos bastidores do governo Lula um grande negócio ou tem suborno ou tem extorsão. E isso não é uma boa notícia para o governo nem para o país.

O advogado Enrico Gianelli, que prestou consultoria à GTech na época da renovação do contrato, mostrou na acareação uma espécie de organograma



"Você (Rovai) fez uma proposta de propina para o PT."

ROGÉRIO BURATTI, ex-assessor do ministro Palocci

"Ele (Diniz) estava lá para achacar. Digo porque ele fez isso comigo!"

CARLOS CACHOEIRA, empresário de jogos

Os cinco, durante a acareação: resta o mistério dos 5 milhões gastos em vinhos e viagens...

montado com o objetivo de relacionar as pessoas influentes do governo que poderiam ser sensíveis aos interesses da empresa. No organograma, estava o nome de Waldomiro Diniz, que então prestava assessoria parlamentar ao governo, o que nada tem a ver com loterias. Estava, também, o do empresário de jogos Carlos Cachoeira, que foi vítima de um achaque de Waldomiro Diniz, devidamente gravado em vídeo. Na acareação, Rogério Buratti disse que Marcelo Rovai lhe apresentou a proposta da propina, ao que Rovai rebateu dizendo o seguinte a Buratti: "O senhor é bandido". A oferta de propina, disse Buratti, foi levada ao conhecimento do ministro Palocci. "E ele rejeitou", completou. Se for verdadeira essa versão, então no gabinete do ministro da Fazenda se debate sobre uma oferta de propina e não se faz o que manda o manual: simplesmente chamar a polícia. Isso lembra a cena hilária — e despidorada — em que a bancada do PTB se reuniu para votar se receberia ou não o mensalão!

A GTech garante que conseguiu renovar o contrato de loterias sem pagar nada. Quer dizer, nada ilegal. Uma das

despesas extras já comprovadas foi a contratação da MM Consultoria, um desconhecido escritório mineiro que recebeu 5 milhões de reais por serviços jurídicos. Buratti garante que esse pagamento foi a propina paga pela GTech, cujo destino final ele desconhece. O fato é que tudo em torno do pagamento desses 5 milhões de reais é de uma estranheza ímpar. Primeiro: nunca se soube por que uma simples ação na Justiça, impetrada pela empresa em favor da GTech, custou tamanha fortuna. Segundo: o dinheiro foi sacado em espécie, o que providencialmente não deixa rastro de seu destino. Terceiro: um dos donos da MM Consultoria, o advogado Walter Santos Neto, diz que gastou toda a fortuna em vinhos, viagens e empréstimos informais a amigos. Por fim: outro dono da consultoria, Marcelo Coelho Aguiar, tinha um vínculo muito sólido com o governo: era funcionário da Secretaria de Comunicação, com direito a sala no Palácio do Planalto. ■

veja ON-LINE

Cronologia da crise no governo em www.veja.com.br

Todo dia é dia de criança.



No Mês das Crianças, lave qualquer peça infantil com 50% DE DESCONTO

Há 11 anos no Brasil, a 5àSec, maior rede de lavanderias do país, cuida das roupas da criança com carinho de mãe. Viva bem, viva 5àSec. Mais de 1.400 lojas no mundo. **Uma sempre perto de você.**



SUA ROUPA EM BOAS MÃOS
0800 10 50 05
www.5asec.com.br

Validade de 01/10/05 a 31/10/05, para pagamento antecipado, exclusivamente para roupas infantis até numeração 12. Promoção não é válida para o Estado do Rio de Janeiro. Consulte lojas participantes: 0800-10-5005.

Uma jogada aqui, outra ali...

O mais novo (ao que se saiba) capítulo do não-namoro de **Ronaldo** e **Raica** teve como cenário a casa do jogador, em Madri. “Fui fotografar para uma grife espanhola, e ele me levou à casa dele. Conheci sua mãe e o Ronald, almocei e ele me levou para o aeroporto”, enumera a modelo. O registro da tarde bem-comportada correu a internet enquanto Ronaldo, de volta ao Rio, curtia outro momento um tanto menos família: a piscina de seu apartamento na companhia da ex-sim, ex-não **Lívia** Lemos. “Ele quer todas ao mesmo tempo. Está curtindo esse momento solteiro”, avalia um amigo do jogador. Raica não acusa o golpe: “Não fico com ciúme. Mas não sabia que eles tinham passado o dia juntos. Ele não tinha comentado”. ■

RONALD CERAVOLO/FOTOGRAFIA



Junior e Julia: novo casal na platéia

À namorada que faltava

Não é fácil ser irmão da Sandy, filho de Xororó e se ver cobrado desde a mais tenra puberdade a apresentar uma companhia feminina. Depois de montar banda própria e fazer tatuagem, **Junior**, 21, finalmente completou o kit: está circulando de mãos dadas com uma namorada. Melhor ainda, ela nunca participou de um *Big Brother*, não desfila em escola de samba e não mostra indícios de siliconagem. A paulistana **Julia Faria**, 19 anos, é estudante de jornalismo e produtora de moda da revista *Capricho*. Os dois se conheceram há quase dois anos, durante uma sessão de fotos para a revista. Ele veio, viu e investiu, ela tinha namorado, ele insistiu, ela resistiu, ele insistiu mais — e, há cerca de um mês, venceu. ■

CLAUDIO PARRERAS



Raica e Ronaldo: com a família dele, em Madri, e de papo no telefone, no Rio



Pausa (rápida) para a doçura

Habitado a distribuir estocadas certas desde o tempo em que cuidava do comércio, o secretário adjunto de Estado americano **Robert Zoellick** abriu um espaço de doçura pura na sua carregada passagem por Brasília, para acertar a visita em novembro do presidente George W. Bush. Entre três ministros e dois senadores, ele passou na embaixada para anunciar o nome dos 25 meninos carentes que vão participar do programa Jovens Embaixadores (duas semanas nos Estados Unidos com despesas pagas). “Conversei com alguns que já foram e percebi que voltam sempre com a intenção de repassar algo à sua comunidade. É um programa maravilhoso”, elogiou, todo sorrisos. Em seguida, voltou ao normal (“Não entendo esse conceito”, ironizou sobre o “excesso de democracia” que o presidente Lula vê na Venezuela). ■



Zoellick com “embaixadores” de outros anos: sorrisos



CALEX/REVISTA TPM

Lázaro, de torso ao vento: timidez

A santa e o pecador

Namorados na vida real, **Taís Araújo** e **Lázaro Ramos** ganharam papéis antagônicos: ela, vestida da cabeça aos pés, com manto, coroa e mãos postas de santa; ele, sem camisa, calça lá embaixo e pose de tudo, menos santo. Taís transmutou-se numa encantadora Nossa Senhora Aparecida para gravar uma participação em *América* — assim aparecerá para Tião (Murilo Benício), que entra em coma depois de cair do touro Bandido — e confessa: suou a túnica. “Estava um calor insuportável”, desabafa a atriz. Lázaro, por sua vez, não sentiu calor nenhum na sessão de fotos para a *TPM*, mas passou certa vergonha. “Achei estranho explorar esse meu lado sensual. Sou tímido”, diz o ator, que desconversa quando confrontado com a propalada versão de que, de costas, é melhor ainda do que de frente.

Taís, de túnica, manto e coroa: calor



DIVULGAÇÃO TV GLOBO



YURI GRIPAS E ARNID WIEGMANN/REUTERS

Harriet, a advogada, e Angela, a política: mesma franja

Separadas no berço

Prestes a se tornarem duas das mulheres mais poderosas do mundo, elas têm origens bem diferentes e algumas coincidências notáveis. **Angela Merkel**, 51 anos, a um passo de ser a primeira chefe de governo da Alemanha, e **Harriet Miers**, 61, advogada texana indicada por George W. Bush para a Suprema Corte, são a cara — e a algo antiquada franja — uma da outra. Ambas são conservadoras, protestantes (a primeira, filha de pastor em plena Alemanha comunista; a segunda, católica transformada em evangélica linha dura), não têm filhos e não ligam para papel passado. Angela só há poucos anos, em prol da carreira política, se casou com o companheiro de longa data, Joachim Sauer. Harriet nunca sequer morou com o juiz Nathan Hetch, seu par constante há mais de trinta anos. ■



A Mitsubishi usa e recomenda lubrificantes



PARA UM MUNDO ONDE VOCÊ ENXERGA A LOM
L200 SPORT UM MITSUBISHI EM QUALQUER TERRENO.



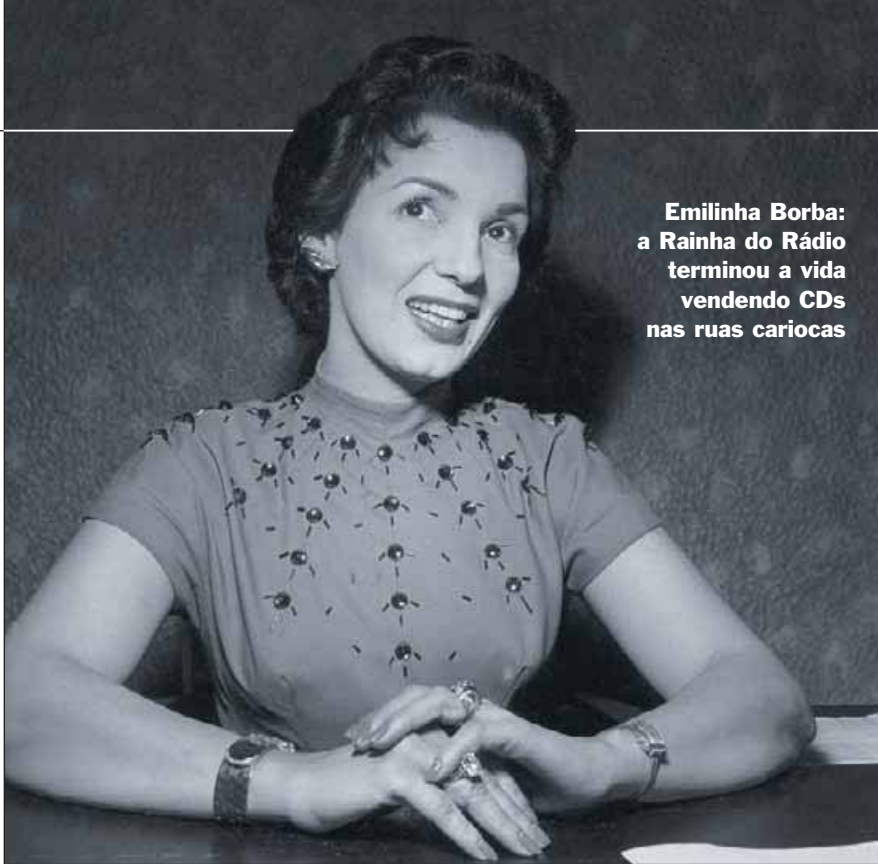
BADA DEPOIS QUE PASSOU.

L200
SPORT



Morreu: uma das maiores cantoras do país, a carioca **Emilinha Borba**. Eleita a rainha do rádio em 1953, Emilinha estrelou dezenas de filmes, foi 350 vezes capa de revista e imortalizou a marcha carnavalesca *Chiquita Bacana*, de João de Barro e Alberto Ribeiro. Gravou seu primeiro disco em 1939, pouco antes de ser contratada para cantar no Cassino da Urca, apadrinhada por Carmen Miranda. Foi lá que o cineasta Orson Welles a viu e caiu de amores pela bela morena. Da Urca, foi para a Rádio Nacional, onde, nos 27 anos seguintes, eternizou sucessos como *Baião de Dois* e *Paraíba*. Emilinha se destacou também no programa de César de Alencar e nas famosas “polêmicas” com a cantora Marlene, de quem se dizia amiga. Só os fãs seriam rivais — e até hoje discutem sobre quem é a verdadeira rainha do rádio. Aos 79 anos, sem gravadora, Emilinha saiu às ruas para vender seu CD *Emilinha Pinta e Borba*, gravado com 40 000 reais obtidos da prefeitura carioca. Dia 3, aos 82 anos, de infarto, no Rio de Janeiro.

Sancionada: por João Carlos Coser, prefeito de Vitória, a denominação de **Victor Civita** para uma rua no bairro Enseada do Suá. A rua homenageia o fundador da Editora Abril, Victor Civita (1907-1990). Em 1950, Victor lançou *O Pato Donald*, revista que seria apenas a primeira de de-



Emilinha Borba: a Rainha do Rádio terminou a vida vendendo CDs nas ruas cariocas

JEAN SOLARI

zenas de publicações (incluindo VEJA) que viriam a ser editadas nas décadas seguintes. Dia 14 de setembro, em Vitória.

Divulgados: os resultados preliminares do maior estudo clínico já feito com uma **vacina contra o vírus papiloma humano**, o HPV, associado a quase todos os casos de câncer de colo de útero — o segundo tumor maligno mais comum entre as brasileiras e o quarto que mais mata. Sete de cada dez mulheres são infectadas ao longo da vida. Produzida pelo laboratório Merck Sharp & Dohme, a vacina Gardasil mostrou-se 100% eficaz na prevenção das lesões que podem levar ao câncer, em testes com 12 000 mulheres. Ela deve chegar ao Brasil em meados de 2006. Dia 6, em São Francisco.

Anunciada: a candidatura à Presidência do Peru de **Alberto Fujimori**, refugiado no Japão desde o escândalo de corrupção que envolveu seu governo (1990-2000). Seguindo o embaixador peruano no Japão, Fujimori não poderá concorrer porque seus direitos políticos foram

cassados. Para o escritor Mario Vargas Llosa, que se naturalizou espanhol após perder as eleições de 1989 para Fujimori, a candidatura é “uma palhaçada”. Dia 6, em Tóquio.

Dividida: a **escola de Anata**, no subúrbio de Jerusalém Oriental — ocupado e anexado por Israel —, pelo muro de 8 metros de altura que separa judeus de palestinos. O muro, que se estende por mais de 650 quilômetros, cruza o pátio do liceu e limita o espaço recreativo disponível para os 800 alunos palestinos. A edificação foi declarada ilegal e teve sua destruição ordenada em 2004 pela Corte Internacional de Justiça e pela Assembleia-Geral da ONU. O governo de Israel ignorou as exigências. Dia 5, na Cisjordânia.

Demitiu-se: do cargo de presidente da Biblioteca Nacional o livreiro **Pedro Corrêa do Lago**. Dia 7, no Rio de Janeiro. ■



ANWAD AWADIA/AF

Muro de Israel: nem a escola foi poupada



Fujimori: “uma palhaçada”

**Você pediu
e a Autodesk
atendeu: promoção
prorrogada
até o dia 20.**

**AutoCAD
Inventor Professional 10***

**De US\$ 9.153
por US\$ 2.599**

72% de desconto e uma condição que não pesa no seu fluxo de caixa. As incertezas do cenário político e as altas taxas para captação de dinheiro têm feito muitas empresas pisarem no freio quando o assunto é investimento. Sabendo da importância da atualização tecnológica para um mercado globalizado e competitivo como a indústria, a Autodesk criou uma condição imperdível: desconto de 72%, com pagamento facilitado em três vezes. Com isso, sua empresa ganha tempo para aumentar a produtividade e as receitas, antes de quitar o saldo restante. Ligue agora para um dos nossos revendedores e reserve já o seu. O estoque é limitado. Não perca essa chance.

**Só até
20/10**



**Pagamento
facilitado
em 3 vezes:
entrada +
2 parcelas.**

***O Inventor Professional 10 contém os seguintes produtos e ferramentas:** AutoCAD 2006, AutoCAD Mechanical 2006, MDT 2006, Autodesk Inventor 10, Vault 4, Inventor Studio, Tube and Pipe, Cable and Harness.



Distribuidor Autodesk no Brasil
comercial@parsrio.com.br

Autodesk
Authorized Distributor

Revendas:

SP: Grapho (11) 3045-2745 • TS Sistemas (11) 5507-5012 • Skynet (11) 5094-5560 **SP Interior:** Mapdata (19) 3406-2159 **RJ:** 3D Graphics (21) 2509-2221 • Mapdata (21) 2495-8842 **RS:** SKA (51) 591-2900 Grapho (51) 3337-1622 **SC:** SKA (47) 422-3789 • Virtual (47) 455-0928 **PR:** Grapho (41) 3343-1187 • SKA (41) 3252-5562 **PE:** StudioCAD (81) 3445-6729 **PA:** Intranorth (91) 3242-8002

Quantidade da Promoção: 150 unidades do total de produtos. Promoção válida somente para a linha full do software Inventor Professional 10, não se aplicando para os programas Globais, Premier ou associados a outras promoções. Crédito sujeito à aprovação. Fotos meramente ilustrativas.

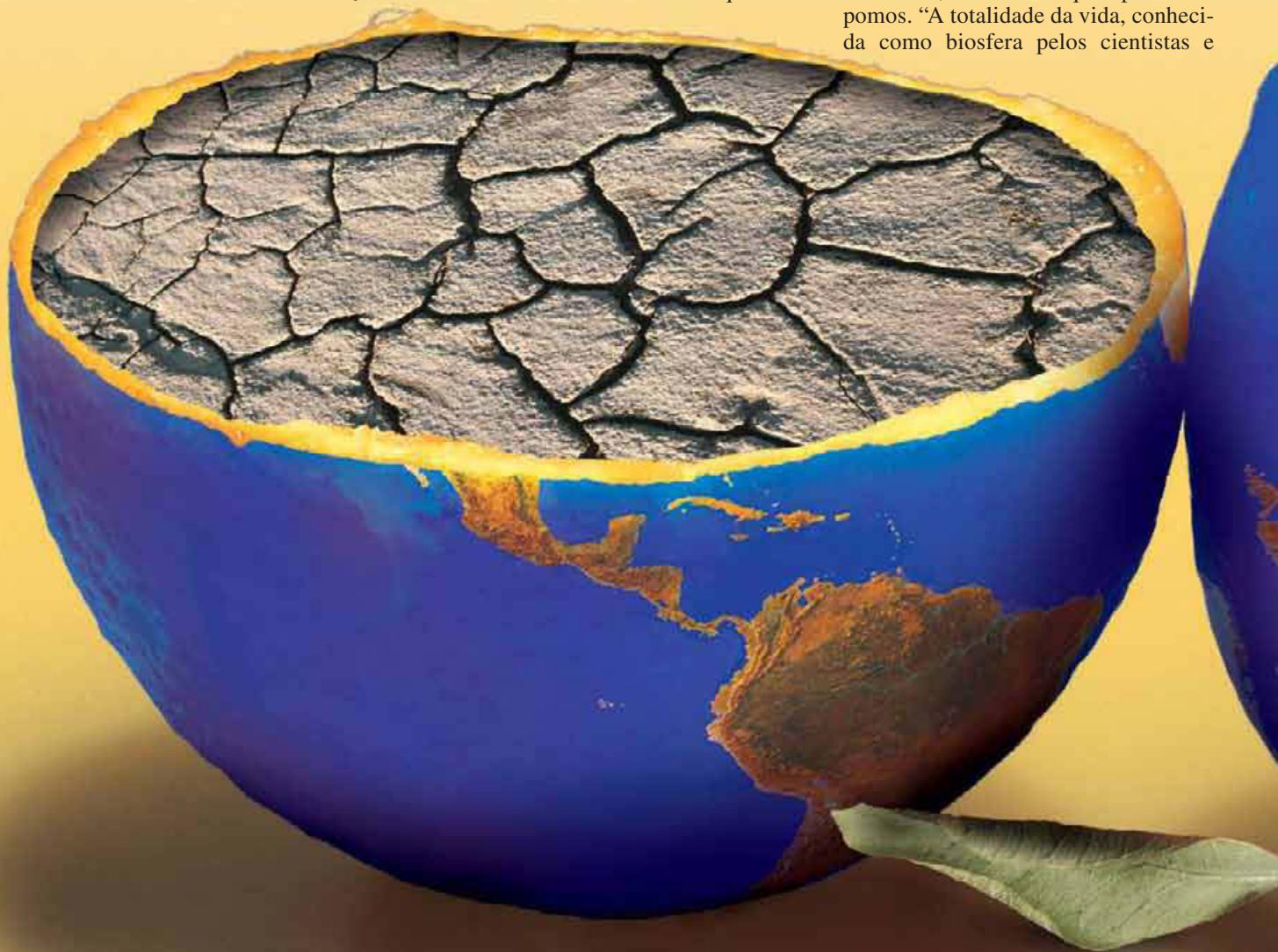
PERIGO REAL E

Para onde vamos com nossas agressões ao planeta? O pessimismo da resposta varia, mas há um consenso: a hora de agir é já

Vilma Gryzinski

Desde que a era das fotografias espaciais começou, há quarenta anos, uma nova e prodigiosa imagem se formou no arquivo mental da humanidade sobre o que é o planeta no qual vivemos. Do nosso ponto de vista no universo, provavelmente não existe nada que se compare à beleza desta vívida esfera azul, brilhando na imensidão do espaço, água e terra entrelaçadas num abraço eterno, envoltas num cambiante véu de nuvens. O que as fo-

tos não mostram, mas sabemos existir mais abaixo, é igualmente de arrepiar. A luxuriante diversidade da vida espalhada por florestas, montanhas, desertos, oceanos, rios, vibrando num diapasão constante que evoca uma história de 3,5 bilhões de anos, desde as bactérias primevas até tudo o que respira, exala, anda, rasteja, suga, fotossintetiza-se, multiplica-se e replica-se, neste momento exato, em nosso planeta. Além de tudo cuja existência conhecemos, ainda há o que apenas supomos. “A totalidade da vida, conhecida como biosfera pelos cientistas e



IMEDIATO

criação pelos teólogos, é uma membrana tão fina de organismos que envolve a Terra que não pode ser vista a partir de uma nave espacial, porém internamente é tão complexa que a maior parte das espécies que a compõem está por ser descoberta”, escreveu, numa tentativa de síntese da grandiosidade do fenômeno, Edward O. Wilson, o grande biólogo americano.

Wilson está entre os cientistas de vulto que clamam insistentemente pela atenção da humanidade para o perigo real e cada vez mais imediato para a sobrevivência de

nós mesmos, que podemos ser arrastados num paroxismo de autodestruição, levando conosco as formas mais complexas de vida. Claro, sempre sobrarão as baratas. Nas reportagens das próximas páginas, VEJA traça um panorama das armadilhas produzidas pelos homens para si mesmos, desde a exaustão de recursos vitais como a água até os efeitos incontornáveis do aquecimento global, que podem ser amenizados, na melhor das hipóteses, ou agravados em proporções dantescas, na pior. Duas das reportagens registram também pequenas réstias de esperança que podem vir a ser a salvação do planeta.

Até recentemente, era comum falar em ameaças que poderiam afetar a vida de nossos netos — uma perspectiva bastante incômoda, mas sem a premência dos desastres iminentes. Hoje, até a palavra ameaça ficou superada. Os fenômenos deletérios estão em andamento e muitos de seus efeitos serão sentidos ainda dentro da expectativa de vida de boa parte da

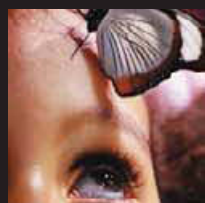


MONTAGEM SOBRE FOTOS DE PAULO VITALE

O PARADOXO DO PLANETA QUE É 70% ÁGUA: SÓ 1% SERVE PARA USO HUMANO
PÁG. 88



A CIÊNCIA NUNCA FOI TÃO CAPAZ DE REVERTER AS PIORES PREVISÕES
PÁG. 94



O ALMANAQUE DA DESTRUIÇÃO DO MEIO AMBIENTE NO BRASIL
PÁG. 96



UM RESULTADO DA DEVASTAÇÃO AMBIENTAL: NOVOS VÍRUS E EPIDEMIAS
PÁG. 98



MÉTODOS MAIS ACURADOS DE OBSERVAR A AMAZÔNIA MAPEIAM O DESMATAMENTO
PÁG. 102



DESEQUILÍBRIO NO CICLO DAS CHUVAS, CAUSADO PELO HOMEM, AMEAÇA A FLORESTA
PÁG. 114



INVESTIMENTOS EM FLORESTAS DE PROVETA ALIVIAM A PRESSÃO SOBRE A MATA NATIVA
PÁG. 116





humanidade. Propaga-se, por exemplo, a noção de que está em curso a sexta extinção em massa. As cinco anteriores conhecidas pela ciência deixaram registros geológicos concretos. A maior aconteceu há 250 milhões de anos; a mais conhecida, a que extinguiu os dinossauros, há 65 milhões. Extinções, evidentemente, fazem parte da história da Terra — menos de 10% das espécies que em algum momento existiram continuam a ter um bilhete no ciclo da vida do planeta. A taxa de extinção considerada normal é de uma espécie em 1 milhão por ano; a atual gira em torno de 1 000 por ano entre espécies conhecidas e ainda não catalogadas. O aquecimento global tampouco é apenas uma hipótese no horizonte do médio prazo. Todas as grandes geleiras do planeta vêm diminuindo, os oceanos estão se tornando mais quentes, animais mudam suas rotas migratórias, a diferença de temperatura entre dia e noite cai. Os níveis de dióxido de carbono são os mais altos dos últimos 420 000 anos. Se as emissões continuarem, atingirão um estágio que ocorreu pela última vez no Eoceno, há 50 milhões de anos.

As previsões catastrofistas sobre o futuro da humanidade têm sido desacreditadas desde que Thomas Malthus escreveu seu *Ensaio sobre o Princípio da População*, no fim do século XVIII, prevendo uma superpopulação avassaladora. Ridicularizar os profetas do pessimismo frequentemente se revela um exercício saudável. A capacidade de adaptação humana, somada aos vertiginosos avanços do conhecimento no último século, desmentiu mais de um cenário apocalíptico. Mas hoje pouca gente está para brincadeiras. Um levantamento recente de trabalhos científicos sobre as mudanças climáticas mostrou que 75% endossavam a hipótese do aquecimento global — os outros 25% foram considerados neutros, pois analisavam métodos e procedimentos. Quando tratam dos efeitos das transformações em curso, alguns estudiosos usam palavras que parecem saídas de obras de ficção científica. “Acredito que as chances de nossa civilização na Terra sobreviver até o fim do século presente não passam de 50%”, escreve o cientista inglês Martin Rees, professor de cosmologia em Cambridge, no livro *Hora Final*. Mesmo quando pende para um lado mais



DAREN MCCOLLESTER/GETTY IMAGES

conservador, Rees pinta um quadro de amargar: “As mudanças globais — poluição, perda de biodiversidade, aquecimento global — não têm precedentes em sua velocidade. Ainda que o aquecimento global aconteça na ponta mais lenta do espectro provável, suas consequências — competição por suprimentos de água e migrações em ampla escala — podem engendrar tensões desencadeadoras de conflitos internacionais e regionais, sobretudo se eles forem excessivamente alimentados por crescimento populacional contínuo.”

A capacidade humana de alterar o planeta em escala geológica atingiu tal ponto que o cientista holandês Paul Crutzen propõe que a época atual, Holoceno, iniciada há apenas 10 000 anos, já acabou. Vivemos, diz ele, em pleno antropoceno — e isso começou no fim do século XVIII, com a invenção da máquina a vapor, desencadeadora do processo que mudou a face da Terra. A vaga de alarmismo que permeia o mundo no momento é tamanha que permite perguntas altamente incômodas. Em escala cosmológica, qual seria a importância do desaparecimento dos huma-

IMAGINECHINA





ROBY BECK/AFP



A mão do homem na matança das focas, na desolação do morador devastado pelo Katrina e na poluição chinesa: capacidade de mudar o planeta em escala geológica



nos da Terra (ainda que levassem, em sua irresponsabilidade genocida, uma enormidade de espécies consigo)? Mais ainda: o mecanismo de autodestruição não está embutido na própria espécie, para barrar sua propagação virulenta e descontrolada, e entrou em ação justamente num momento crítico?

Fazer perguntas para as quais não se tem respostas é próprio da espécie humana. Podemos, no entanto, conjecturar. Uma resposta possível à primeira pergunta é que a importância provavelmente é nenhuma. Mesmo que o surgimento de vida inteligente e consciente tenha resultado de uma cadeia de eventos tão improvável que tenha acontecido uma única vez — aqui mesmo, na nossa magnífica esfera azul —, a extinção da espécie humana, por mais inominável que nos pareça, não significa o fim da vida. À segunda pergunta, só podemos responder que, como não estaremos aqui para saber se a hipótese se confirma, temos a obrigação de trabalhar com a idéia contrária: não estamos programados para a extinção, ou pelo menos não agora. A vida começou na Terra há cerca de 3,5 bilhões de anos e ainda há 6 bilhões pela frente antes que o sol incinere a Terra. Cerca de 60 bilhões de seres humanos já viveram antes de nós. Seria demais deixar um desaparecimento catastrófico acontecer justo no nosso turno. ■



Especial

O PARADOXO D



100 toneladas de peixes mortos pela poluição na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, em 2000: o problema não é a quantidade de água, mas a qualidade

A ÁGUA

Setenta por cento da superfície do planeta é coberta por água — mas só 1% de todo esse enorme reservatório é próprio para o consumo do homem. O desafio é evitar a poluição, o desperdício e distribuir melhor esses recursos hídricos

João Gabriel de Lima

Uma das visões mais espetaculares do século passado foi a primeira imagem da Terra feita do espaço, na década de 60: uma gigantesca massa azul, com 70% de sua superfície coberta por água. Neste início de século, uma preocupação recorrente — e justificada — é a de que a água, tão abundante, se torne paradoxalmente cada vez mais escassa para uso humano. Em março deste ano, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, decretou os anos que vão de 2005 a 2015 como a Década da Água. O objetivo é que nesse prazo se reduza à metade o número de pessoas sem acesso a água encanada, cifra que ultrapassa 2 bilhões de pessoas. Mantidos os atuais níveis de consumo, estima-se que em 2050 dois quartos da humanidade viverão em regiões premidas pela falta crônica de recursos hídricos de qualidade. É um dado gravíssimo quando se leva em consideração que 60% das doenças conhecidas estão relacionadas de alguma forma com a escassez de água. Como isso é possível em um planeta com tantos recursos hídricos? O problema pode ser equacionado em dois termos: má distribuição e má gestão. O primeiro se deve à própria natureza, o segundo é culpa do homem. A água é realmente a substância mais comum na Terra. No entanto, 97% dela está nos mares, sendo assim imprópria para o uso agrícola e industrial e para o consumo humano. Outros 2% estão nas calotas polares, em forma de gelo ou neve. Resta, assim, apenas 1% de água doce, aquela disponível nos rios, lagos e lençóis freáticos. Essa água é extremamente mal distribuída. Países como o Canadá e a Finlândia têm muito mais do que precisam, enquanto o Oriente Médio praticamente nada tem.

O Brasil, dono da maior reserva hídrica do mundo — 13,7% da disponibilidade de água doce do planeta —, expressa internamente esse paradoxo. Dois terços da água estão concentrados na região com menor densidade populacional, a Amazônia. Isso significa que um brasileiro de Roraima tem 1 000 vezes mais água à disposição do que um conterrâneo que vive no interior de Pernambuco. A água é pesada e difícil de transportar. Levá-la de um lugar a outro tem sido o grande desafio dos seres humanos desde o tempo dos romanos, que construíam aquedutos por toda parte. O segundo problema relativo à água é a má

gestão — e, nessa área, há outro paradoxo. Mesmo sendo essencial para a economia, a água sempre foi dada de graça. Até recentemente, nem os industriais nem os agricultores, para não falar dos consumidores domésticos, pagavam pela água, apenas pelo serviço de distribuição. É claro que, aplicando-se à risca o princípio econômico segundo o qual não existe almoço grátis, esse raciocínio não se sustenta. No fundo, toda a sociedade paga quando o governo subsidia empresas estatais para que tratem a água que um empresário vai usar em sua fábrica, ou quando constrói uma barragem para que um rio seja colocado à disposição dos lavradores para a irrigação. Quando não se paga pelo que se consome, o resultado inevitável é o desperdício. Por isso, quando se fala em solucionar os problemas da água no mundo, uma palavra surge como um mantra: precificação. Significa que o governo, que é o dono em última análise dos mananciais naturais de um país, deve cobrar pelos recursos hídricos consumidos por seus cidadãos, revertendo o dinheiro para a cobertura dos custos de tratamento da água e preservação dos ecossistemas ligados a ela.

Isso já ocorre em países como França e Alemanha, considerados exemplares na gestão de água. No procedimento mais utilizado, o empresário ou o agricultor paga duas vezes: pela água em si e pela licença para jogar os resíduos nos rios. Com isso, ele é incentivado a gastar pouco e a tratar ele próprio a água antes de devolvê-la à natureza. “Cobrar pela água é muito mais eficaz do que estabelecer milhares de leis de preservação, quando se sabe que o Estado não vai ter como contratar gente para fiscalizar e cobrar multas”, diz Benedito Braga, diretor da Agência Nacional de Águas, criada em 1997. A agência iniciou recentemente um projeto piloto de cobrança da água no Rio Paraíba do Sul, compartilhado pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. No ano passado, foram arrecadados lá cerca de 6 milhões de reais, os

quais serão reinvestidos em estações de tratamento em doze cidades.

No futuro, os consumidores domésticos também terão de repartir a conta da água com empresários e agricultores, ainda que respondam por apenas 10% do gasto de água doce no mundo. Afinal, são os esgotos não tratados os principais responsáveis pela poluição dos rios, principalmente os das grandes metrópoles. O problema só será resolvido quando se começar a cobrar pela água em si, não apenas por seu abastecimento. Embora a idéia da precificação seja praticamente unânime, existem os que argumentam que ela tornaria a água mais cara para quem mais precisa dela: a população mais pobre. Existem várias maneiras de evitar que isso ocorra. Na África do Sul foi estabelecido um consumo máximo por pessoa — apenas acima disso se cobra pela água. A verdade é que o que sai caro, para a população pobre, é não ter água. Nos

países onde a carência é dramática, são as mulheres as encarregadas de ir até o rio mais próximo com um vaso na cabeça — e, como ele freqüentemente fica a quilômetros de distância, às vezes se perde o dia inteiro nessa empreitada.

Há pelo menos três mitos sobre a questão da água, magnificados pela grita dos ambientalistas radicais mas que não condizem com a realidade. O primeiro reza que a água do planeta estaria acabando. Não é verdade. A água é um recurso infinitamente renovável, já que, em seu ciclo, ela cai das nuvens em forma de chuva, fertiliza a terra, vai para o mar pelos rios e evapora de volta às nuvens, novamente como água doce. O segundo diz que o consumo doméstico desmedido estaria acabando com a água do planeta. Trata-se de outro exagero. Apenas um décimo da água potável disponível é gasto para que os homens cozinhem, lavem roupa e façam a higiene pessoal, enquanto 70% são alocados pa-





Campo seco nos Estados Unidos: 70% do consumo de água doce é usado em irrigação

FRANK EBEILING/ZEFA/CORBIS/ISTOCK PHOTOS

USO IRRESPONSÁVEL DA NATUREZA

A natureza é uma grande prestadora de serviços para a humanidade. E é ela quem dá os elementos básicos para a vida humana e o desenvolvimento econômico. A água é o mais fundamental desses serviços, que incluem também os alimentos, as fontes de energia e os materiais usados na fabricação de todos os objetos que nos rodeiam. Nas últimas semanas, VEJA mostrou, em reportagens especiais, que esses serviços têm um custo — altíssimo, dependendo da maneira como os utilizamos.

A reportagem “A cegueira das civilizações” (7 de setembro) discutiu o risco de a humanidade estar repetindo o erro de sociedades do passado que entraram em colapso porque não evitaram a destruição ambiental causada por elas próprias. Em “Seis provas do aquecimento global” (21 de setembro), VEJA demonstrou que a mudança climática da Terra, acelerada pelo homem, é um fenômeno real e que seus efeitos não podem mais ser ignorados. É hora de rever a forma como os recursos naturais são explorados.



O homem está tirando da natureza mais do que ela pode dar

A superexploração dos recursos naturais criou cinco situações ambientais críticas: a ameaça de esgotamento das fontes de água limpa, a mudança climática, a perda de biodiversidade, a poluição e a redução dos recursos energéticos



1 ÁGUA

Em 100 anos, seu consumo multiplicou-se por seis e hoje um terço da humanidade vive em áreas onde falta água limpa



2 MUDANÇA CLIMÁTICA

A temperatura média da Terra elevou-se em 1 grau nos últimos 120 anos, fazendo derreter o gelo das calotas polares e aumentando a intensidade dos furacões



3 BIODIVERSIDADE

840 espécies catalogadas de seres vivos foram extintas nos últimos 500 anos



4 POLUIÇÃO

A concentração de gás carbônico na atmosfera cresceu 30% nos últimos 150 anos e as mortes relacionadas ao ar poluído chegam a 3 milhões por ano



5 ENERGIA

O consumo de energia aumentou 32 vezes no último século

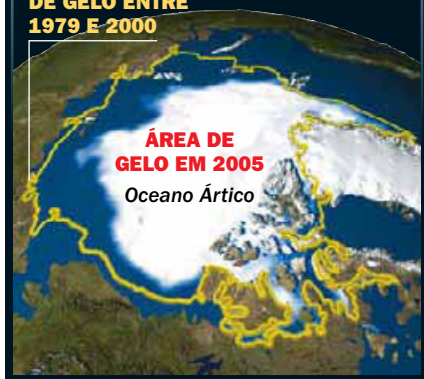
FOTOS: DIGITALVISION; FOTODISC; ISTOCK PHOTOS; SIPA PRESS



Pólo Norte sem gelo

A cobertura de gelo do Ártico no verão deste ano foi a menos extensa desde 1979, ocupando uma área 20% menor que a média histórica do período. O fenômeno é atribuído ao aquecimento global

ÁREA MÉDIA
DE GELO ENTRE
1979 E 2000



AFP

ra a irrigação agrícola — esta, sim, a grande vilã do desperdício. O terceiro mito, derivado desse, é o de que os recursos hídricos vão acabar porque, quanto mais o mundo se desenvolve, mais ele precisa de alimentos e, conseqüentemente, de água. Também não é exato. A modernização das técnicas agrícolas vem fazendo com que caia o consumo de água. De acordo com uma estimativa do Pacific Institute, um dos mais respeitados centros de estudos mundiais sobre o assunto, o consumo total de água nos Estados Unidos era de 600 quilômetros cúbicos por ano na década de 80. Hoje está em menos de 500. A queda se deve também à economia na indústria e no consumo doméstico. Nas fábricas, nos anos 30, gastavam-se em média 200 toneladas de água para obter 1 tonelada de aço. Hoje, usando-se os métodos modernos, esse consumo caiu para 3 toneladas. Nas casas, por exemplo, a quantidade média de água utilizada nas descargas dos banheiros caiu para um quarto do que era há vinte anos. O verdadeiro dilema é conseguir que, com uma população mundial em constante crescimento, os recursos sejam mais bem distribuídos e que sua qualidade seja mantida. A história ensina que o ser humano administra melhor aquilo que é tratado como bem econômico. A água, que está na base de todas as cadeias produtivas, faz jus a esse tratamento. ■

TALES ALVARENGA

O furacão Bush

Não vou defender George Bush na primeira linha deste artigo. Se fizer isso, alguns leitores deixarão de ler o resto. Muitos dos que se consideram bem informados acham que Bush é idiota. Também acham que ele provoca os islâmicos, que viram terroristas por causa dessa provocação. Os brasileiros aprendem essas coisas absurdas com os americanos Politicamente Corretos (a neorastênica esquerda dos EUA). Esses americanos acham moralmente obrigatório ser contra os presidentes republicanos. Depois dos ataques terroristas às torres do World Trade Center, Bush invadiu o Afeganistão e o Iraque, derrubou o regime talibã, pôs Osama bin Laden para correr, prendeu Saddam Hussein e matou seus dois filhos pervertidos. Desde então, o esquadrão anti-Bush afirma que os extremistas islâmicos estão apenas revidando quando cometem atos terroristas. Sentem-se acuados, os pobrezinhas, pela perseguição implacável do troglodita que vive na Casa Branca.

Essa teoria é falsa.

Os extremistas islâmicos sempre tomam a iniciativa. No Iraque, o que mais se vê são islâmicos explodindo outros islâmicos, com a desculpa de que querem atingir o Ocidente. Morrem menos americanos no Iraque do que pessoas são assassinadas em São Paulo. Na semana passada, três homens-bomba mataram 22 pessoas em Bali, na Indonésia. Bush provavelmente nem sabe onde fica Bali. Em 2002, num atentado anterior, também em Bali, terroristas muçulmanos já haviam carbonizado 202 turistas.

Esses extremistas querem expulsar para longe de seu mundo tudo aquilo que não é islâmico no sentido radical. É mais fácil um camelo se esconder dentro da orelha de Osama bin Laden do

que seus seguidores conseguirem impor sua agenda ao resto do mundo. Os americanos politicamente corretos (e seus seguidores brasileiros) querem fazer crer que os terroristas islâmicos se transformariam em suaves hare Krishnas se Bush aderisse ao estilo paz e amor. Nem pensar. O terror islâmico já andava a mil num tempo em que Bush ainda era bom de copo no Texas.

Há dezenas de exemplos para demonstrar isso. Aqui vão quatro. Em 1979, o presidente Jimmy Carter deixou o xá do Irã à própria sorte. Uma turba de fanáticos muçulmanos assumiu o governo, e as milícias xiitas tomaram

como reféns funcionários e diplomatas da embaixada americana em Teerã. Em 1988, extremistas islâmicos derrubaram com um projétil um jato da americana Pan Am, em Lockerbie, na Escócia. Em 1998, bombardearam as embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia. Bush pegou o bonde andando. Só entrou na briga em 2001, quando aqueles dezenove barbudinhos derrubaram

as torres do World Trade Center em Nova York. E você, se fosse presidente dos EUA, o que teria feito depois que aqueles dois jatos lotados foram lançados contra os prédios? Teria virado um hare Krishna? E, se tivesse virado um hare Krishna, como você reagiria na semana passada ao saber que os terroristas estavam de novo ameaçando atacar Nova York, desta vez no metrô?

Se você é um daqueles que detestam Bush, tem todo o direito de achá-lo muito, muito, muito mau. Não deve, no entanto, simplificar um problema complexo. É cretino achar que Bush é responsável pelos atos de terror cometidos por extremistas islâmicos. Por falar em cretinice, também é ridículo culpá-lo pela ocorrência de furacões.

*“É mais fácil
um camelo se
esconder dentro
da orelha de
Osama bin Laden
do que seus
seguidores
conseguirem impor
sua agenda ao
resto do mundo”*

**A primeira reportagem
só depende de você.**

**Luisa Mell,
futura jornalista**



Toda criança é igual e mesmo quando está brincando já mostra que sonha em ser alguém um dia. Cada doação que o Teleton AACD recebe ajuda milhares de crianças portadoras de deficiência física a realizar os seus sonhos. Seja solidário e ligue. Afinal, o futuro dessas crianças depende de você.

Para você, alguns reais. Para eles, a transformação. Ligue para doar R\$ 5,00.

0500-1234505

Para doar R\$ 10,00, ligue 0500-1234510. Para doar R\$ 20,00, ligue 0500-1234520.

Acesse o site www.teleton.org.br para doações acima desses valores. E para ganhar um Tonzinho, é só doar acima de R\$ 50,00.

Custo da ligação: R\$ 0,27 por minuto + impostos. Celular: R\$ 0,50 por minuto + impostos.

Apoio:  **Abril**





UM OLHAR SOBRE O FUTURO

Contra as previsões apocalípticas, há uma esperança: a inventividade humana pode mudar tudo

Monica Weinberg

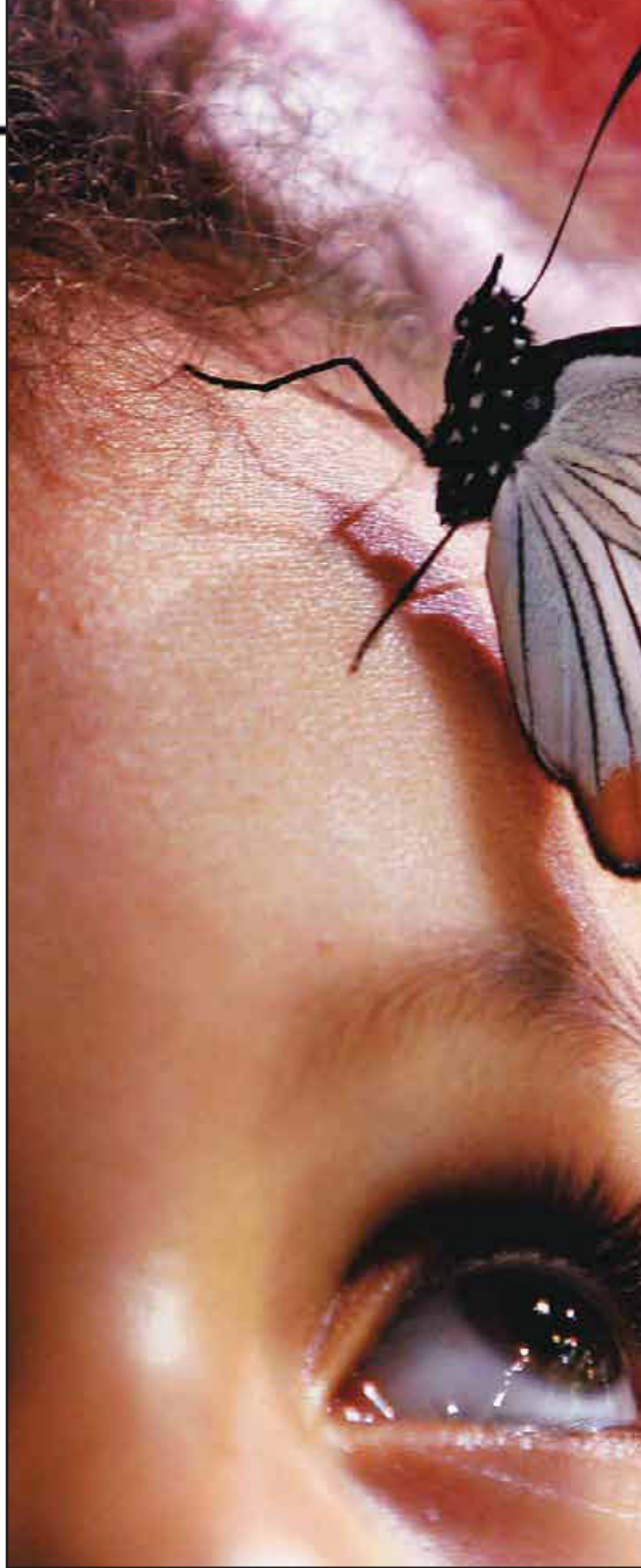
A ânsia de antever o futuro é uma característica da espécie humana tão forte quanto a de procurar uma lógica, um padrão nos fenômenos naturais e sociais. Essa segunda característica permitiu que os homens olhassem para as estrelas e enxergassem constelações. A primeira produziu os profetas, abriu caminho para o charlatanismo dos videntes e para o trabalho mais sério dos chamados cenaristas, os profissionais das previsões econômicas. O catastrofismo parece ser uma terceira marca da humanidade. Em todas as eras as pessoas emprestaram o ouvido a quem anunciasse o fim da comida, da água, do ar — enfim, do mundo. A novidade é o fato de as previsões terem aumentado sobremaneira seu grau de acerto. As modelagens matemáticas feitas com a ajuda de computadores são a mais confiável janela para o futuro já colocada à disposição da humanidade. A ciência ambiental é uma das maiores beneficiadas. Para projetar os rumos do aquecimento global ou a sobrevida da era do petróleo, robustos computadores processam mais de 1 milhão de dados — em média, 200 vezes mais do que há apenas três décadas. Já é possível também traçar cenários levando em conta sutilezas do comportamento humano. Numa previsão sobre quanto restará de água potável no planeta, considera-se o que parece ser o detalhe do detalhe: que a taxa de desperdício

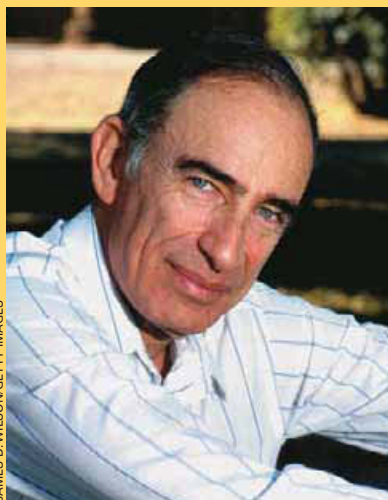
varia de acordo com a faixa etária e a classe social de cada pessoa.

A credibilidade aumentou. Mas prever o futuro continua sendo uma atividade não totalmente à prova de falhas. Isso é bom por um lado, pois as desgraças associadas ao aquecimento global podem não se materializar. Os especialistas concordam que uma razão decisiva para os equívocos é a impossibilidade de medir os efeitos do avanço tecnológico, cada vez mais veloz. Estima-se que a produção científica tenha dobrado de tamanho a cada ano nas últimas décadas. Quem diria que os carros brasileiros passariam a emitir apenas um vigésimo dos poluentes no ar quando comparados aos modelos que rodavam nos anos 70? Diz João Meyer, diretor do Instituto de Matemática e Estatística da Unicamp: “Enfrentamos as limitações de fazer previsões com base nas informações disponíveis no momento. Por isso, sempre restarão incertezas sobre a dinâmica da tecnologia”.

Esse é o lado otimista das previsões sombrias: os avanços científicos podem tratar de sepultá-las. Tome-se como exemplo o que ocorreu com a célebre

profecia do demógrafo inglês Thomas Malthus. No século XVIII, ele previu que milhões de pessoas morreriam de fome como consequência do crescimento da população. Malthus tinha convicção de que os alimentos não seriam suficientes para todo mundo. Com isso, ele ignorou as melhorias agrícolas que fizeram a produção no campo aumentar a uma velocidade centenas de vezes maior do que o número de habitantes. Sobrou





JAMES D. WILSON/GETTY IMAGES



DIVULGAÇÃO

Ehrlich e Simon: duelo intelectual foi parar na Bolsa

VENCEU O BOM SENSO

Em 1980, uma aposta entre dois professores americanos ganhou publicidade por seu ineditismo no meio acadêmico. O alvo era o preço que cinco diferentes metais alcançariam na Bolsa de Chicago nos dez anos seguintes à aposta. De um lado estava o biólogo Paul Ehrlich, convicto de que o valor dos metais subiria com o aumento da demanda provocado pelo crescimento populacional. Segundo a lógica de Ehrlich, quanto mais gente surgisse no planeta, maior seria a procura por tais matérias-primas — e fatalmente os metais encareceriam. O economista Julian Simon tinha visão oposta. Ele acreditava que, numa década, a tecnologia teria um papel determinante para o aumento da produtividade. Isso levaria à queda do preço das matérias-primas. Simon estava certo. Uma década depois, não só o preço de mercado dos cinco metais havia despencado como sua visão mais otimista sobre a dinâmica econômica prevaleceu sobre as catastróficas previsões de Ehrlich — que perdeu a aposta.

afirmou que a fome grassaria, as pessoas passaram a ingerir, em média, 24% mais calorias. Ehrlich não aprendeu com o próprio erro e voltou a carecer de bom senso ao tentar adivinhar outros efeitos catastróficos do aumento populacional (veja quadro).

MIKE SEGAR/REUTERS

comida. Em 1968, o americano Paul Ehrlich reafirmou a profecia de Malthus no best-seller *The Population Bomb* (A Bomba Populacional), projetando os mesmos estragos para o século XXI. A população de fato dobrou nas quatro décadas seguintes à previsão, mas, graças ao ganho de eficiência com a irrigação e o uso dos fertilizantes, o planeta produziu bem mais alimentos do que Ehrlich havia calculado. No período em que ele

afirmou que a fome grassaria, as pessoas passaram a ingerir, em média, 24% mais calorias. Ehrlich não aprendeu com o próprio erro e voltou a carecer de bom senso ao tentar adivinhar outros efeitos catastróficos do aumento populacional (veja quadro).
As profecias de Malthus, Ehrlich e de vários outros preeminentes especialistas são pessimistas ao extremo porque deixam de contabilizar a capacidade humana de aprender a produzir mais com menos recursos naturais. Com a pesquisa tecnológica, conseguiu-se promover o uso mais racional das matérias-primas. Nas últimas três décadas, a máquina de lavar passou a funcionar com a metade da energia e um carro americano, a consumir 80% me-

nos combustível. Os catastrofistas podem até dizer que se trata de um paliativo, uma vez que o petróleo está com os dias contados. O que eles também não estão levando em conta é que a espécie humana já demonstrou habilidade para criar alternativas diante da escassez. Ao que tudo indica, acontecerá com o petróleo o mesmo que se passou com o carvão na Inglaterra nos tempos da Revolução Industrial: deixará de ser a principal fonte de energia do planeta antes de sua extinção. O mundo já caminha para o desenvolvimento de fontes alternativas. A indústria automobilística, por exemplo, aposta que o carro movido a hidrogênio sairá da linha de montagem a preços razoáveis em duas décadas. Em todos os tempos a inventividade humana derrotou os profetas do apocalipse. Está nas mãos da atual geração manter essa formidável história de sucesso. ■



Especial

O TAMANHO DA DESTRUIÇÃO NO BRASIL

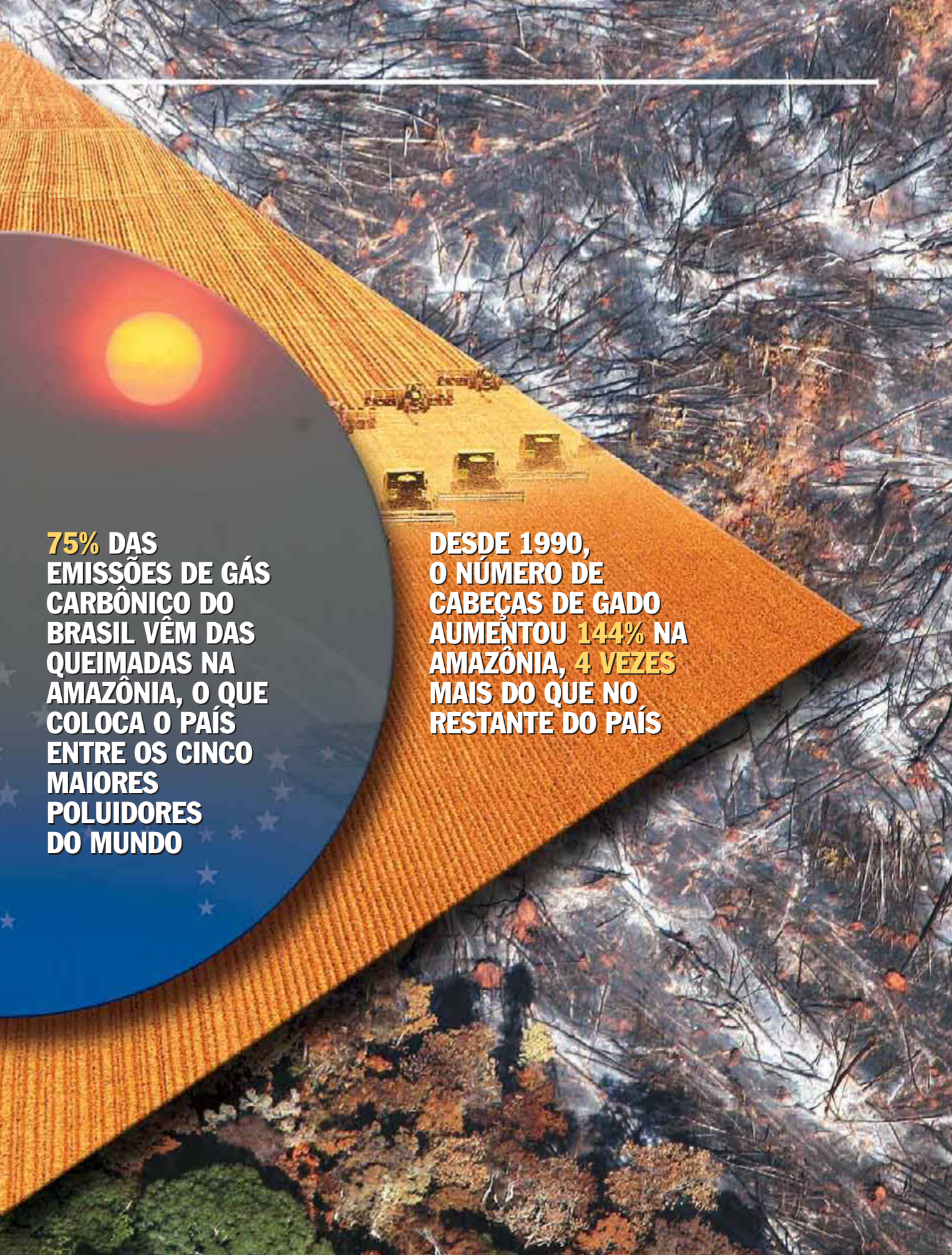
O BRASIL PERDEU **36%** DE SUA COBERTURA VEGETAL DESDE O DESCOBRIMENTO

A ÁREA DE CULTIVO DE SOJA EM MATO GROSSO AVANÇA A UM RITMO **3 VEZES** MAIS RÁPIDO QUE HÁ QUINZE ANOS, SUBSTITUINDO A VEGETAÇÃO NATIVA

200 000 QUEIMADAS SÃO IDENTIFICADAS POR SATÉLITES NO BRASIL POR ANO

24,5 MILHÕES DE METROS CÚBICOS DE ÁRVORES FORAM DERRUBADOS NA AMAZÔNIA EM 2004

60% DESSA MADEIRA FICOU ABANDONADA NA FLORESTA, APODRECENDO



**75% DAS
EMISSÕES DE GÁS
CARBÔNICO DO
BRASIL VÊM DAS
QUEIMADAS NA
AMAZÔNIA, O QUE
COLOCA O PAÍS
ENTRE OS CINCO
MAIORES
POLUIDORES
DO MUNDO**

**DESDE 1990,
O NÚMERO DE
CABEÇAS DE GADO
AUMENTOU 144% NA
AMAZÔNIA, 4 VEZES
MAIS DO QUE NO
REstante DO PAÍS**



A TERRA É O PARAÍSO

Para os vírus e as bactérias, a destruição da natureza e a vida moderna formam o cenário perfeito de proliferação

Anna Paula Buchalla e Giuliana Bergamo

Considerada uma das mais letais infecções bacterianas, com uma taxa de mortalidade da ordem de 90%, a febre de La Oroya é uma doença da região dos Andes. O mosquito que a transmite é o *Lutzomyia*, o mesmo da leishmaniose, mas o microrganismo que a causa é mais raro. A *Bartonella bacilliformis* (ou bartonella, simplesmente) é típica de altitudes entre 600 e 2 800 metros. Ou pelo menos costumava ser. Em 2004, dezenove pessoas foram vítimas da febre de La Oroya numa região de terras baixas: a província peruana de Madre de Diós, que faz fronteira com o Brasil. Ainda não se sa-

be como a bartonella ampliou dessa maneira sua área de incidência, mas tudo indica que foi a depredação ecológica que criou a oportunidade para que isso acontecesse. Ao invadir áreas antes inexploradas da floresta e ser picado pelo *Lutzomyia*, o homem parece ter ajudado a bactéria a fazer a transição para altitudes menores. Mais ainda que perplexas, as autoridades sanitárias ficaram em estado de alerta com o episódio.

A proximidade da bartonella com o Brasil é um exemplo clássico de como os microrganismos respondem aos avanços da civilização sobre

China, 2003, o epicentro de uma epidemia: transmitida pelo ar, a sars matou 800 pessoas



A revanche dos micróbios

Ao interferir no meio ambiente, o homem entra em contato com agentes infecciosos desconhecidos. O quadro mostra como alguns desses micróbios se alastraram pelo mundo

Marburg

Características: vírus altamente letal, que pode matar até 80% dos infectados, por febre hemorrágica

Quando surgiu: em 1967, na Alemanha e na Sérvia

Como se propagou: 31 pessoas foram

infectadas por macacos importados de Uganda, na África

Comentário: o hospedeiro do vírus é desconhecido e nem todas as suas formas de transmissão foram descritas. Sabe-se que o contato com fluidos contaminados pode causar a infecção. O último surto da doença data de outubro de 2004, em Angola.

Desde então, 350 pessoas morreram

Vírus do Nilo Ocidental

Características: picadas de mosquitos contaminados causam quadros de encefalite

Quando surgiu: em 1937, em Uganda, na África

Como se propagou: em 1999, o vírus saiu de seu reduto natural e ganhou os Estados Unidos. Nos últimos anos, sua transmissão tem sido facilitada pelo aquecimento global, que propiciou a proliferação dos mosquitos transmissores da doença

Comentário: já há registros da presença do vírus na América Central e América do Sul

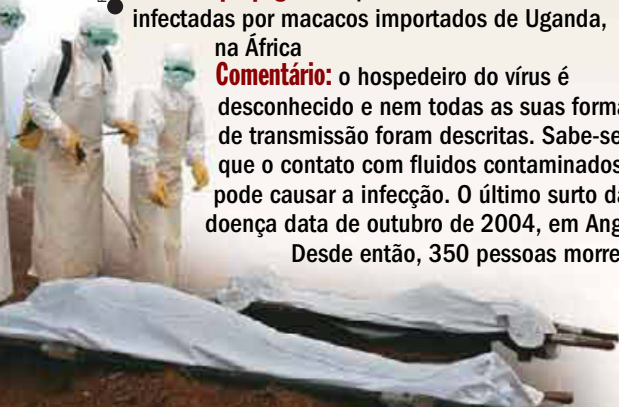
Bartonella bacilliformis

Características: transmitida pelos mesmos mosquitos da leishmaniose, a bactéria causa a febre de La Oroya, cuja letalidade pode chegar a 90%

Quando surgiu: em 1871, no Peru

Como se propagou: no rastro do desmatamento amazônico, já está na fronteira da Bolívia com o Brasil
Comentário: se a bartonella chegar ao Brasil, sua disseminação poderá ser acelerada. Além de abrigar o mosquito transmissor da doença, o país não dispõe de profissionais de saúde treinados para contê-la

POLARIS/OTHER IMAGES





A matemática das epidemias

Como a vida moderna influencia a propagação das doenças

SUPERPOPLAÇÃO

População mundial

1900	2005
1,65 bilhão	6 bilhões

+

CIDADES INCHADAS

Aglomerados com mais de 10 milhões de habitantes

1900	2005
0	25

+

VIAGENS RÁPIDAS

Tempo médio para dar a volta ao mundo

1900	2005
100 dias	2 dias

- Em 1918, o vírus da gripe espanhola levou um mês para sair de seu reduto original, os Estados Unidos, e chegar ao segundo país atingido pela doença, a Espanha

- Em 2003, depois do registro do primeiro caso, na China, em apenas duas semanas a sars já estava em dezesseis países

Fontes: Organização Mundial de Saúde e Fundo Mundial para a Natureza

HIV

Características: o vírus da aids é muito mutável, o que dificulta o seu combate

Quando surgiu: em 1959, no Congo

Como se propagou: acredita-se que a epidemia de aids tenha tido início com o hábito africano de comer carne de chimpanzé

Comentário: com o crescimento das cidades em direção ao habitat dos chimpanzés, deflagrou-se a transmissão em larga escala do HIV. Em 1981, ela chegou aos Estados Unidos. Hoje, são quase 40 milhões de contaminados no mundo

sars

Características: infecção vírica, a síndrome respiratória aguda é de fácil transmissão

Quando surgiu: em 2003, na China

Como se propagou: a epidemia teve início no interior da China. Um médico contaminado levou-a para Hong Kong e de lá ela ganhou o mundo

Comentário: a sars é um bom exemplo da rapidez com que um vírus pode se alastrar. Em duas semanas, a doença atingiu dezesseis países

H5N1

Características: causador da gripe do frango, o vírus é a grande ameaça atual. Ele pode matar seis em cada dez infectados

Quando surgiu: em 1997, em Hong Kong

Como se propagou: o H5N1 é o único vírus circulante que salta diretamente das aves para os humanos

Comentário: o grande medo é que o H5N1 se combine com o vírus humano da gripe e passe a ser transmitido de pessoa para pessoa. Há indícios de que o vírus já saiu da Ásia e avança em direção à Europa

DOAN BAO CHAU/AP





Vítima fatal do vírus Ebola, no Congo: a doença ainda está fora de controle

o meio ambiente: ao romper o equilíbrio ecológico de uma região, o homem recebe o troco e se torna alvo de um agente infeccioso. Mas não só o desmatamento ou a invasão das florestas propiciam a propagação de doenças. O aquecimento global, por exemplo, favorece a proliferação de moléstias como a dengue e a malária. A transmissão da dengue tem sido incrementada nos últimos anos tanto pelo aumento da temperatura da Terra quanto pela quantidade de chuvas — o mosquito transmissor, o *Aedes aegypti*, prefere climas quentes e úmidos. Outro fator é a poluição das águas. O despejo de detritos diretamente nos rios, sejam eles químicos ou humanos, é responsável pela morte de 3 milhões de pessoas todos os anos, vítimas da cólera. Além de aumentar a incidência de algumas velhas doenças, a destruição do meio ambiente também traz à tona moléstias desconhecidas, chamadas de “emergentes”. Desde 1976, foram descobertos pelo menos trinta novos micróbios — o HIV e o Ebola estão entre os mais famosos.

Uma vez que entra em contato com a civilização, um microrganismo encontra condições propícias para se espalhar. Nos últimos 100 anos, a população mundial quadruplicou e as cidades incharam. Em 25 metrópoles já se superou a marca de mais de 10 milhões de habitantes. Até



STUART FRANKLIN/MAGNUM PHOTOS

a década de 50, apenas Londres e Nova York atingiam esse patamar. Calcula-se que, nos grandes centros urbanos, as pessoas passem 92% de seu dia em ambientes fechados. É o paraíso dos micróbios. Imagine manter uma pessoa gripada confinada num ônibus lotado, com as janelas fechadas. O contágio é certo. Há que levar em conta ainda a maneira como as populações se movimentam pelo globo. A bordo de um avião, é possível dar a volta ao mundo em 48 horas. Cerca de 700 milhões de pessoas transitam pelos ares mensalmente. Os infectados podem carregar os vilões silenciosos de um lado para o outro do planeta e deflagrar verdadeiras pandemias em pouco tempo. “Atualmente a Terra é um caldeirão de infecções”, diz o infectologista Luiz Jacintho da Silva, professor da Universidade Estadual de Campinas.

É essa conjunção de fatores que faz do vírus H5N1, o causador da chamada

gripe do frango, a grande preocupação dos infectologistas. Único vírus em circulação a pular diretamente das aves para o organismo humano, o H5N1 mata 60% de suas vítimas (*veja quadros*). O receio é que ele sofra uma mutação e passe a ser transmitido de pessoa para pessoa com a mesma facilidade com que se propaga o vírus tradicional da gripe. Se isso acontecer, a estimativa é que o H5N1 faça, no mínimo, 7 milhões de mortos. Como contrapeso a esse cenário negativo, é preciso dizer que a ciência de hoje possui ferramentas poderosas e progride em ritmo acelerado. “Sou otimista quanto à produção de vacinas e remédios cada vez mais potentes para atacar os vírus emergentes”, disse a VEJA o professor Scott Weaver, pesquisador do centro de doenças infecciosas emergentes da Universidade do Texas, nos Estados Unidos. Observar os limites da natureza também não é uma má estratégia. ■

Ebola

Características: o Ebola é um vírus altamente letal. Mata cerca de 90% dos infectados. Suas vítimas morrem em decorrência de hemorragias intensas

Quando surgiu: em 1976, no Congo e no Sudão, na África

Como se propagou: acredita-se que o Ebola tenha se espalhado entre os humanos a partir do contato de caçadores com gorilas e chimpanzés contaminados, em áreas até então inexploradas

Comentário: o hospedeiro do vírus ainda não foi identificado, o que dificulta o controle da doença

Peste negra

Características: causada pela bactéria *Yersinia pestis*, ela foi transmitida ao homem por ratos. Matou um terço dos europeus no século XIV

Quando surgiu: o surto teria começado na China, em 1333

Como se propagou: sua proliferação deve ter ocorrido por meio de uma tropa de nômades mongóis

Comentário: o controle da epidemia só foi possível com os progressos no campo sanitário



Gripe espanhola

Características: fez 50 milhões de vítimas no mundo todo. No Brasil, apenas no Rio de Janeiro, matou 15 000 em um mês

Quando surgiu: em 1918, nos Estados Unidos

Como se propagou: com a movimentação dos soldados durante a I Guerra Mundial, ela se alastrou facilmente

Comentário: cientistas recriaram o vírus em laboratório, o que deve ajudar a entender os surtos atuais de gripe

BETTMANN/CORBIS/ISTOCK PHOTOS



SUNSET



AS MELHORES PRÁTICAS SOBRE GESTÃO DE PESSOAS EM UM SÓ EVENTO

VII ENCONTRO DAS MELHORES EMPRESAS PARA VOCÊ TRABALHAR

As empresas que têm os funcionários mais satisfeitos do mercado vão compartilhar com você a receita do sucesso que as colocou entre as melhores empresas para você trabalhar no Brasil

PROMON – A MELHOR EMPRESA PARA VOCÊ TRABALHAR 2005

Saiba o que torna tão especial a grande campeã deste ano
Palestrante: **Luiz Ernesto Gemignani**, Diretor-Presidente da Promon

CREDICARD – UM CASO PARA ENTRAR PARA A HISTÓRIA

Conheça os detalhes com quem liderou uma das histórias de maior sucesso do Guia
Palestrante: **Sérgio Murilo Buaudur Vieira**, Presidente da Credicard

A ARTE DA RETENÇÃO DE TALENTOS

O que as empresas fazem para atrair, reter e motivar as pessoas que garantem o sucesso em seus negócios

Debatedores: **Hélio Magalhães**, Presidente da American Express; **José Carlos Grubisich**, Presidente da Braskem; **Ulisses Tapajós Neto**, Diretor-Presidente da Multibrás da Amazônia

A QUALIDADE DE VIDA NAS EMPRESAS

Como as melhores empresas reagem à maior crítica de seus funcionários: a sobrecarga de trabalho

Debatedores: **Antônio Villas Boas de Souza**, Diretor de Recursos Humanos Aracruz; **Emílio Umeoka**, Presidente da Microsoft; **Francisco Amaury Olsen**, Presidente da Tigre

AS HISTÓRIAS DAS MELHORES EMPRESAS PARA VOCÊ TRABALHAR 2005

Como é a seleção das melhores, qual o papel do líder e as histórias das empresas que traçaram um plano de melhoria e conquistaram um lugar entre as 150 melhores de 2005
Palestrante: **Maria Tereza Gomes**, Diretora de Redação – VOCÊ S/A

Veja o conteúdo completo no site: www.encontrodasmelhores.com.br

25 DE OUTUBRO DE 2005 – AMCHAM – SÃO PAULO

VAGAS LIMITADAS!

Valor do investimento: **R\$ 980,00**
Em até 3 vezes sem juros*

* Para pagamento nos cartões de crédito Visa ou Mastercard.

INSCREVA-SE JÁ:

www.encontrodasmelhores.com.br

Mais informações: (11) 3079-6724, ramal 3

DESCONTOS ESPECIAIS ATÉ 14/10/05: consulte valores no site do evento

Patrocínio:



Realização:

VOCÊS/IA EXAME

EDITORA  **Abril**

AS 7 PRAGAS

1 FOGO As queimadas causam perdas de 121 milhões de dólares por ano. Considerada a emissão de carbono, os prejuízos chegam a 5 bilhões de dólares.

2 MADEIREIRAS Há mais de 3 000 empresas cortando árvores. Para cada unidade retirada, os madeireiros danificam pelo menos outras quinze árvores.

3 ESTRADAS Mais de 80% das queimadas acontecem perto das rodovias. A colonização se dá ao longo de 100 000 quilômetros de estradas clandestinas.

4 GARIMPOS Além de poluírem os rios e devastarem reservas ambientais, os garimpeiros foram responsáveis pela chegada da aids às aldeias indígenas.

5 PASTAGENS A soja avança sobre pastos antigos e capitaliza pecuaristas, que abrem novas áreas na mata. Cerca de 12% da Amazônia já virou pasto.

6 CORRUPÇÃO Só a Operação Curupira, realizada em junho, prendeu 47 funcionários do Ibama envolvidos na exploração ilegal da floresta.

7 BUROCRACIA De 539 milhões de reais em multas aplicadas em 2004, só 63 milhões de reais foram pagos e apenas 3 milhões de reais ficaram com o Ibama.

Transporte para serrarias perto de Manaus: as toras sobre a água funcionam como bóia para que a madeira de lei submersa e amarrada não afunde no rio

DA AMAZÔNIA

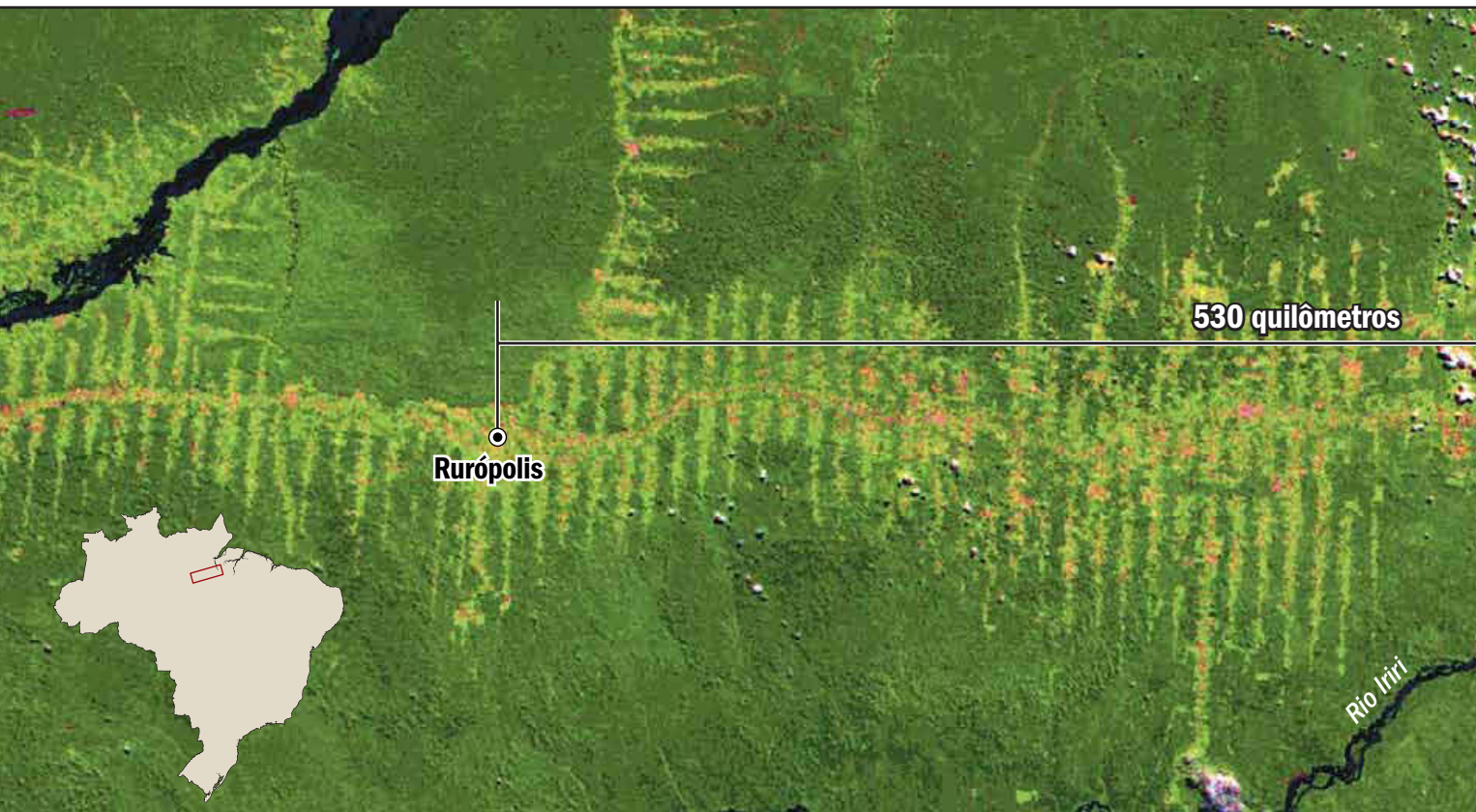
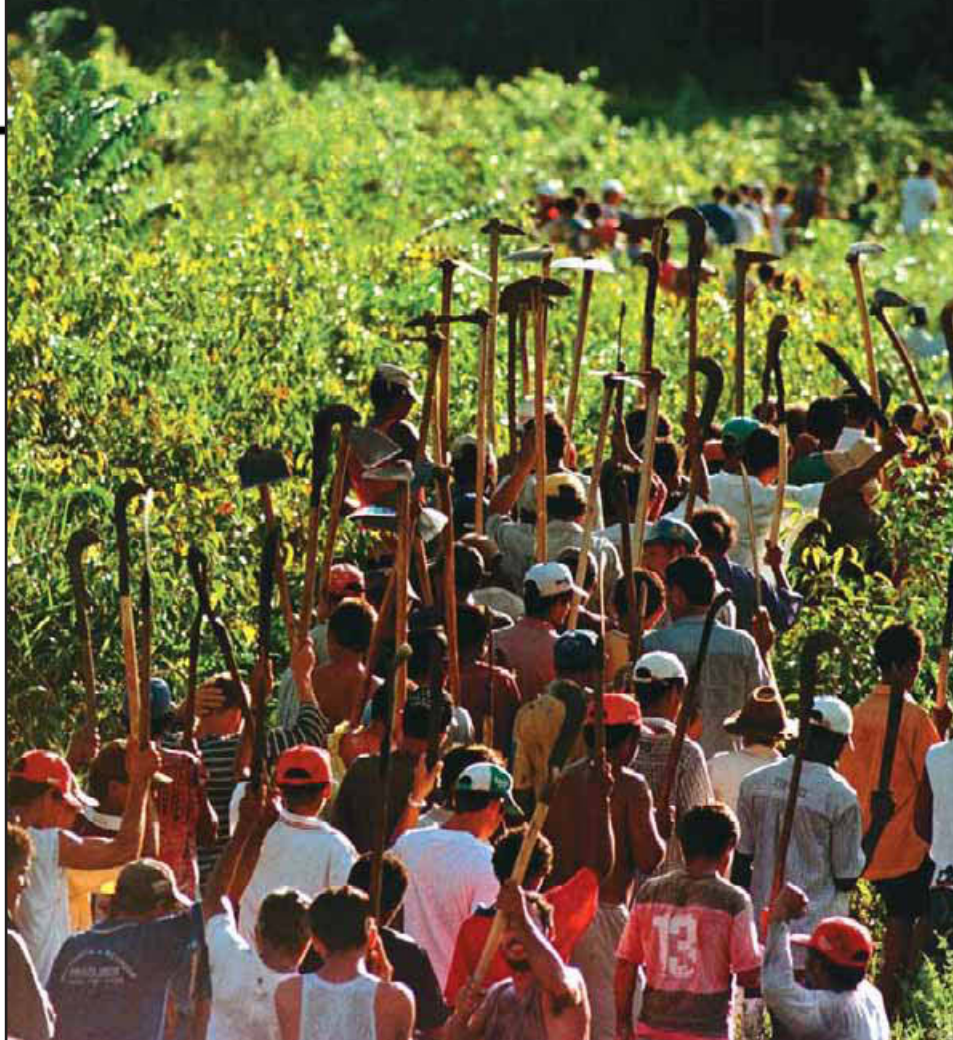


YANN ARTHUS-BERTRAND/ALTIITUDE



Leonardo Coutinho


Nos últimos vinte anos, mais de sessenta satélites capazes de vigiar a Amazônia foram lançados ao espaço. Também entrou em operação o Sistema de Proteção da Amazônia, braço civil do Sivam, que utiliza equipamentos em órbita, aviões e 800 estações terrestres para monitorar a região e custou 1,4 bilhão de dólares. Outros 31 milhões de reais foram gastos na modernização de centros científicos, como o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), ambos com estrutura para analisar dados relativos à floresta. O resultado disso tudo é um paradoxo. Nunca se pôde ver tão de perto a destruição e jamais foi possível medi-la com tanta precisão — mas praticamente nada se fez para detê-la. A Floresta Amazônica tem hoje menos de 80% do tamanho original e passa por uma aceleração frenética da devastação. Neste ano, já se desmatou o equivalente a dez vezes a área da cidade de São Paulo. Em 2004, foi-se qua-



530 quilômetros

Rurópolis

Rio Iriri



Manifestação de sem-terra: empurrados cada vez mais para o meio da mata, eles são os agentes de boa parte das queimadas na região

se uma Bélgica. Só nos últimos quinze anos, 28,8 milhões de hectares foram desbastados — metade de tudo o que foi destruído desde 1500.

Os satélites mostram as fotos, mas não o filme do desmatamento em todas as suas etapas. Diferentemente do que se imagina, a floresta raramente é agredida do dia para a noite por hordas de madeireiros armados de machados, motosserras e tratores, abrindo clareiras instantâneas nas quais horas antes havia mata fechada. Pelo contrário, o prólogo do processo é lento e invisível para os equipamentos que monitoram a Amazônia. O saque à natureza começa de forma falsamente seletiva. Diante da ampla diversidade de espécies, com até 300 tipos de árvore por hectare, os coletores de madeira fazem grandes percursos entre um espécime e outro de madeira de lei. Uma planta comercialmente aproveitável, como o mogno, com até 40 metros de altura e 3,5 metros no diâmetro do tronco, pode estar a até centenas de metros de outra semelhante. No percurso, os madeireiros fatiam a floresta, abrem milhares de quilômetros de estradas e picadas no meio da mata. Para derubar apenas um exemplar, destroem ou-

tros. O estrago produzido pela queda de uma árvore gigante, pelo trator que a arrasta e pelos caminhões que a carregam estrofia 40% da vegetação do entorno. Ambientalmente, a degradação é muito maior, já que normalmente as mudas de novos exemplares da árvore derrubada, sempre próximas, são dizimadas nesse processo. São quinze árvores perdidas para cada uma cortada.

Calcula-se que as madeireiras ilegais tenham produzido no ano passado cerca de 8 milhões de metros cúbicos, com um lucro de pelo menos 1,8 bilhão de dólares. O último levantamento disponível sobre a quantidade de máquinas e equipamentos envolvidos na extração de madeira, realizado em 1998, identificou a existência de cerca de 8 478 caminhões e 5 006 tratores usados pelos madeireiros na Amazônia. As fábricas de motosserras — cuja venda é controlada como a de armamentos — nunca faturaram tanto nas lojas mais próximas à floresta. Segundo os registros do Ibama, o número de motosserras registradas em 2004 cresceu 11% em relação ao ano anterior. O setor de defensivos agrícolas também ganha. Desfolhantes — utilizados para eliminar ervas daninhas — estão na lis-

PAULLO SANTOS/INTERFOTO



Transamazônica: o satélite mostra em detalhe como as estradas vicinais penetram na selva a partir da rodovia



GUILHERME FILHO/SECOM-MT



O correntão e sua obra: tratores só deixam em pé as castanheiras, cuja derrubada é proibida. Nessas condições, elas morrem sozinhas

ta de opções dos desmatadores que pulverizam a mata para agilizar seu trabalho. Há incremento de negócios até com correntes de amarrar navios — usadas numa técnica de derrubada de mata, escicadas entre dois tratores.

A rede de estradas clandestinas criadas nessa atividade é de 100 000 quilômetros, conforme estudos do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia. Essas vias funcionam como artérias por onde penetram os germes que consumirão ainda mais a floresta. Os primeiros a utilizar esses caminhos são os posseiros, que desmatam para vender a madeira restante e para fazer pequenas roças. Em toda a Amazônia, há mais de 800 000 famílias vivendo desse modo. Seja invasora ou assentada por programas de reforma agrária e colonização, cada uma dessas famílias pode desmatar até 3 hectares por ano, para

cultivo de subsistência. A fatia que cada uma tira anualmente da floresta é insignificante. A soma do que todas tiram — 470 000 hectares — é um problema. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, as pequenas propriedades respondem por 18% das taxas oficiais de desmatamento.

Por esses caminhos clandestinos também seguem os garimpeiros que estropiam as margens e o leito de rios com suas dragas em busca de ouro e pedras preciosas, deixando para trás crateras e rios contaminados por mercúrio. Um dos casos mais simbólicos da poluição em decorrência do garimpo é o do Rio Crepori, no oeste do Pará. A mancha de sedimentos que deságua nas águas cristalinas do Rio Tapajós pode ser percebida até 30 quilômetros rio abaixo. Estima-se que ela signifique a sedimentação no leito do Tapajós de 4 toneladas de mer-

cúrio por ano. O metal pesado contamina peixes, que, ao ser consumidos, acabam provocando doenças neurológicas em seres humanos. Em áreas indígenas, os garimpeiros costumam atuar em conluio com os índios, como ocorre na mina de diamantes localizada na reserva dos cintas-largas, em Rondônia. Mas há, também, casos em que eles invadem as reservas indígenas e usam de violência para garantir a permanência. Esse modelo de ocupação é frequentemente relatado em áreas dos ianomâmis.

Mais de 250 milhões de dólares foram investidos pelo Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais do Brasil em medidas contra as queimadas e em convênios para estimular o chamado desenvolvimento sustentável — aquele que, teoricamente, dá meios de sobrevivência a famílias que exploram as riquezas florestais sem dano ao meio



CLAUDIA AZEVEDO-FRANCISIPANI

ambiente. Somente o programa de incentivo ao manejo de florestas, mantido pelo Ministério do Meio Ambiente, recebeu do governo alemão a doação de 45 milhões de reais. Em outro convênio internacional, o governo do Acre garantiu no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) o financiamento de 240 milhões de dólares para projetos de desenvolvimento sustentável. Outro tanto se investiu em projetos de certificação de origem implantados em várias frentes madeireiras, para estimular a atividade legal e combater a destruição da natureza. Apesar disso tudo, a indústria do desflorestamento continua a florescer — em parte porque esses programas todos, quando dão certo, significam a atração de mais gente para o interior da floresta. Já há 20 milhões de brasileiros vivendo na Amazônia.

Perdida no meio do mato, produzindo o insuficiente para si mesma, boa parte dessa população vive em condições miseráveis e se torna alvo da espe-

culação fundiária e da ausência do controle do Estado na região. Contra ela agem bandoleiros patrocinados por grileiros, para tomar de assalto grandes porções de terra. Os chamados gatos recrutam, muitas vezes entre os próprios expulsos, a mão-de-obra para as propriedades piratas. Questões sobre delimitação das áreas são resolvidas por meio de pistolagem. Esse é o panorama atual em diversas regiões de avanço sobre a floresta, como nos casos de São Félix do Xingu — um município de área 55 vezes superior à da cidade de São Paulo — e do povoado de Castelo dos Sonhos, no Pará. As duas localidades estão, pelo segundo ano consecutivo, no topo da lista dos lugares onde mais se desmata na Amazônia e das regiões com mais registros de violência associados à disputa pela terra. São frequentes, e produtivas, as incursões pela área do Grupo de Fiscalização Móvel do Ministério do Trabalho, em que se encontram facilmente colônias de trabalhadores escla-

vos vivendo em barracas de lona e derrubando mata em troca de um salário insuficiente para pagar a comida e as ferramentas compradas dos fazendeiros. Somente nesse estágio o processo de desmatamento começa a ser visto pelos satélites e entra nas estatísticas oficiais. Esses números informam que 70% do corte de floresta ocorre para a formação de pastagens. Boa parte das grandes cidades amazônicas começou assim.

Outra técnica de desmatamento invisível se aproveita da densidade da mata. Nessa modalidade, geralmente um único grileiro conduz todas as etapas para extrair madeira e criar pastagens. O sistema consiste num corte escalonado de árvores. Primeiro, derrubam-se as que não cresceram o suficiente para alcançar a copa das vizinhas mais altas. À sombra, tratores retiram a vegetação rasteira e iniciam a plantação de capim. Um ano depois, com o pasto já formado, o gado é introduzido. As reses são mantidas sob as árvores por um ano. Ao fim



SECOM/MT

**Cultivo novo sobre
pasto antigo: as
lavouras avançam
até tocar nas bordas
da floresta, com
a recuperação da
fertilidade do solo**

desse prazo, queima-se o capim, cujas raízes não são atingidas pelo fogo. Isso revigora o pasto e serve também para destruir, com o calor, as árvores médias. O gado volta. Fica mais um ano.

Só na segunda queimada a destruição aparece para os sistemas de monitoramento. Toda de uma vez. Os pecuaristas que utilizam esse processo agem em mais de uma área, mantendo cada uma num estágio diferente. Seus bois nunca estão nos locais descobertos pela fiscalização — sempre tarde demais.

Segundo o economista sênior do Banco Mundial Sérgio Margulis, autor de uma das pesquisas mais importantes sobre o impacto da pecuária no desmatamento, 12% da Amazônia Legal, ou 60 milhões de hectares, é utilizada em atividades de agropecuária. Três quartos disso são pastos — o que dá à criação de bois o troféu de campeã no desmatamento da Amazônia. Como as

terras na região custam um décimo menos que no interior de São Paulo, por exemplo, e todos os outros custos também são baixos, a receita líquida de um pecuarista amazônico chega a ser

o dobro da obtida no Sudeste. Para ajudar, a intensidade das chuvas e a temperatura favorecem o crescimento do pasto o ano inteiro. A questão é que, enquanto lucra, o pecuarista da Amazônia produz prejuízo para o país. Estima-se que, para cada hectare de floresta destruída, 100 dólares anuais são perdidos em custos ambientais e sociais. Esse índice é calculado com base na soma dos recursos naturais perdidos e dos benefícios que a região poderia obter com a exploração racional de madeira, essências naturais, ecoturismo e estocagem de carbono.

O estouro da boiada sobre a mata já se faz sentir nos santuários dos defensores do chamado desenvolvimento sus-

tentável. Depois de concluírem que não é possível viver da extração de látex, os seringueiros da Reserva Extrativista Chico Mendes, no Acre, estão optando pela criação de gado. Assim como em Xapuri, em todas as outras reservas extrativistas do Acre os seringueiros se renderam à lucratividade da pecuária. “O boi é a poupança de quem vive do extrativismo”, diz Francisco Vicente de Melo, que cria gado na reserva Santa Quitéria. “Quando alguém fica doente, sem condições de trabalhar, é do gado que tira o sustento.” Até a viúva de Chico Mendes, Ilzamar Gadelha Bezerra Mendes, já formou o seu rebanho. A pecuária cresceu 370% no Acre em dez anos e transformou o estado no melhor exemplo do avanço da atividade sobre a floresta. Comparado com o ritmo de expansão da pecuária em outras regiões, o da Amazônia é preocupantemente vigoroso. O número total de cabeças saltou de 26 milhões em 1990 para mais de 64 milhões em 2003.

**Gado novo sobre
mata antiga: com
a venda de pasto
em outras áreas,
os pecuaristas
ganham fôlego
para desmatar**





TOP PHOTO/KEVSTONE

Teoricamente, os pastos que bordejam a mata poderiam dar conta da multiplicação de cabeças, mas há um fenômeno econômico — a soja — empurrando-os para cima das florestas. Nos últimos quatro anos, 5 milhões de hectares de pastagens foram convertidos em lavouras de soja no país, de acordo com estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Ou seja, mais de 70% da expansão do cultivo ocorreu em áreas desmatadas e convertidas em pasto. Na Amazônia, o processo não é diferente. As oscilações no preço do gado levam vários produtores à falência. Pastos abandonados podem ter as qualidades químicas do solo corrigidas. Depois, são arados e passam a produzir grãos. Isso era impensável dez anos atrás, quando se acreditava que na região a agricultura extensiva era uma atividade inviável.

Vistos por esse ângulo, os sojicultores são heróis da economia e da recuperação de áreas degradadas. Mas há outra maneira de analisar a situação, segundo a maioria dos ambientalistas que atuam

na Amazônia. Justamente por ter ultrapassado o cerrado, alcançando as arestas da floresta, a sojicultura virou também uma ameaça. Ao adquirirem terras de pecuaristas que estavam com seus negócios estagnados ou em decadência, os produtores de soja capitalizaram um setor cuja natureza da implantação consiste em transformar floresta em pasto. Com dinheiro no bolso, os criadores passaram a investir em propriedades menos valorizadas, distantes e, na maior parte dos casos, ainda com muita mata para derrubar.

Para assistir a tudo isso, o Brasil tem moderníssima tecnologia de monitoramento ambiental por satélite. Na sede do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), na cidade paulista de São José dos Campos, os cientistas produzem boletins diários com os números de queimadas registradas no país e emitem quinzenalmente relatórios sobre os desmatamentos mais recentes, apontando com precisão os locais onde ocorreram.


Corte de tora de madeira de lei: mais de 3 000 serrarias atuam em toda a região amazônica


Menos de oito horas são necessárias para que um dos aviões do Sivam decole da base aérea de Anápolis, em Goiás, e produza imagens em alta resolução de qualquer ponto da floresta. Em centenas de outros centros de pesquisas de universidades espalhados pelo país e no exterior, outras informações são processadas com base em dados obtidos por satélites.



Sucesso no céu, fracasso no chão. As ações de fiscalização e os investimentos na repressão a crimes ambientais estão longe de acompanhar a tecnologia que enxerga detalhes no meio da floresta. Dos 36 milhões de reais previstos para custear o trabalho dos fiscais neste ano, 25% foram congelados. O total liberado só foi suficiente para trabalhar até a primeira quinzena de agosto — justamente quando se iniciou a estação das queimadas. Para vigiar os 5 milhões de quilômetros quadrados de mata amazônica, existem 695 fiscais — 575 fixos e 120 emprestados de outras regiões. Se a

= = = T E S T A M E N T O = = =

Eu, TEREZA BATISTA, portadora da carteira de identidade 26.511.172-X, enumero meus bens pessoais e nomeio os seguintes beneficiários abaixo:

Para a secretária, deixo minha  eletrônica, para ela deletar todos os meus compromissos.

Para o meu chefe, deixo o kit de  com 21 peças para ele trabalhar feito um peão.

Para o cachorro do meu marido, deixo a  do Rex e o  de 6 bocas para ele aprender a cozinhar.

Ganhei na loteria. Vou desta para uma melhor.

Pode imaginar. Aqui tem.





área de floresta fosse dividida igualmente entre eles, cada um teria de cuidar de um território cinco vezes maior que o da cidade de São Paulo. “O esgotamento dos recursos no meio do ano demonstra a falta de prioridade do governo Lula para a questão ambiental”, acusa o Greenpeace em nota que denuncia a falta de dinheiro para a fiscalização.

As multas ambientais poderiam significar mais recursos para a atividade. Mas são tratadas como anedota pelos infratores. Do total de multas emitidas pelos fiscais, 12% são canceladas por erro de preenchimento. Das restantes, 80% simplesmente não são pagas. E, das que resultam em recolhimento de dinheiro, a União toma 95% do valor arrecadado para aplicar em outras finalidades. De acordo com dados do Ibama, no ano passado as multas somaram 539 milhões de reais, dos quais apenas 63 milhões foram pagos. Desse montante, pouco mais de 3 milhões de reais foram repassados à instituição. Para piorar, uma multa, quando é paga, tramita por até três anos nas instâncias burocráticas do governo. De acordo com o diretor de proteção ambiental do Ibama, Flávio Montiel, o órgão estuda a proposição de uma lei que formalize e melhore a divisão da arrecadação com a União. “Mas esse vai ser um assunto difícil de resolver”, admite Montiel.

O caminho do dinheiro

Menos de 1% do total de multas emitidas na Amazônia é enviado aos cofres do Ibama. O resto se perde na inadimplência ou vai para os cofres da União e não é empregado na proteção da floresta

Valores em reais

Ano	2001	2002	2003	2004	2005*
Valor global das multas	135,6 milhões	295 milhões	320 milhões	539 milhões	208 milhões
Total pago (estimado)	52 milhões	53 milhões	62,5 milhões	63 milhões	20 milhões
Total enviado ao Ibama	2,6 milhões	2,7 milhões	3 milhões	3 milhões	1 milhão

Fonte: Ibama

* Até junho

Em outra ponta, a corrupção mina ainda mais o processo de fiscalização. No Pará, foi descoberta no ano passado uma quadrilha especializada em cancelar e encolher multas. Composto de funcionários mancomunados até com um procurador do órgão, o grupo foi responsável por uma fraude de 4 milhões de reais. A sindicância ainda não está concluída e o acusado de chefiar o bando foi transferido para a Previdência. Desde 2003, mais de sessenta servidores foram enquadrados por crimes de corrupção. Somente no caso mais recente, a Operação Curupira, realizada em junho,

47 foram presos. “Isso não quer dizer que a corrupção aumentou, e sim que nunca se investigou tanto como agora”, justifica Montiel. Embora os fiscais honestos tenham conseguido apreender desde o ano passado mais de 375 000 metros cúbicos de madeira e fechado mais de 460 serrarias clandestinas, cerca de 80% da madeira que é vendida na região tem origem ilegal. Aí incluída aquela que desaparece misteriosamente dos pátios interditados pelo Ibama.



Leia o Em Profundidade: Amazônia em www.veja.com.br

Manchas no pulmão do planeta

Os pontos na cor amarela indicam áreas em que já houve intervenção do homem. A cor marrom representa trechos de total desmatamento. O verde é o que resta intacto. A Amazônia tem 20 milhões de habitantes, em 5 milhões de quilômetros quadrados. Embora essa seja uma das mais baixas densidades demográficas do mundo, representa risco suficiente para um ecossistema frágil e cuja organização ainda é praticamente desconhecida pelos cientistas



■ Florestas intactas	41%
■ Já houve intervenção do homem	31%
■ Áreas desmatadas	22%

Fonte: Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia

MINISTÉRIO DA SAÚDE
MAIS ATENÇÃO A VOCÊ

HIPERTENSO, ALÉM DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, OUTROS ÓRGÃOS TAMBÉM SE PREOCUPAM COM VOCÊ.



PRATIQUE SAÚDE.

Dar mais atenção a você é uma prioridade do Ministério da Saúde, mas é um compromisso que você também deve ter, principalmente quem tem pressão alta. **Se você é hipertenso, evite sal na comida. É importantíssimo manter uma alimentação saudável. Não fume, controle o seu peso e a taxa de colesterol. Faça acompanhamento periódico e pratique atividade física regularmente,** mas nunca sem consultar um médico. Os Postos de Saúde estão prontos para atender você.

DISQUE SAÚDE 0800 61 1997

Ministério
da Saúde





O RISCO DE PAGAR

No ritmo atual, a devastação mudará o ciclo de chuvas e logo poderá ser tarde demais para salvar a Floresta Amazônica

Ruth Costas

A Floresta Amazônica está sendo devastada como se nunca fosse acabar. Já não é possível continuar nesse ritmo, pois estamos nos aproximando do ponto em que não haverá mais volta. Simulações feitas em computador pelo meteorologista Carlos Nobre, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, de São José dos Campos, indicam que a floresta desaparecerá quando a perda atingir entre 40% e 60% da cobertura vegetal. Não falta muito, pois nos últimos quarenta anos a mata encolheu 17%. A razão disso é o delicado equilíbrio do sistema de chuvas na região. Metade da precipitação pluviométrica é formada pelas massas de ar úmido provenientes do Oceano Atlântico, uma fonte inesgotável de umidade. O restante é alimentado pela transpiração das plantas e pela evaporação da água dos rios, do solo e da superfície das folhas. Essa fonte é destruída com a vegetação. No ritmo atual de devastação, a maior floresta tropical do planeta será substituída por uma vegetação típica de cerrado em apenas cinquenta anos. Ou em trinta, de acordo com o prognóstico mais pessimista, que levou em conta a possível aceleração no ritmo de desmatamento.

“Como metade da chuva na Amazônia é criada pela própria floresta, a destruição será muito mais rápida e irreversível do que foi a da Mata Atlântica, onde a chuva depende sobretudo da umidade vinda do mar”, diz o engenheiro agrônomo Enéas Salati, diretor da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, do Rio de Janeiro, e autor do estudo que desvendou o ciclo hidrológico da Amazônia. A redução do volume das chuvas seria apenas uma das consequências do rompimento do ciclo das águas na Amazônia. O calor que antes era amenizado pela evaporação da água retida na mata passaria a se concentrar no ar, provocando o aumento da temperatura. O clima da região ficaria mais quente e seco, o que dificultaria a sobrevivência de plantas e animais habituados ao ambiente úmido atual. Uma simulação em computador do que aconteceria com o ambiente da Floresta Amazônica indica que alterações significativas devem começar a ocorrer quando a perda de cobertura vegetal chegar a 20% — ou seja, um índice que estamos próximos de atingir. “Se o ritmo da devastação não for contido, em poucas décadas toda essa biodiversidade desaparecerá da superfície terrestre sem que o homem tenha sequer sido capaz de conhecer toda a sua riqueza”, diz o biólogo americano Thomas Lovejoy, presidente do Centro H. John Heinz III para Ciência, Economia e Meio Ambiente, dos Estados Unidos. ■

Queimadas em Novo Progresso, no Pará: quase um quinto das árvores amazônicas foi destruído

PARA VER

Uma sentença de morte

Estudos mostram que o ciclo das chuvas na Amazônia entrará em colapso se a região perder entre 40% e 60% da cobertura vegetal. A floresta será então substituída pelo cerrado

CICLO HIDROLÓGICO

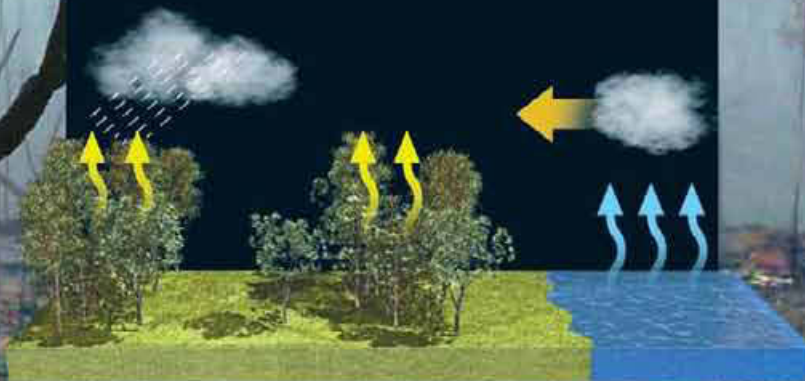
50% da chuva é alimentada pela evaporação da água acumulada na floresta, nos rios e pela transpiração das plantas

50% da água da chuva na Amazônia vem de massas de ar úmido que se formam no Oceano Atlântico



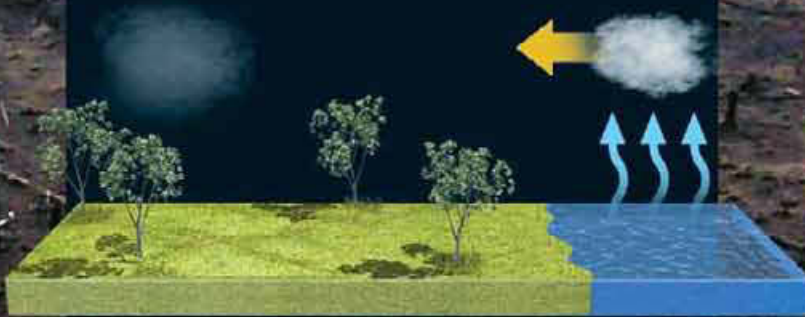
O EFEITO DA DESTRUIÇÃO

Com o desmatamento, diminui a quantidade de vapor de água gerada pela floresta e, por consequência, as chuvas. O clima se torna mais quente e seco



O ROMPIMENTO DO EQUILÍBRIO

Estima-se que o ciclo das chuvas da região entrará em colapso se a Amazônia perder entre 40% e 60% de sua cobertura vegetal. O fim da floresta será então irreversível





FLORESTAS DE



PROVETA

Nem tudo está perdido no Brasil verde: um terço do consumo anual de madeira já vem de florestas plantadas, em que as empresas investem bilhões

Carlos Rydlewski

Na lista de previsões que não resistiram à realidade, podem ser incluídas todas as especulações sobre uma eventual queda no comércio mundial de papel, provocada pela difusão de tecnologias digitais. Isso porque, ao menos por enquanto, o que se vê é o contrário. Em vez de inibir, os meios eletrônicos parecem estimular o consumo desse produto, cuja primeira versão surgiu na China, no ano 105. Entre 1990 e 2004, a fabricação mundial de papel, cuja matéria-prima, a celulose, é extraída de árvores, avançou de 240 milhões de toneladas para 337 milhões de toneladas. Um crescimento de 40%. No Brasil, o salto foi de quase 80% no mesmo período, passando de 4,7 milhões de toneladas para 8,4 milhões de toneladas. E foi por meio de um subterfúgio, o plantio de florestas artificiais, que a indústria do setor bancou esse avanço na produção, sem levar ao colapso as reservas verdes do planeta. No mundo, essas áreas de matas plantadas pelo homem para uso industrial já ocupam 187,5 milhões de hectares, o equivalente a um país do tamanho do México. Dessa gleba global gigantesca, 5,4 milhões de hectares, ou 2,9% do total, estão no Brasil. E, hoje, o país vive um novo ciclo de investimentos nesse setor.

Há dois movimentos internacionais que estimulam a expansão das florestas plantadas, nas quais são usadas variedades principalmente de eucalipto e pínus. Um deles é a busca por novas áreas de plantio e construção de fábricas em países como o Brasil, a Rússia, a Índia e a China. O outro impulso vem do intenso apetite mundial por commodities, puxado pelo crescimento chinês. Isso vale tanto para o segmento de papel e celulose como também para a siderurgia, que tem nas florestas plantadas a fonte de carvão vegetal para seus altos-fornos. Existem ainda frentes esporádicas de demanda, principalmente no segmento de construção. É por isso que nos últimos meses as

O artifício do verde: clima favorável e técnicas de clonagem fazem do sul da Bahia uma das áreas mais produtivas do mundo no plantio de florestas





Jamanta invertida: madeira picada é descarregada na Votorantim, em São Paulo, que produz celulose para exportação

país, regados por fartíssimos incentivos fiscais, a história era diferente. Tanto que o famigerado Projeto Jari, cravado na selva do Amapá em 1967, perdurou por muitos anos como um símbolo desse tipo de empreendimento. Sonho do americano Daniel Keith Ludwig, então na lista dos cinco homens mais ricos do mundo, o Jari estendia-se por uma área correspondente à metade da Bélgica. Foi montado para produzir celulose, arroz e carne bovina em profusão

DIVULGAÇÃO/VEP

principais indústrias do setor concluíram e já anunciaram investimentos de peso em florestas artificiais no Brasil. No fim de setembro foi inaugurada a Veracel, uma fábrica de celulose em Eunápolis, no sul da Bahia, montada por meio de parceria entre a Aracruz e o grupo sueco-finlandês Stora Enso. O investimento, desde o início dos anos 90, totalizou 1,2 bilhão de dólares. A Suzano também anunciou um aporte de 1,3 bilhão de dólares, em Mucuri, na mesma região, para a construção de uma unidade industrial. Estimativas das empresas do ramo indicam que as florestas plantadas devem atrair recursos da ordem de 13 bilhões de dólares até 2014 no Brasil.

A cifra é otimista, mas o país tem encantos para tanto. Fatores como a disponibilidade e a qualidade do solo, o regime de chuvas, a temperatura e a luminosidade — a quantidade de sol —, associados à pesquisa genética, fazem com que as matas artificiais brasileiras alcancem uma produtividade incomparável. Nas plantações nacionais, o eucalipto, que fornece uma matéria-prima de fibra

curta, usada na produção de papéis de menor resistência, pode ser cortado num prazo de cinco a sete anos após o plantio. No Canadá e na Finlândia, importantes produtores de papel, esse prazo pode ser seis vezes maior. O custo da madeira numa fábrica brasileira também é inferior à metade do valor registrado nesses países. “Não há exagero em dizer que nenhum lugar do mundo reúne condições tão favoráveis como o Brasil para o plantio de florestas”, diz o professor Laércio Couto, da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais. “E temos muito espaço a ocupar, sem oferecer risco às áreas de preservação, principalmente em pastagens degradadas.” O detalhe: numa comparação mundial, o Brasil só começa a perder competitividade no momento em que são contabilizados os impostos, as despesas com escoamento e o custo adicional do crédito.

Em relação ao meio ambiente, as glebas de florestas plantadas no Brasil incorporaram avanços significativos nos últimos quinze anos. Nos anos 60, quando foram criados os projetos mirabolantes de reflorestamento no

nunca vista. Sucumbiu de maneira quase tão delirante como surgiu.

Os projetos de reflorestamento, por sua vez, modernizaram-se, também por causa de severas certificações internacionais, aliadas à tecnologia. Hoje, as grandes florestas são plantadas em áreas intercaladas com matas naturais, formando verdadeiros mosaicos verdes. Isso porque, como são feitas com material genético homogêneo, as plantações não têm um sistema de defesa contra insetos. Poderiam ser dizimadas por punhados de bichinhos. “Mas, em equilíbrio com o ambiente natural, elas até se tornam mais resistentes, pois ganham os inimigos naturais contra possíveis agressores”, diz José Totti, gerente de planejamento e pesquisa florestal da Klabin. Para completar, apesar de as florestas plantadas ocuparem apenas 8% da área cultivada do Brasil, elas fornecem 85% de todos os produtos de origem florestal encontrados no mercado. E esse é um alento, principalmente em um mundo que parece não querer diminuir tão cedo o consumo de papel, energia, móveis e materiais para a indústria de construção. ■

A indústria por trás do verde

As florestas plantadas para uso industrial no Brasil somam 5,4 milhões de hectares

Fonte: Abraf

EQUIVALEM...

...a uma área pouco maior que o



RIO GRANDE DO NORTE

SOMAM...

...um total de

7,2 bilhões de árvores
(8% da área cultivada no Brasil)



PRODUZEM...

...uma riqueza estimada em **4% do PIB do Brasil**



EXPORTAM...

...**5,8 bilhões de dólares por ano**

Fundação Victor Civita Instituto Faça Parte apresentam

NOVO!



CÓDIGO
DA OFERTA
NE 002

FOTO ILLUSTRATIVA

- INTEL® CELERON® **NOVO!**
D315 – 2,53 GHZ
- 256 MB DE MEMÓRIA DDR **NOVO!**
- HD DE 40 GB
- PLACA DE REDE 10/100
- LEITOR E GRAVADOR DE CD **NOVO!**
- FAX/MODEM
- MONITOR DE 15"
- MICROSOFT® WINDOWS® **NOVO!**
STARTER EDITION
- DRIVE DE 1,44 MB
- AVG ANTIVÍRUS **NOVO!**
- MICROFONE E CAIXAS DE SOM
- MULTIMÍDIA COMPLETO
- TECLADO E MOUSE
- MICROSOFT® WORKS® **NOVO!**
- MICROSOFT® OFFICE® TRIAL¹ **NOVO!**
- REDAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA – ITAUTEC

A PARTIR DE
R\$ 68,00 mensais*
A vista R\$ 1.649,00

- ▶ **CONTEÚDO EXCLUSIVO PARA O PROFESSOR**
- ▶ **PREÇO ESPECIAL E 3 ANOS DE GARANTIA***
- ▶ **ACESSO GRATUITO À INTERNET COM 4 CONTAS DE E-MAIL**

O QUE JÁ VEM NO COMPUTADOR:

- ▶ Todo o conteúdo da revista ESCOLA de 2000 para cá
- ▶ PCNs Fáceis de Entender – Parâmetros Curriculares Nacionais
- ▶ Especial ESCOLA sobre gestão escolar – Chamada à Ação
- ▶ Coleção Especial SUPERINTERESSANTE
- ▶ Projeto Voluntariado Educativo – FAÇA PARTE
- ▶ ALMANAQUE ABRIL 2004 ▶ Dicionário Eletrônico LUFT
- ▶ Coleção Especial ÁTICA ▶ Coleção Especial SCIPIONE
- ▶ Formação Continuada: OFÍCIO DE PROFESSOR; EBRAP – Curso para Professores do Ensino Médio; TONS – Curso de Alfabetização em Linguagem Musical; TEACHING ENGLISH – Conteúdo do British Council para Professores de Inglês

LIGUE JÁ!
0800-121444

De 2ª a 6ª, das 8 às 20 h. Sábado, das 9 às 18 h, e domingo, das 9 às 15 h
www.itauteshops.com.br



Intel, Intel Inside, Intel Celeron, o logotipo da Intel e Intel Celeron e quaisquer combinação destes são marcas comerciais da Intel Corporation ou suas subsidiárias nos Estados Unidos e em outros países. Microsoft e Windows são marcas registradas da Microsoft Corporation. Internet (Telefônica não inclui eventuais despesas de ligações interurbanas para cidades onde a Telefônica não possui telefone local de acesso, bem como os impulsos telefônicos decorrentes desse acesso. A velocidade de comunicação de 56 Kbps depende e pode variar de acordo com o tipo e a qualidade da linha telefônica utilizada. * Taxas de juros e prazos especiais para professores. Financiamento em até 36 vezes com juros a partir de 2% ao mês + IOF. Consulte as taxas e prazos de financiamento de cada instituição financeira participante. Sujeito à análise e aprovação de crédito. (1) Gratuito por 60 dias. (2) Garantia balcão de 3 anos para partes, peças e serviços. Preços com impostos inclusos para São Paulo. Frete incluso. Demais características técnicas e de comercialização estão disponíveis em nosso site e no Televentas. Fica ressalvada eventual retificação das ofertas aqui veiculadas.

A Band está mudando o seu jeito de ver TV.

Esta é a Band, muito prazer. Uma TV que está resgatando uma coisa que andava meio perdida: o seu prazer de ver TV. Para isso, a gente incrementou a programação, contratou novos apresentadores e nomes de peso para o jornalismo, renovou cenários, criou novos formatos de programa e novas atrações, trouxe um novo pacote de filmes e estreou uma novela de sucesso. Afinal, a gente é uma emissora de TV, e o trabalho de uma TV é agradar o telespectador. Então, mude para a Band. Vai ser um prazer para você também.

Prazer em ver.



De segunda a sexta

Manhã



8h - com Fernando Vieira de Mello



8h35 - com Leão Lobo



10h15 - com Daniel Bork



11h30 - com Roberto Avallone



15h - com Claudete Troiano



17h15 - com Márcia Goldschmidt



18h15 - com José Luiz Datena



19h20 - com Carlos Nascimento



20h10



22h - com Gilberto Barros



0h30 - com Roberto Cabrini



1h10 - com Otávio Mesquita

Aos sábados

Tarde



12h30 - com Gilberto Barros



17h - com Éder Luiz



19h20 - com Ricardo Boechat



20h10



0h - com Goulart de Andrade



1h10 - com Otávio Mesquita



2h

Aos domingos

Manhã/Tarde



10h - com Carlos Fernando



13h - Sérgio Reis e Sandra Porto



14h - com Éder Luiz



16h - com Márcia Goldschmidt



17h30 - com Otávio Mesquita



Horário móvel



19h



20h - com Roberto Avallone



21h30



23h30 - com Joelmir Beting, Fernando Mitre e Antônio Teles



0h30

A SEDUÇÃO DO HUMOR

As mulheres gostam de homens engraçados, mas eles não querem saber de parceiras que fazem piadas

O bom humor costuma ser apontado como uma das qualidades que mais se desejam num parceiro. Ninguém gosta de viver ao lado de gente rabugenta. Mas que tipo de humor exatamente se espera da pessoa com quem se convive? Pesquisa recente conduzida pelo psicólogo Eric Bressler, da Universidade McMaster, de Hamilton, no Canadá, mostra que cada um dos sexos cultiva expectativas diferentes em relação ao outro quando o assunto é humor. A equipe de Bressler aplicou questionários e fez entrevistas com 129 homens e mulheres na faixa dos 17 aos 25 anos. Conclusão do estudo: os homens adoram que suas parceiras riam das gracinhas que eles dizem,

mas não se sentem atraídos por mulheres que fazem piadas. Em outras palavras: para eles, mulher bem-humorada não é aquela que “produz” humor, mas a que está sempre receptiva ao humor do parceiro. Já as mulheres, segundo a pesquisa, acham que o bom humor nos homens é um sinal inequívoco de inteligência.

Bressler sugere que na base dessa diferença na forma como homens e mulheres encaram o humor está o processo de seleção sexual das espécies, um dos braços da teoria da evolução de Charles Darwin. Segundo o naturalista inglês do século XIX, os seres humanos, como todos os animais, escolhem seus parceiros instintivamente entre aqueles indivíduos com características que lhes garantam proles saudáveis e, portanto, a perpetuação da espécie. Como as mulheres consideram o humor um atributo importante nos homens, um sinal de que são inteligentes e aptos, eles aprenderam a usá-lo como arma de sedução — da mesma forma que os pavões desenvolveram sua plumagem magnífica para atrair as fêmeas. Mulheres bem-humoradas, que tomam a iniciativa de fazer brincadeiras e contar piadas, em contrapartida, atraem os homens como amigas, ou para relacionamentos fortuitos, mas são malvistas

“Acho que o espírito brincalhão é sinal de inteligência, e foi isso que me atraiu no Bruno.”

CAMILA GARBIN, engenheira química

“Camila tem bom humor, mas, se ela fosse mais piadista, talvez entrássemos numa disputa que nos atralhalharia.”

BRUNO FRANCESCO MARMO, estudante

MOTIVOS DIFERENTES PARA RIR

Como cada sexo vê o humor

ELES

- Preferem parceiras sempre prontas a rir de suas tiradas
- Sentem-se ameaçados diante de mulheres extrovertidas e engraçadas
- Usam o humor como arma de sedução

ELAS

- Consideram o humor masculino um sinal de inteligência e criatividade
- Riem para demonstrar atração pelos homens na paquera
- Usam o humor para fazer amizades e confraternizar

“Percebi que o Luiz estava interessado em namorar porque passou a brincar mais comigo do que com as outras garotas do grupo.”

DANIELLY BERZOINI JUNCO, assistente de marketing

“A Danielly é espirituosa, mas na medida certa. Mulheres muito engraçadas são ideais para conversar, nada além disso.”

LUIZ RENATO GOMES DE OLIVEIRA, ator



LAILSON SANTOS

força diante de alguns tipos de comportamento. Nas rodas de conversa, a título de brincadeira e gozação, os homens costumam fazer provocações mútuas com apelidos ridículos, insultos, humilhações e suspeitas quanto à masculinidade alheia. Esse tipo de conversa não ocorre entre mulheres. A explicação é que, entre si, os homens usam o humor para competir com seus pares, num comportamento equivalente ao dos animais machos que lutam para decidir quem é o mais forte e capaz do bando. Já as mulheres tendem a usar o humor para

por eles quando se trata de escolher uma namorada ou esposa. “Os homens se sentem ameaçados em seu papel masculino diante de mulheres demasiadamente extrovertidas, que riem alto e contam piadas”, diz a psiquiatra especializada em sexualidade Carmita Abdo, do Hospital das Clínicas de São Paulo. “Os homens querem ter a seu lado mulheres que os

tornem o centro das atenções, e não o contrário”, ela conclui. A apresentadora Luciana Gimenez concorda: “A maioria dos homens tem medo de mim porque falo alto e digo o que quero”.

A tese de que a seleção sexual das espécies explica as diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito ao humor, segundo os pesquisadores, se re-

fazer amizades e confraternizar. Estudos mostram que as conversas masculinas com provocações bem-humoradas são mais frequentes diante de platéias femininas do que quando os homens estão apenas entre eles — no mundo animal, em muitas espécies, os machos só se confrontam quando estão sendo observados pelas fêmeas que eles disputam. ■

TISSOT SWISS WATCHES SINCE 1853

TISSOT SWISS WATCHES SINCE 1853

TISSOT SWISS WATCHES SINCE 1853

TISSOT SWISS WATCHES SINCE 1853

OFFICIAL TIMEKEEPER
MOTOGP
WORLD CHAMPIONSHIPS

MotoGP
Official Watch

TISSOT
SWISS WATCHES SINCE 1853

www.tissot.ch

Atendimento ao consumidor: (11) 3746 2899

O fim da mesmice e

Novos eletrodomésticos são quase objetos de decoração

Durante décadas os eletrodomésticos foram tão parecidos uns com os outros, independentemente da marca, que a própria indústria criou a expressão “linha branca” para designar geladeiras, lavadoras e similares. Esse cenário mudou tanto que hoje é possível usar muitos desses aparelhos e utensílios para decorar a cozinha e outros cômodos da casa. “A indústria percebeu que tem de se moldar ao desejo do consumidor”, diz o diretor de marketing da Brastemp e da Consul no Brasil, Fábio Cury. A abertura à concorrência dos importados e a modernização do maquinário da indústria nacional explicam em boa parte essa evolução. Um exemplo da própria Brastemp é um minirrefrigerador com painéis de estilistas São Paulo Fashion Week que bateu recordes de procura em três meses. O sucesso levou à decisão de lançar uma segunda edição e outros produtos com o mesmo conceito. Este Guia selecionou novidades que aliam praticidade com design.



Minirrefrigerador Pla (BRASTEMP)

Produto com edição limitada, tem capacidade de 80 litros e vem com três painéis cambiáveis, assinados pelos estilistas Jum Nakao, Cavalera e Isabela Capeto
1 600 reais

Sonhos de consumo

Pagar **100 000 reais** por um fogão ou **3 000 reais** por uma cafeteira parece loucura, mas esse custo tem lá seus benefícios — produtos mais duráveis, potentes e bem-acabados

veja ON-LINE Onde encontrar os produtos em www.veja.com.br

Cafeteira Magnífica (DELONGHI)

Importada, de aço escovado, tem seletores para sabor e para a quantidade de café
3 390 reais



Flat Micro System Hi Fi (PHILIPS)

Um suporte permite que se ganhe espaço pendurando o aparelho de som na parede, como já se faz com TVs de plasma e monitores de cristal líquido

600 reais



FOTOS DIVULGAÇÃO

m casa

Fogão (ILVE)

O fabricante italiano o apelidou de “Ferrari dos fogões” – referência ao preço, ao design e à potência. Tem sete bocas, chapa, coifa, painel de inox e dois fornos, um a gás e outro elétrico. Raios infravermelhos mantêm a comida aquecida depois do cozimento

100 000 reais



Adega (GE)

A temperatura é controlada em um display digital. Comporta 29 garrafas. As prateleiras são cromadas e a porta abre para os dois lados.

Tem trava digital

2 000 reais



Ecologicamente corretos

Os consumidores buscam aparelhos cada vez mais eficientes em termos de consumo – não apenas por preocupações ambientais, mas, sobretudo, por economia na conta de energia. A indústria se adapta oferecendo soluções cada vez mais inteligentes

Recicladora (3E)

Criação do designer Adriano Carvalho, de Belo Horizonte, tem módulos para coleta seletiva. Ganhou um prêmio do Museu da Casa Brasileira neste ano, na categoria novas idéias

70 reais

Lava-louças Ecosensor (GE)

Sensores de raios infravermelhos detectam o nível de sujeira da louça, economizando água

4 000 reais





Quem canta os males espanta.

Illegible handwritten text on a parchment strip.



Illegible handwritten text at the bottom of the page.



CBGOM



Hoje é Dia de Maria. Segunda jornada em 5 capítulos.
Uma fábula musical de encher os olhos. Estréia nesta terça, dia 11.

Com Carolina Oliveira, Rodrigo Santoro, Leticia Sabatella, Osmar Prado,
Daniel de Oliveira, Stenio Garcia, Laura Cardoso, Ricardo Blat,
Fernanda Montenegro e grande elenco. Escrita por Luís Alberto de Abreu
e Luiz Fernando Carvalho. Direção de Luiz Fernando Carvalho.



A gente se vê por aqui.
www.globo.com/hojeediademaria

Para todos os estilos

Atitude conta – mesmo quando se trata do aspirador de pó. Os aparelhos recentes combinam novas cores e design original, que se adaptam à decoração da casa e à personalidade do dono

Coifa eletrônica (BOSCH)

A velocidade da exaustão é regulada em uma tela digital. O filtro metálico pode ser lavado na lava-louças. Uma função especial remove os odores que ficam depois de cozinhar

4 000 reais



Sanducheira (WHITE WESTINGHOUSE)

Diferente, tem cabeça e pés de vaca malhada e muge ao ser aberta

170 reais



Torradeira (HAMILTON BEACH)

Um termostato regula o bronzeamento da torrada. Tem funções separadas para reaquecer, torrar ou descongelar o pão

500 reais

Mixer Power Multi Quirl (WMF)

O produto alemão tem quatro batedores, um para cada tipo de receita. Usa duas pilhas pequenas

395 reais



Aspirador Ergorapido (ELECTROLUX)

Sem fio, proporciona uso ágil e confortável. Funciona com bateria recarregável

500 reais



Egg Cooker (CUISINART)

Faz ovos cozidos em no máximo sete minutos, com baixo consumo de energia. Inclui bandeja para ovos pochés

228 reais



MOHAMED EL-BARADEI

O **Nobel da Paz** foi para o egípcio **Mohamed El-Baradei** e para o órgão da ONU que ele dirige, a Agência Internacional de Energia Atômica (Iaea), pelos esforços em evitar a proliferação de armas nucleares no mundo. El-Baradei, de 63 anos, há oito à frente da Iaea, negociou diretamente com os governos do Irã e da Coreia do Norte para dissuadi-los de manter programas para a fabricação de armas nucleares. Durante a crise que precedeu a ocupação americana do Iraque, em 2003, El-Baradei, juntamente com o sueco Hans Blix, comandou a inspeção das instalações militares do regime de Saddam Hussein em busca de armas de destruição em massa, o principal argumento do presidente americano George W. Bush para invadir o país. Nada foi encontrado pelos inspetores da ONU e o diretor da Iaea criticou duramente Bush por insistir na invasão. No início deste ano, El-Baradei foi eleito para o seu terceiro mandato à frente do Iaea, sob forte oposição de Washington.

Na semana passada, a Real Academia Sueca de Ciências e o Instituto Karolinska também anunciaram os ganhadores dos prêmios Nobel de 2005 de Medicina, Física e Química. Ao todo, oito cientistas dividirão o 1,3 milhão de dólares concedido a cada categoria.



RUDI BLAHA/AP

PAZ El-Baradei: diplomacia contra a fabricação de armas nucleares

dade do Colorado, e ao alemão **Theodor W. Hänsch**, 63, do Instituto Max Planck, pelas pesquisas em ótica, que resultaram em medições de distância e tempo ultraprecisas, fundamentais para a eficácia dos sistemas de navegação — como o GPS, ou posicionamento global por satélite.

Glauber, que levou metade do 1,3 milhão de dólares, é o autor das equações matemáticas que definem, desde 1963, como a luz emite pacotes de energia — os quanta, descobertos por Max Planck e Albert Einstein no início do século XX. Hall e Hänsch, que dividiram a outra metade do prêmio, empregaram esses cálculos para medir com extrema precisão, por meio de raios laser, a velocidade da luz. Graças ao trabalho dos três, esse valor foi estabelecido em 1983: a luz viaja a 299 792 458 metros por segundo.

O Nobel de Química

foi concedido ao francês **Yves Chauvin**, 74 anos, do Instituto Francês do Petróleo, e aos americanos **Robert H. Grubbs**, 63, do Instituto de Tecnologia da Califórnia, e **Richard R. Schrock**, 60, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, por seu trabalho em química orgânica. O trio desenvolveu um tipo de reação química em que átomos de carbono se recombinam, como casais de dançarinos que trocam de par enquanto rodopiam pelo salão. O processo, chamado metátese, já tem uso comercial na produção de medicamentos e plásticos, garantindo compostos mais efetivos e menos poluentes. ■

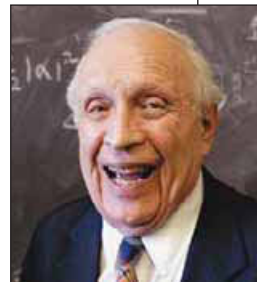
O Nobel de Medicina foi para dois patologistas australianos, que descobriram que a bactéria *Helicobacter pylori* é a causadora de 90% dos casos de gastrite, úlcera e câncer estomacal.

J. Robin Warren, 68 anos, que trabalhou até 1999 no Hospital Real de Perth, e **Barry J. Marshall**, 54, da Universidade Western, iniciaram seu trabalho na década de 80, seguindo na direção contrária à do pensamento dominante na medicina. Na época, acreditava-se que as inflamações gástricas teriam como causa o aumento de acidez no estômago e fatores psicológicos, como o stress. Na visão da dupla, a bactéria seria a causa da inflamação, e não apenas uma coadjuvante oportunista. A fim de testar de forma definitiva sua hipótese, Marshall contaminou-se deliberadamente, ingerindo uma cultura da bactéria. Os pesquisadores provaram também que a úlcera, considerada até então uma doença crônica, podia ser facilmente tratada com antibióticos. A *H. pylori* é um bacilo de forma espiralada que se aloja na mucoosa estomacal e vive bem no ambiente ácido. Calcula-se que a infecção afete quase a metade da população mundial, principalmente em nações menos desenvolvidas. O câncer de estômago é a segunda causa de mortes por tumor em todo o mundo.

O Nobel de Física foi dado aos americanos **Roy J. Glauber**, 80 anos, da Universidade Harvard, e **John L. Hall**, 71, da Universi-

MEDICINA

Os australianos Marshall (à esq.) e Warren: revolução no tratamento da úlcera



FÍSICA

O americano Glauber: pai das equações sobre a luz



QUÍMICA

O francês Chauvin: um dos autores da receita para poluir menos

STEPHANA SAVOIA/AP

CHRISTOPHE ENVA/AP

BARRY BAKER/REUTERS



ENTRE DUAS ÁFRICAS

Impulsionado pelo talento e pela inquietação de Fernando Meirelles, *O Jardineiro Fiel* faz denúncia rimar com romance

Isabela Boscov

Não é todo dia que um cineasta com o talento de Fernando Meirelles surge no cenário nacional — ou, feitas as contas, no estrangeiro. Por isso mesmo, dados o prestígio de *Cidade de Deus* e a dimensão das expectativas geradas por ele, se poderia supor que, em sua aventura seguinte, Meirelles estaria fadado a desapontar. Definitivamente, não é esse o caso. *O Jardineiro Fiel* (*The Constant Gardener*, Estados Unidos/Inglaterra, 2005), que estréia nesta sexta-feira no país, confirma não apenas sua capacidade, como também sua força. Meirelles trabalha aqui com um elenco e um produtor ingleses, e em locações pouco amigáveis — a maior parte da ação transcorre em Londres, cuja prefeitura não costuma facilitar a vida das equipes de filmagem, e no Quênia, cuja boa vontade para com o projeto veio com o contrapeso do calor, do relativo caos de um país pobre e de técnicos pouco familiarizados com as exigências de um longa-metragem. Mais complicado ainda é o fato de essa ser uma adaptação de um dos mais britânicos escritores da atualidade — o ex-diplomata e ex-agente secreto John Le Carré, que por contrato tinha direito à aprovação de elenco, equipe, roteiro e montagem final. Obstáculos como esses já derrotaram um sem-número de estrangeiros convidados a trabalhar com dinheiro americano. Mas, embora seja um trabalho de encomenda, *O Jardineiro Fiel* é também, de cabo a rabo, um filme com a assinatura de Meirelles, sem ne-

nhum daqueles sinais sempre tão evidentes de interferência do alto comando.

O protagonista de *O Jardineiro Fiel* é Justin Quayle (Ralph Fiennes), diplomata de médio escalão tido como vacilante e ineficaz. Sua maior utilidade, na visão de sua chefia, é como peça ornamental. Deveria ser essa, também, a função de sua mulher, a bela e jovem Tessa (Rachel Weisz). Mas, postados no Alto Comissariado de Nairóbi, os Quayle se tornam motivo de irritação e embaraço para o governo inglês, por causa do brio de Tessa e da inabilidade, ou falta de vontade, do marido em controlá-la. Espécie de versão radical da princesa Diana, ela visita favelas, inspeciona campos de refugiados e investiga

FOTOS DIVULGAÇÃO



Meirelles, no Quênia, e Fiennes como Justin Quayle: nem a África nem a paixão têm cura



obsessivamente as atividades de um gigantesco conglomerado farmacêutico, disparando cartas, relatórios e denúncias para o governo, ONGs e para a própria corporação. É quase certo que seja essa a razão de Tessa aparecer brutalmente assassinada num ponto remoto do país, no episódio que dá início ao filme. Tão certo, na verdade, que todas as forças em ação no Quênia se unem sub-repticiamente para forjar uma história de banditismo e adultério (Tessa viajava com um médico negro, ausente da cena do crime), e também para demover Justin antes que ele se torne fonte de novos constrangimentos.

Essa estrutura convencional de thriller não dura muito nas mãos de Meirelles. A cena que abre *O Jardineiro Fiel*, aliás, já anuncia que ela será trocada por algo muito mais interessante: na pista de um aeroporto, assiste-se a uma despedida amorosa entre marido e mulher, que está partindo com o médico negro, Arnold Bluhm, naquela que será sua viagem final. À medida que Tessa e Arnold caminham em direção ao avião, ambos são tragados pela luz branca e intensa da África (a excelente fotografia é, de novo, do César Charlone de *Cidade de Deus*). Um momento corriqueiro, portanto, mas que prenuncia o caos. A despeito do tom de denúncia da trama — o conglomerado farmacêutico está usando a população miserável do Quênia como cobaia para um remédio com efeitos colaterais potencialmente letais —, esse será um caos de ordem íntima. Contrariando sua docilidade habitual, Justin decide que a única coisa que ainda pode fazer pela mulher morta é continuar sua cruzada, numa jornada que o levará de Berlim ao Sudão — e, acima de tudo, a seu próprio interior. O que vai transpirar ao longo do filme é que Justin, um jardineiro devoto da beleza e da serenidade de suas flores, sente que não deu a Tessa mais do que sua complacência, deixando-se manter na ignorância das atrocidades que a investigação da mulher ia revelando. Aprender a conhecê-la por meio de seu trabalho será, assim, seu grande gesto romântico.

Segundo Meirelles, o material rodado em oito semanas no Quênia e outras tantas na Europa era tão extenso que dele se poderia ter feito um thriller cheio de suspense e cenas de perseguição ou, da mesma forma, um drama político completo. Na sala de edição, entretanto, Meirelles e a montadora Claire Simpson per-



Rachel Weisz, como Tessa Quayle: uma versão radical e militante da princesa Diana

ceberam que o melhor e mais instigante *Jardineiro Fiel* seria esse que trata da paixão de Justin por Tessa. O desempenho de Ralph Fiennes, soberbamente matizado e contido, influiu nessa decisão. Mas a outra parte do mérito por ela deve ser atribuída aos instintos certos de Meirelles. Bombardeado por Hollywood com quase setenta roteiros na esteira do sucesso de *Cidade de Deus*, o brasileiro chegou a se ligar brevemente a *Colateral*, no qual dirigiria Russell Crowe (e que depois foi feito com Tom Cruise e o diretor Michael Mann). Mas desistiu do projeto em favor de *O Jardineiro Fiel* — disponível no Brasil pela editora Record — por ele ser mais barato (25 milhões de dólares), e assim lhe garantir mais liberdade, e por

acreditar que a história de Le Carré oferecia uma perspectiva original sobre uma indústria que, apesar de todos os benefícios que proporciona, detém um poder desmedido — e não hesita em usá-lo. Em entrevista a VEJA, o diretor disse que sua maior tristeza foi ter de descartar, em prol do ritmo narrativo, uma trama paralela sobre dois africanos tratados com o insuficientemente testado (e fictício) medicamento Dypraxa. Essas seqüências ficaram no chão da sala de montagem, mas muitas outras foram eliminadas antes, no processo de refeitura do roteiro — assinado pelo inglês Jeffrey Caine, parcialmente reorganizado por Bráulio Mantovani, também de *Cidade de Deus*, e palpitado por John Le Carré. As vítimas necessá-

rias dessa limpeza foram as intrincadas referências ao sistema de classes inglês e trechos substanciosos da trama.

Meirelles cortou muito, mas poderia ter cortado ainda mais. A tese política do filme, de que os governos hoje atuam como lacaios das grandes corporações em cantos do globo onde a lei é mais, digamos, flexível, é provocadora e oportuna. Mas, se há algo que faz peso em *O Jardineiro Fiel* e às vezes o puxa para trás, são o excesso de exposição sobre o Dypraxa e as maquinacões da indústria farmacêutica na África (de acordo com Le Carré, a sujeira que ele expõe em seu livro não é nada perto da realidade apurada em sua pesquisa). Aquilo que funciona na página compete no filme com a pungência do amor de Justin e com a vibração com que Meirelles filma um continente ainda mais tumultuado do que o seu. O brasileiro é um desses raros cineastas que florescem diante do imprevisto e do inesperado, e o excesso de enredo subtrai do prazer que é vê-lo em ação. Há que reconhecer a sensatez e a generosidade de Le Carré em não exercer os vários vetos a que seu contrato o autorizava: a única expectativa que Fernando Meirelles reverte com *O Jardineiro Fiel* é a de que os filmes são sempre piores do que os livros dos quais se originam. Este aqui, sem dúvida, é melhor. ■

veja Trailer e fotos do filme em
ON-LINE www.veja.com.br

O DISCRETO CHARME DE RALPH FIENNES

Revelado como um comandante nazista em *A Lista de Schindler* e consagrado como herói romântico em *O Paciente Inglês*, Ralph Fiennes parece deter um quase-monopólio sobre o papel do inglês de classe alta, patologicamente reservado e polido. Na superfície, é de novo esse o personagem que ele interpreta em *O Jardineiro Fiel*. Mas o que Fiennes demonstra é que o sotaque não faz o inglês. Além dele e da discrição, pouco têm em comum o autodestrutivo Conde Almásy de *O Paciente Inglês*, o amargo Bendrix de *Fim de Caso* ou o doce e vago Justin Quayle do filme de Fernando Meirelles — assim como eles, por sua vez, provavelmente só se irmanam com o próprio ator na sua reserva contumaz. Fiennes, de 42 anos, é tão hábil em camuflar os as-

pectos preponderantes de sua personalidade que, a cada filme, em vez de saber-se mais do que antes sobre ele, fica-se sabendo menos.

Essa qualidade rende uma cena análoga em *Jardineiro*. Avisado da morte de sua mulher, Justin Quayle permanece impassível. Apenas, numa reação que a platéia nunca calcularia, agradece ao colega a consideração de dar-lhe a notícia. Por seu rosto, porém, passam traços quase imperceptíveis de dor, confusão e pânico. “Eu, por mim, estaria burilando essa cena até hoje. Mas o Fernando argumentou que há algo de especial numa tomada que ainda é espontânea”, disse Fiennes a VEJA durante uma visita ao Rio de Janeiro, na semana passada.

Como o próprio ator frisa, ele não integra a lista “A” de Hollywood, aquela que

recebe todos os melhores scripts primeiro. Por isso seu currículo inclui trabalhos excepcionais, como o *Spider* de David Cronenberg, e outros que têm a distinção apenas de garantir algum poder de barganha ao ator. “*Encontro de Amor*, que fiz com Jennifer Lopez, não é um ótimo filme. Mas milhões de pessoas tiraram duas horas de satisfação dele. Se algo é popular e não me ofende, por que não fazê-lo?”, explica. É mais ou menos por essa razão que Fiennes fará Lorde Voldemort em *Harry Potter e o Cálice de Fogo* — é divertido, não ofende e metade dos seus amigos o fez jurar que não deixaria a oportunidade passar (a outra metade implorou que ele a recusasse). Quando sente que está se esgotando, ele vai se recarregar no teatro. E em especial com Shakespeare. “Se a questão é roteiro, qual poderia ser melhor do que os dele?”



Cage, como o traficante de armas Yuri Orlov: tão bom que poderia ser apenas ficção. Mas não é

Cinema

BUREAU L.A. COLLECTION/CORBIS/STOCK PHOTOS

TIRO E QUEDA

O Senhor das Armas mergulha fundo no negócio, sempre em expansão, de matar. É ótimo cinema

Na excepcional abertura de *O Senhor das Armas* (*Lord of War*, Estados Unidos/França, 2005), que estreia nesta sexta-feira no país, tem-se a oportunidade de conhecer uma vida estranha: a de uma bala de fuzil, desde seu nascimento do metal fundido, no Leste Europeu, até o momento em que ela estoura o crânio de um rapaz negro, num país africano qualquer. Existem cerca de 550 milhões de armas leves em circulação, ou uma para cada doze habitantes do planeta, explica a seguir o protagonista e narrador Yuri Orlov. A questão, emenda ele, é: como armar os outros onze? Interpretado com exuberância por Nicolas Cage, o personagem tem também ele uma vida estranha, que o filme acompanha com sofreguidão semelhante à de *Os Bons Companheiros*, de Martin Scorsese. Nascido

na Ucrânia e criado na periferia nova-iorquina, Orlov tem uma epifania ao se ver no meio de um tiroteio entre mafiosos russos, nos anos 80. Com seu restaurante, explica ele, seus pais atendem a uma necessidade humana básica — a de comer. Seu próprio destino, porém, é atender a outra necessidade, tão básica quanto o alimento — a de matar. Orlov alicia então seu irmão caçula e enfia-se no negócio do tráfico de armas, começando por baixo (vendas de peças usadas, por quilo) e subindo ao topo graças aos arsenais deixados sem dono pelo desmantelamento da União Soviética.

Os clientes de Orlov, claro, não são as polícias, os exércitos regulares e os cidadãos de ficha limpa, mas exatamente as pessoas que, armadas, fazem barbaridades: narcotraficantes, terroristas, genocidas e milicianos de ditadores infames. Vender para essa gente proporciona ao personagem um barato tão viciante quanto o da cocaína, e é por isso que *O Senhor das Armas*, escrito e dirigido pelo neozelandês Andrew Niccol (autor também de *Gattaca* e *O Show de Truman*), é o tipo mais eficiente de libelo: em vez de pregar ou admoestar, provoca partes iguais de re-

pulsa e interesse por seu protagonista. Nada desvia Orlov de sua trajetória — nem o mal que faz a seu irmão, nem o perigo que corre em suas negociações com ditadores como um assustador tirano liberiano. Preso pela Interpol, o traficante é libertado quase no minuto seguinte, graças a um telefonema vindo muito de cima. Sem ele, explica Orlov, de que outra forma as grandes potências poderiam levar armamentos às facções que apóiam às escondidas?

Esse não é um filme feito a uma distância segura de seu tema. Os tanques que Orlov vende e o avião Antonov-12 que ele usa foram emprestados pelo ex-militar russo Viktor Bout, que nega ser (mas é) um dos principais traficantes de armas ilegais do mundo, com serviços prestados a grupos que guerreiam em Angola, Ruanda, Paquistão e na própria Libéria, entre muitos outros países. Foi Bout também quem vendeu os 3 000 rifles AK-47 usados na produção e depois revendidos — de forma legítima, espera Andrew Niccol, mas quem pode garantir? Magnificamente filmado, amparado em dados de boa procedência e dirigido com verve, além de um humor quase perverso, *O Senhor das Armas* abate a tiros qualquer resquício de inocência da platéia. ■

I.B.

OURO DAS AMÉR

Lucila Soares

Uma mostra no Rio de Janeiro reúne um acervo de arte pré-colombiana como nunca se viu no país

No fim da década de 30, o russo naturalizado brasileiro Oscar Landmann foi pela primeira vez ao Peru e tomou contato com uma profissão de nome estranho: huaqueiro. A palavra identifica os caçadores de tesouros nas huacas, as pirâmides construídas pelas antigas civilizações pré-colombianas. Landmann, que viajava regularmente para o Peru para comercializar lúpulo, matéria-prima da indústria de cerveja, comprou desses huaqueiros, por preços irrisórios, as primeiras peças da coleção Edith e Oscar Landmann, uma das mais importantes do mundo. Ele teve uma visão rara naquela época, em que muitos foram às compras em toda a América com objetivo bem diferente — o de carregar todo o ouro possível para vender fora do país. “Sítios arqueológicos valiosíssimos foram explorados como se fossem garimpos”, resume Julio Landmann, responsável pela catalogação da coleção. É impossível dimensionar o que se perdeu nessa pilhagem, que começou no século XVI com a conquista espanhola e persiste até

hoje. A fração que foi salva permite ter idéia da magnitude da produção intelectual, científica e artística alcançada pelos povos que começaram a ocupar o território americano há cerca de 18 000 anos, segundo as pesquisas mais recentes. Uma boa chance de conferir essa herança é a mostra *Por Ti América*, que será inaugurada na terça-feira, no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro.

A exposição guarda uma diferença importante em relação a outras grandes mostras de arte pré-colombiana, como *O Império Asteca*, que lotou museus em Londres, Berlim,

Guerreiro em ritual: imagem de cerâmica, proveniente do México, tem 3 000 anos

FOTOS DIVULGAÇÃO

INCAS

Bonn, Nova York e Bilbao em 2004 e ao longo deste ano. Em vez de mergulharem na produção de uma civilização específica, os curadores optaram por reproduzir o mosaico cultural que caracterizava a América antes da chegada de Colombo. Na mostra (que segue em fevereiro para São Paulo e em maio para Brasília), estão representados 52 povos através de 350 peças cedidas por onze instituições de sete países — Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Guatemala, México e Peru. O painel aborda a visão de mundo, a vida cotidiana, a religião, a organização política e a linguagem de povos pouco conhecidos pelos leigos, como chavin, paracas, nasca, tarasca, diaguita, mochica, chimu ou mapuche. “Queremos mostrar ao grande público que a América pré-colombiana não se restringe a astecas, maias e incas e que, no conjunto, a produção desses povos

tem uma sofisticação que a maioria das pessoas não imagina”, diz a arqueóloga Marcia Arcuri, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, curadora da exposição.

O conjunto abrange objetos do período que vai de aproximadamente 2 500 a.C. até o século XVI. Alguns chamam atenção pela riqueza, como o peitoral de coração, uma indumentária cerimonial de ouro composta de partes articuladas que mede quase 40 centímetros de altura. Outros, também de ouro, se destacam pelo refinamento técnico, como a proteção de nariz em formato de mariposa que ilustra esta reportagem ou algumas peças filigranadas de grande delicadeza. Há ainda um grupo de peças que impressionam pelo que revelam do avanço do conhecimento de alguns povos. É o caso dos códices (livros feitos em pergaminho) que sobreviveram à implacável queima promovida pela dominação espanhola e demonstram a existência da comunicação escrita. Ou do quipu, um instrumento de cálculo numérico

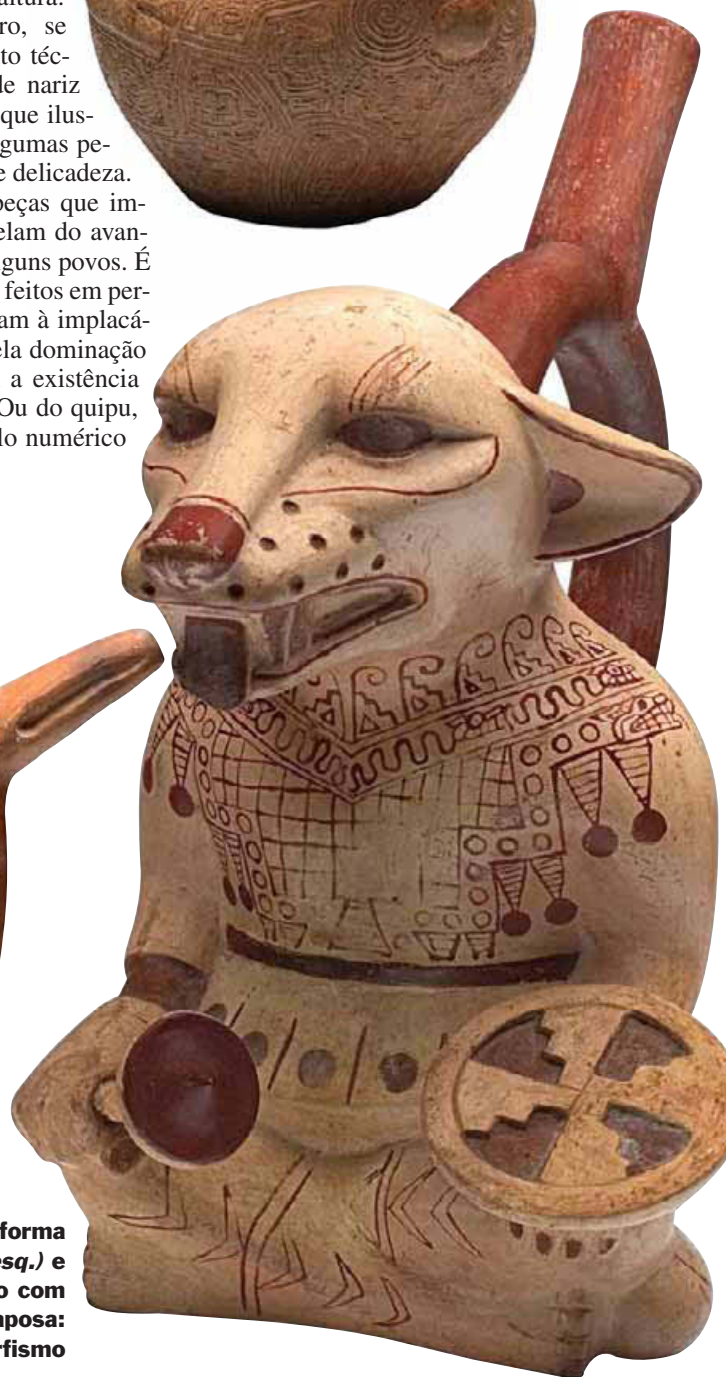
Urna funerária marajoara em forma de mulher grávida: povo viveu no Brasil



Narigueira de ouro colombiana, usada em rituais: delicadeza



Apito em forma de ave (à esq.) e vaso peruano com cabeça de raposa: zoomorfismo



REBELD

As crianças já não gostam de Sandy. Elas agora idolatram roqueiros radicais — mas só no visual

Paula Aoyagui

Tear (acima) e túnica (à dir.) peruanos e disco de bronze argentino: técnicas e materiais diversificados



FOTOS DIVULGAÇÃO



FERNANDO TORQUATRO

da civilização inca, composto de fios de nós. Ou ainda de um pedaço de osso com 10 centímetros de comprimento e inscrições semelhantes a pequenas flores que registram o ciclo do planeta Mercúrio. Certos artefatos, por fim, têm importância histórica por confirmar uma tese até pouco tempo atrás bastante controversa, que dá conta de um intenso intercâmbio cultural e comercial entre povos americanos. Um dos exemplos mais representativos é a túnica ritual peruana que retrata lhamas, um animal andino, e é feita com penas de aves tropicais.

Diante de tamanha riqueza, é espantoso verificar como essas culturas demoraram a ser valorizadas. Até a década de 60, quando a maioria dos países começou a estabelecer regras para a exploração de sítios arqueológicos, tudo o que se buscava era ouro, o que provocou a destruição não só das peças feitas desse metal como também de verdadeiros tesouros de outros metais, cerâmicas e tecidos. Mesmo hoje, por vezes impressiona o desleixo com que são tratados conjuntos preciosos. Um caso que ilustra esse enredo é o da coleção

de 765 peças de cerâmica marajoara adquirida em circunstâncias nunca bem esclarecidas pelo ex-banqueiro Edegar Cid Ferreira. Esse tipo de cerâmica é considerado patrimônio cultural e não pode ser propriedade privada. Em 2002, Edegar obteve do Iphan a guarda provisória das peças pelo Instituto Cultural Banco Santos, fundado por ele. Com a falência da instituição, recentemente, o Iphan decidiu cassar a licença e devolver a coleção à Amazônia. No interregno, concedeu ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE) a guarda provisória do acervo. Mas uma decisão judicial equivocada deu ao MAE a guarda definitiva, e agora uma briga se arrasta. As peças ainda estão no galpão — lacrado pela polícia — do Instituto Cultural Banco Santos, na Vila Leopoldina, em São Paulo. A internacionalmente famosa cerâmica marajoara, contudo, está bem representada no acervo de *Por ti América*. Ela é o destaque na seção dedicada aos povos que ocupavam terras hoje pertencentes ao Brasil, ao lado de peças da região entre os rios Negro e Solimões e da área em torno da atual cidade de Santarém, no Pará. ■

veja ON-LINE Outras imagens de peças da mostra em www.veja.com.br



IA BEM-COMPORTADA

Se depender das crianças e pré-adolescentes, Sandy pertence ao passado. Hoje, não há nada mais “por fora” para o público dos 8 aos 13 anos que as baladas carolas da dupla formada pela cantora e seu irmão Junior. A garotada agora consome outro produto: uma certa “rebelia graciosa”. A trilha aberta pela canadense Avril Lavigne foi seguida por duas congêneres nacionais: a paranaense Marjorie Estiano e a baiana Pitty. Marjorie ganhou fama como atriz na novelinha *Malhação*, da Rede Globo. Para viver a vilã Natasha, vocalista da fictícia Vagabanda, ela cortou sua cabeleira e a pintou de vermelho. Lançado em maio, seu disco de estréia vendeu mais de 125 000 cópias. Já a roqueira Pitty ultrapassou as 250 000 unidades com seu primeiro disco, de 2003. Perto dela (oriunda de uma banda punk), Marjorie passaria por Cinderela — mas o fato é que Pitty também deve muito de suas vendas à criançada. A tendência tem seus representantes masculinos: o rock “revoltado” do grupo carioca Detonautas e do paulistano CPM 22 também virou item de consumo infantil.

Na semana passada, essas cantoras e bandas se destacaram numa premiação do canal pago Nickelodeon — bom termômetro do que está em alta entre

DIZ-ME QUEM TE OUVI...

Os artistas de pop-rock mais consumidos em cada faixa etária

CRIANÇAS E PRÉ-ADOLESCENTES
Gostavam de Sandy & Junior até recentemente, mas agora acham que a dupla é coisa para criança de fralda. Passaram a consumir artistas com aura de rebeldes
O que ouvem: Pitty, CPM 22, Marjorie Estiano, Detonautas



CPM 22: os “punks de Alphaville” são limpinhos

crianças e pré-adolescentes. Rainha de outras edições da festa, Sandy não levou nenhum prêmio dos espectadores. Não é difícil entender por quê. Cada vez mais, a garotada abomina tudo o que lhe pareça “coisa de criança” — prefere consumir o pop-rock endereçado, em tese, a seus irmãos mais velhos. “Com mais acesso à informação, as crianças estão abraçando precocemente a ideologia dos adolescentes”, diz a terapeuta Lídia Aratangy. O curioso é que esses últimos, por sua vez, querem se diferenciar dos mais novos: passaram a buscar artistas “maduros” como Los Hermanos, com suas pretensiosas misturas de rock e MPB (veja quadro).

ADOLESCENTES
O público feminino escolhe seus favoritos pelo visual sexy e pela “sensibilidade”. Os rapazes preferem roqueiros cujos discos soem mais elaborados ou com os quais se identifiquem nas crises típicas da idade
O que ouvem: Jota Quest, Charlie Brown Jr., Capital Inicial, Los Hermanos

A rebelia dos novos ídolos infantis é concebida nos departamentos de marketing das gravadoras. Em geral, ela não vai além dos discursos com “atitude” e do visual “radical”. Pitty só estourou depois que sua música foi, digamos, amaciada. Mas o que as crianças adoram mesmo é sua estampa exótica e tatuada. O CPM 22 é adepto do “emocore” — um hardcore com emoção. É rock pesado, mas

tão certinho que já levou o desafeto Chorão, vocalista do grupo Charlie Brown Jr., a chamá-los de “punks de Alphaville”, em referência a um condomínio de luxo nas imediações de São Paulo.

Marjorie Estiano não se importa com sua condição de rebelde de laboratório. Ela jura que não tem semelhanças com a problemática Natasha. “Sou mais boazinha”, diz. As baladas que recheiam seu CD foram criadas por produtores. Em tempo: Marjorie só faz shows no período da tarde. Se ela se apresentasse à noite, o Juizado de Menores vetaria 99% da platéia. ■

FABIO MOTTVAE



ADULTOS
Buscam conforto em artistas que envelheceram junto com eles. Incluem-se aí os ex-rebeldes que amansaram seu estilo com o tempo e as figuras do pop que fazem um som mais sofisticado
O que ouvem: Skank, Ira!, Lulu Santos, Paralamas do Sucesso

NASCIDOS PARA MORRER

Romance de Kazuo Ishiguro fala de um mundo em que clones são gerados para doar órgãos

Jerônimo Teixeira



Kazuo Ishiguro, de 50 anos, celebrou-se com *Os Resíduos do Dia*, romance ganhador do prêmio Booker de 1989. Era uma história intimista sobre um mordomo que desperdiça a vida a serviço de um lorde inglês. A obra encaixava-se numa comportada tradição realista britânica — pense em Jane Austen, em Thomas Hardy, em Henry James (não importa que este seja americano de nascimento: o próprio Ishiguro é natural de Nagasaki, no Japão). Parecerá estranho que um autor tão “refinado” agora invista num gênero popularesco como a ficção científica. Mas foi isso que ocorreu: os personagens centrais de *Não Me Abandone Jamais* (tradução de Beth Vieira; Companhia das Letras; 344 páginas; 45 reais) são todos clones. “O clone abre possibilidades ricas para a ficção”, disse o autor a VEJA. “É uma nova maneira de levantar velhas perguntas sobre a alma humana.” Não se espere, portanto, que os personagens de Ishiguro tenham poderes extrasensoriais ou força sobre-humana: essa é uma ficção científica discreta, em tom menor. Os clones, aliás, têm muito em comum com o mordomo de *Os Resíduos do Dia*: também chegam ao fim da vida com a sensação de tê-la desperdiçado.

A história tem como centro uma instituição tipicamente inglesa: a escola interna. A narradora, Kathy, guarda lembranças doces de Hailsham, o internato onde passou a infância e a adolescência ao lado dos amigos Ruth e Tommy. A palavra “clone” figura poucas vezes no livro e só aparece

lá pelo meio da narrativa. Mesmo assim, desde a primeira página fica marcada a sensação de que Hailsham não é uma escola comum. Os professores são chamados de “guardiões” e os estudantes são preparados para se tornar “doadores” na vida adulta. É evidente que a doação em causa só pode ser de órgãos: os alunos de Hailsham estão destinados a morrer na mesa de cirurgia para oferecer a cura às pessoas “normais”. A expectativa de vida deles fica em torno de 30 anos.

Uma nota no início do romance localiza a ação na Inglaterra, no fim dos anos 90. É um mundo alternativo, no

qual os avanços que só recentemente a biotecnologia alcançou começaram a aparecer logo depois da II Guerra. Não se trata de uma distopia à la *Admirável Mundo Novo*. “De certo modo, já vivemos em um mundo como o descrito na minha obra: ainda não criamos clones, mas já existe um mercado negro mundial de órgãos”, diz Ishiguro. O livro não se demora na descrição dessa sociedade que replica seres humanos para o abate. Ishiguro está mais preocupado com o mundo íntimo do conflituoso triângulo amoroso formado por Kathy, Ruth e Tommy — suas justificadas angústias e suas esperanças irreais em relação ao futuro.

O efeito estético de *Não Me Abandone Jamais* repousa numa dissonância bem cultivada: o fato de que os perso-



VICTOR DE SCHWANBERG
SP/STOCK PHOTOS

Representação de bebês clonados: nova ciência, velhas questões morais



MIKE SEGAR/REUTERS

Ishiguro: “Não criamos clones, mas já existe mercado de órgãos”

nagens estão desde o início destinados a ser bancos de órgãos nunca se apresentam como aquilo que é — uma monstruosidade. O método narrativo de Ishiguro é de uma sutileza excruciante — as realidades mais duras sempre acobertadas por eufemismos e subentendidos. Fala-se muito nas “doações” dos diferentes personagens, mas nunca se informa que órgãos são retirados a cada operação. A narrativa, aliás, perde força quando abandona o meio-tom para dar explicações — o momento em que Kathy e Tommy confrontam os administradores de Hailsham em busca de respostas é seu ponto baixo.

O mais perturbador no livro é a submissão dos personagens. A idéia de fugir ou se revoltar nunca ocorre a nenhum deles. Ishiguro diz que quis escapar do esquema básico de filmes como *A Ilha*: o clone como uma versão moderna do escravo rebelde. “Eu queria que os clones representassem a impossibilidade humana de escapar de seu destino, a morte”, diz. Em certa medida, a condição dos clones é mais simples: eles sabem por que foram colocados no mundo e o que esse mundo espera deles. *Não Me Abandone Jamais*, a despeito da melancolia de seus personagens, oferece algum consolo ao leitor: suas dúvidas existenciais serão sempre preferíveis às tristes certezas de um clone. ■

veja **Trecho do livro em**
ON-LINE **www.veja.com.br**

DIOGO MAINARDI

O grande expurgo



Depois de derrubar Lula, não quero uma medalha, não quero uma estátua eqüestre, não quero que me cubram de dinheiro. Meus desejos são mais singelos. Quero que me chamem para comandar o grande expurgo do petismo na imprensa.

Minha primeira medida será eliminar, para sempre, qualquer notícia sobre figuras como Hélio Bicudo. Ele errou em todas as suas escolhas políticas. Não estou interessado em conhecer as atuais escolhas políticas de um velhinho que, até hoje, só errou. Claro que Hélio Bicudo é apenas um exemplo. Minha lista de personagens proscritos é longa e abrangente. Os petistas estão em todos os lugares. Tomaram conta de tudo. Os jornais cismam em perguntar o que eles

me um artigo de Luiz Garcia, e eu saberei lhe dizer exatamente como, quando e onde ele é petista. Outro

dia, um sindicato de jornalistas protestou porque, em tom de blague, eu disse que doaria dinheiro a Pat Robertson, o pastor americano que defendeu o assassinato de Hugo Chávez. Minha maior alegria, no campo profissional, é saber que estou tirando o emprego de um desses jornalistas petistas.

Não que a batalha seja fácil. O petismo contaminou todas as áreas da imprensa, das charges políticas às páginas esportivas. Até o horóscopo é petista. Marcelo Madureira me deu de

presente um livro intitulado *O Governo Lula e os Astros*. Foi publicado em 2003. Nele, a astróloga petista Bárbara Abramo, do jornal *Folha de S.Paulo*, fazia suas previsões sobre o futuro do Brasil. Ela garantia que Lula e José Dirceu conseguiriam “mudar o país”, promovendo melhorias “dignas de nota na educação, na saúde, no meio ambiente”. A entrada do Sol em Áries daria origem a “um novo jeito brasileiro de ser, resgatando ri-

“Lula está morto. Mas o petismo sobrevive. Se soubermos aproveitar a morte política de Lula para enterrar definitivamente o petismo, o país sairá um pouco menos emburrecido dessa enrascada em que se meteu”

quezas culturais da floresta, das populações esquecidas por este Brasilão de meu Deus”. Eu não quero o resgate das riquezas culturais da floresta. Quem quer o resgate das riquezas culturais da floresta é Aldo Rebelo.

Lula está morto. Mas o petismo ainda sobrevive. Se soubermos aproveitar a morte política de Lula para enterrar definitivamente o petismo, o país sairá um pouco menos emburrecido dessa enrascada em que se meteu. Prometo cumprir minha parte.

É um erro confundir o petismo com o PT. O petismo é muito mais danoso e muito mais antigo que o PT. Há pelo menos sete décadas ele atrofia o pensamento nacional. Há pelo menos sete décadas ele condena o país ao atraso. É preciso erradicar o petismo das cartilhas escolares, do comércio agrícola, da pesca submarina, da Fiesp, da Febraban, do PSDB. Do meu lado, posso ajudar a erradicá-lo da imprensa. Tenho olho para petistas. Consigo identificá-los até pelo cheiro. Mostre-



Lá no Alto das Nuvens: McCartney (abaixo) para crianças



LIVROS



SETH WENIG/REUTERS

Lá no Alto das Nuvens, de Paul McCartney, Geoff Dunbar e Philip Ardagh (tradução de Ruth Rocha; Planeta; 96 páginas; 35 reais) — Depois da cantora Madonna, o ex-beatle Paul McCartney é a mais nova celebridade da música a lançar-se como autor infantil. E com ótimo resultado: *Lá no Alto das Nuvens*, sua estréia no gênero, é uma bela fábula sobre ecologia e companheirismo. Sob inspiração das histórias de Walt Disney, McCartney narra as aventuras do esquilo Serelepe. Depois de perder sua mãe por causa da devastação da floresta, ele parte em busca de uma ilha em que todos os bichos vivem em paz. McCartney escreveu o livro em parceria com Philip Ardagh, veterano autor do ramo. As ilustrações de Geoff Dunbar são um atrativo à parte. 📖

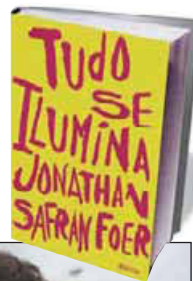
Tudo Se Ilumina, de Jonathan Safran Foer (tradução de Paulo Reis e Sergio Moraes Rego; Rocco; 365 páginas; 48 reais) — Em 1997, o americano Jonathan Safran Foer viajou para a Ucrânia

com uma idéia fixa: achar a mulher que salvou seu avô da perseguição nazista aos judeus. Não obteve sucesso, mas tirou daí o mote de seu original romance de estréia — que o transformou, aos 24 anos, em revelação da literatura americana. *Tudo Se Ilumina* tem o próprio escritor como protagonista. Ele busca suas raízes em companhia do ucraniano Alex, filho de um agente de viagens, de seu avô e do cão deste. A história é contada de vários pontos de vista — e a narração do guia Alex, com seu sotaque carregado, rende boas piadas. Foer aborda, com humor, questões como história, família e a fragilidade da memória. 📖

O americano Foer: estrela em ascensão



BETH KEISER/CORBIS/STOCK PHOTOS



O Mistério de Olga Tchekova, de Antony Beevor (tradução de Clóvis Marques; Record; 336 páginas; 45,90 reais) — A trajetória da russa Olga Tchecova (1897-1980) é digna de um filme. Sobrinha do escritor Anton Tchecov, ela deixou a União Soviética para se tornar uma estrela de cinema na Alemanha nazista. Bela e ambiciosa, Olga frequentava o círculo do ditador Adolf Hitler e de seus auxiliares. Mas há indícios de que colaborou com a espionagem soviética — o que ela sempre negou. Especialista em II Guerra Mundial e autor de relatos históricos como *Stalingrado*, o britânico Beevor esmiúça essa biografia cheia de sombras e lacunas de maneira fascinante. 📖



Olga Tchekova: a serviço de Hitler ou espia soviética?



DISCOS

Now, Astrud Gilberto (MNF) — Com sua interpretação suave de *Garota de Ipanema*, Astrud Gilberto ajudou a consagrar a bossa nova, nos anos 60. Mas o currículo da ex-mulher de João Gilberto vai muito além: inclui parcerias com ícones do jazz e incursões por outros gêneros. É o caso desse CD de 1972 (que estava fora de catálogo no Brasil havia anos). Cercada de músicos como o pianista Eumir Deodato e o baixista Ron Carter, Astrud passa longe do banquinho e violão. Ela canta de Luiz Gonzaga (*Baião*) a Milton Nascimento (*Bridges*, versão em inglês para *Travessia*). Só há deslize no crédito de *Take It Easy My Brother Charlie*: Astrud aparece como autora da canção, que é de Jorge Ben Jor.





Arcade Fire:
quinze almas
melancólicas

DIVULGAÇÃO

Funeral, Arcade Fire (Slag Records) — Liderado pelos cantores Win Butler e Régine Chassagne, o Arcade Fire é uma espécie de conglomerado: tem cinco músicos fixos e mais

uma dezena de colaboradores. O grupo canadense (que será atração de um festival em várias capitais brasileiras no fim do mês) bebe do pop “chique” do Roxy Music e das melodias tristes do rock inglês dos anos 80. Mas não é vítima de angústia da influência: *Funeral*, seu disco de estréia, mostra que é possível cultivar o passado sem abrir mão de uma marca autoral. Faixas como *Crown of Love* traduzem a melancolia da banda nas gravações, quando alguns integrantes perderam familiares e outros passaram por separações. Outro destaque é *Rebellion*, que poderia constar em qualquer disco do Roxy Music.

DVDs

O Fantasma Apaixonado (*The Ghost and Mrs. Muir*; Estados Unidos, 1947. Fox) — Uma jovem viúva cansa-se de morar com a sogra e, num impulso, compra uma velha casa que se diz ser assombrada no litoral inglês. Surpresa: o fantasma do capitão Gregg, o proprietário anterior, é real. E é também incrivelmente ranzinza — ou pelo menos até se deixar vencer pelos encantos da senhora Muir, que, impressionada com o espírito (sem trocadilho) independente do

O Fantasma Apaixonado:
romance da era de ouro



EVERETT COLLECTION/KEystone

finado marujo, retribui a afeição. Protagonizado por Rex Harrison e Gene Tierney e dirigido por Joseph L. Mankiewicz com as doses certas de humor e sentimentalismo, esse é um dos melhores romances da era de ouro do gênero. O filme inspirou a série *Nós e o Fantasma*, produzida entre 1968 e 1970.

Redescobrimo Dave Brubeck

(Indie Records) — Em 1959, com o disco *Time Out*, o pianista americano Dave Brubeck tornou-se o primeiro artista de jazz a vender mais de 1 milhão de cópias. Autor de *Take Five*, um dos temas mais revisitados do gênero (e ao qual o cineasta Woody Allen prestou reverência em vários filmes), ele também se dedica à música erudita. A vida e a carreira do músico de 84 anos são esquadrihadas nesse documentário produzido em 2003 pela rede americana PBS. O forte do programa é, claro, a boa música: ele resgata apresentações raras, extraídas do arquivo pessoal de Brubeck. Há ainda cenas de sua intimidade: o pianista é entrevistado ao lado da mulher e colaboradora, Iola, e também flagrado num ensaio junto com os filhos.



Brubeck: jazz,
música erudita e
piano em família

JACK KILBY/RETNA

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

- 1 **Memória de Minhas Putas Tristes**
Gabriel García Márquez (1-13)
- 2 **O Código Da Vinci**
Dan Brown (2-77)
- 3 **O Caçador de Pipas**
Khaled Hosseini (4-2)
- 4 **Fortaleza Digital**
Dan Brown (6-27)
- 5 **Anjos e Demônios**
Dan Brown (3-47)
- 6 **Quando Nietzsche Chorou**
Irvin D. Yalom (5-26*)
- 7 **Assassinatos na Academia Brasileira de Letras**
Jô Soares (9-23)
- 8 **As Cinco Pessoas que Você Encontra no Céu**
Mitch Albom (8-39*)
- 9 **Casório?!**
Marian Keyes (7-5)
- 10 **A Cura de Schopenhauer**
Irvin D. Yalom (10-7)

NÃO-FICÇÃO

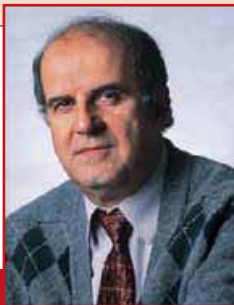
- 1 **Freakonomics**
Stephen Dubner e Steven Levitt (1-14)
- 2 **Amor É Prosa, Sexo É Poesia**
Arnaldo Jabor (2-44)
- 3 **Dossiê Brasília — Os Segredos dos Presidentes**
Geneton Moraes Neto (6-5)
- 4 **102 Minutos**
Jim Dwyer e Kevin Flynn (8-5)
- 5 **Almanaque Anos 80**
Luiz André Alzer e Mariana Claudino (3-39)
- 6 **O Chef sem Mistérios**
Jamie Oliver (7-20)
- 7 **Perdas & Ganhos**
Lya Luft (10-113)
- 8 **Colapso**
Jared Diamond (4-4)
- 9 **Onde Encontrar a Sabedoria?**
Harold Bloom (5-2)
- 10 **A Entrega — Memórias Eróticas**
Toni Bentley (9-2)

AUTO-AJUDA E ESOTERISMO

- 1 **O Monge e o Executivo**
James Hunter (1-42*)
- 2 **Jesus, o Maior Psicólogo que Já Existiu**
Mark Baker (2-28)
- 3 **Adolescentes: Quem Ama, Educa!**
Içami Tiba (3-2)
- 4 **Nunca Desista de Seus Sonhos**
Augusto Cury (4-45)
- 5 **Desvendando os Segredos da Linguagem Corporal**
Allan e Barbara Pease (7-7)
- 6 **Superdicas para Falar Bem em Conversas e Apresentações**
Reinaldo Polito (8-3)
- 7 **Pais Brillhantes, Professores Fascinantes**
Augusto Cury (6-88*)
- 8 **Por que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?**
Allan e Barbara Pease (9-94*)
- 9 **O Poder que Vem do Seu Nome**
Aparecida Liberato e Beto Junqueira (5-7)
- 10 **Pai Rico, Pai Pobre**
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter (0-35*)

(a-b*) a) posição do livro na semana anterior
b) há quantas semanas o livro aparece na lista
* semanas não consecutivas

Fontes: São Paulo: Cultura, Laseva, Livraria da Vila, Siciliano, Nobel, Fnac; Rio: Saraiva, Laseva, Sodiler, Siciliano, Travessa, Argumento; Porto Alegre: Saraiva, Siciliano, Cultura; Brasília: Sodiler, Siciliano, Saraiva, Leitura; Recife: Sodiler, Saraiva, Siciliano, Cultura; Natal: Sodiler, Florianópolis: Siciliano, Livrarias Catarmense; Goiânia: Fortaleza; Fortaleza: Siciliano, Laseva; Salvador: Siciliano, Curitiba: Siciliano, Livrarias Curitiba; Londrina: Livrarias Porto; Belo Horizonte: Siciliano, Leitura; Maceió: Sodiler, Belém: Clio, Vitória: Leitura; internet: Cultura, Laseva, Leitura, Saraiva, Sodiler, Nobel, Fnac, Siciliano, Submarino.



O duplo estrago do bispo-bomba

Roberto Pompeu de Toledo **Ensaio**

Dom Cappio embaralhou tanto o projeto do São Francisco quanto a doutrina católica sobre o suicídio

Os monges budistas que se opunham à presença dos Estados Unidos no Vietnã, nos anos 60, tiveram no suicídio sua arma. Eles surgiam de repente, em algum ponto de Saigon, a capital do então Vietnã do Sul, e formavam um círculo, com um deles no meio. Os que estavam em volta jogavam gasolina no do meio. Este sacava de um fósforo e ateava-se fogo. Os religiosos feitos línguas de fogo no meio da rua desempenharam papel decisivo na causa que levaria os americanos à derrota.

Anos depois, o recurso ao suicídio foi retomado pelo Islã. Entraram na moda os homens-bomba que em nome de Alá se explodem em Israel e no Iraque, em Madri e em Londres. O grau de perversidade, na passagem de Buda para Maomé, aumentou esponencialmente. Os homens-bomba não se contentam em acabar com a própria vida, mas têm sua razão de ser em levar outros junto. A Igreja Católica fez seu ingresso no mundo do suicídio como instrumento de ação política nestes últimos dias, às margens do Rio São Francisco, na pessoa do bispo Luis Flávio Cappio.

Nada contra a causa do bispo. O arquivamento do projeto de transposição das águas do São Francisco, como queria dom Cappio, com a greve de fome “até a morte” que iniciou no dia 26, constitui-se, para o governo, na única saída possível para a encrência em que se meteu. Há incertezas tanto quanto ao impacto ambiental da obra como quanto aos benefícios que ela se propõe a gerar. Num governo motivado pelo padrão Duda Mendonça de governança marqueteira, sobram razões para desconfiar de que motivos sobretudo propagandísticos e eleitoreiros conduziram à decisão de encetar, no semi-árido nordestino, uma empreitada que lembra alucinações faraônicas como a Transamazônica dos tempos do regime militar. Melhor para o governo, a essa altura, será dobrar o projeto, escondê-lo debaixo do braço e sair de fininho. E para isso o gesto de dom Cappio prestou bom serviço. Já quanto ao método... Pode um católico dar cabo à própria vida? Os suicidas, para a doutrina católica, são párias, a quem não se admite ser enterrados em cemitérios consagrados pela Igreja. Na *Divina Comédia*, de Dante, os suicidas, transformados em árvores, habitam o sétimo círculo do inferno, o mesmo reservado aos tiranos e assassinos.

A mensagem em que o bispo anunciou a decisão de fazer greve de fome “até a reversão” do projeto do gover-

no balança entre o Altíssimo e a pragmática cartorial. Começa no Altíssimo, invocando “Jesus ressuscitado”, e cede a detalhes como o de exigir do presidente da República um “documento assinado” revogando o projeto de transposição, ou como o de transcrever, abaixo da assinatura de dom Cappio, para bem assegurar os efeitos civis do documento, o número de seu RG (3 609 560) e o do CPF (291 828 835-72). O sagrado enlaçava-se à boa ordem tabeliã. A invocação às esferas sobrenaturais reforçava-se com a segurança das assinaturas e dos carimbos. Mais calculada busca de eficácia impossível. Ainda mais que se seguiu uma carta ao presidente Lula em que dom Cappio, depois de lhe expressar sua admiração, e de garantir que não havia em seu gesto nenhuma “atitude anti-Lula” (imagine-se se houvesse), passou-lhe o terrível recado, duro como um anátema: “Minha vida está em suas mãos”. Não contente em enveredar pela trilha do suicídio, o bispo lançava a culpa em outro. Aos cuidados cartoriais com que revestiu a causa, acrescentava a arma insuperável da chantagem.

Dom Cappio provocou divisões na Igreja. O secretário-geral da CNBB, dom Odilo Scherer, considerou “moralmente inaceitável” a greve de fome. Mas dom Tomás Balduino, presidente da Comissão Pastoral da Terra, derreteu-se em elogios ao grevista da fome e seu “audacioso gesto”, fruto de “heróica inspiração”. O contra-ataque veio da parte do arcebispo da Paraíba, dom Aldo Pagotto, que não só condenou a “atitude isolada” de dom Cappio, que “não se identifica com a opinião nem com a postura de muitos outros bispos brasileiros”, como também — suprema heresia — se pôs ao lado do projeto do governo, a seu ver “uma bênção para o povo do semi-árido”. Para quê? Dom Tomás Balduino respondeu com um tiro de canhão. Para ele, dom Pagotto abriga “o nefasto objetivo de dividir o episcopado brasileiro”. E assim os bispos do Nordeste afundavam em bate-boca digno de CPI do Congresso.

Na quinta-feira, depois de receber uma carta do presidente Lula, entregue pessoalmente pelo ministro Jaques Wagner, dom Cappio suspendeu a greve de fome. O bispo-bomba ganhou a parada. O presidente não se comprometeu a arquivar o projeto, mas disse que ia “prolongar o diálogo”, o que talvez signifique a mesma coisa. E assinou embaixo! Saiu perdendo a doutrina católica. Dom Cappio, dom Balduino e outros relativizaram a condenação que, até então, se supunha pairar sobre o suicídio. Quando a serviço de uma boa causa, vale. Espera-se que daqui para a frente os eclesiásticos que se filiam a essa linha de pensamento deixem de condenar a eutanásia e o aborto. Se o fizerem, incorrerão no pecado da hipocrisia.



sadia

**Oferta e demanda:
um assunto que seu paladar conhece bem.**

O que a Sadia mais quer é que você coma bem. Por isso, a HP ajuda a Sadia a receber informações precisas sobre quando e para onde transportar os produtos, de forma que estejam sempre disponíveis nas prateleiras, dentro e fora do Brasil. Assim, se você estiver com fome ao meio-dia ou às 3 da manhã, os produtos Sadia estarão sempre prontos para você. hp.com/plus_sadia



hp

= tudo é possível

